FUNDADOR — JOAQUIM MANSO SÁBADO, 10 DE OUTUBRO DE 1959 ANO 39.º — NÚMERO 13 232

Diario de Lisbôa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES
DIRECTOR-ADJUNTO — MARIO NEVES

TELEF.: 20271, 20272, 20273, 21154 e 21155 — REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRAFICA — EDITOR — J. CHRISOSTOMO DE SA
ENDEREÇO TELEGRAFICO: D I B O A — RUA LUZ SORIANO, 48 — LISBOA — ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º — NUMERO AVULSO: UM ESCUDO

"Actualidade de João do Rio"

Com este mesmo titulo, publica Luís Teixeira na nossa Imprensa ultramarina, um artigo muito oportuno, que nos recorda a primeira visita de Paulo Barreto (João do Rio) a Portugal, em 1909, há cinquenta anos. Esse acontecimento, particularmente querido ao meu coração e ao meu espirito, teve importancia grande nas relações luso-brasileiras, e justo é que se relembre. Certo, Luís Teixeira era ainda então uma criança, se acaso já nascera. Não conheceu João do Rio, que morreu em 1921, de um colapso cardiaco, ao regressar a casa, depois da sua exaustiva tarefa no jornal «A Pátria» que então dirigia e que fundara e onde, a cada passo, exaltava os homens, as coisas, as glórias, passadas, e as esperanças de futuro do povo português, unido ao Brasil para a realização de uma eficiente política atlantica. Mas se Luís Tei-

JOÃO DE BARROS

(Continua na página seguinte)

A notável acção desenvolvida pela Fundação Gulbenkian

A obra da Fundação Gulbenkian merece o respeito e o aplauso de quantos tenham seguido a acção da sua ponderada e inteligente administração no espaço deste ultimo ano. Entre nós, por exemplo, uma

(Continua na 3.ª página)

Herbert Morrison, personalidade de destaque no Partido Trabalhista, votou pela ultima vez como «plebeu». Agora foi nomeado «lord» e não mais se poderá apresentar aos eleitores ingleses, que tantas vezes o escolheram para seu representante

Após a vitória dos conservadores ingleses

O chefe do Governo britânico vai concentrar a sua atenção nos problemas relacionados com a situação mundial

LONDRES, 10.—O novo Parlamento britanico será inaugurado, oficialmente, no dia 27 de Outubro. Uma semana antes, no dia 20, a Camara dos Comuns reune-se, a fim de eleger o respectivo presidente.

Círculos políticos londrinos declararam, esta manhã, que o primeiro-ministro Harold MacMillan não tem quaisquer importantes diplomas legislativos a apresentar á apreciação do Parlamento, durante os próximos meses, e que tenciona sugerir que as reuniões da Camara dos Comuns sejam mais curtas, de futuro.

Sabe-se que MacMillan, que continua a manifestar empenho em conseguir que seja convocada, o mais cedo possível, uma conferência de alto nível, entre o Leste e o Ocidente, está disposto a não se preocupar, de momento, com os problemas de política interna, a fim de poder concentrar toda a sua atenção ás questões relacionadas com a actual situação internacional.

Quanto ás prováveis consequências da «retumbante derrota» infligida ao Partido Trabalhista britanico, observadores autorizados declaram-se convencidos de que não se fará esperar, nas fileiras trabalhistas, «guerra aberta» entre o grupo dos moderados, chefiado por Hugh Gaitskell, e o dos extremistas, capitaneados pelo «ultra-esquerdista» Aneurin Bevan.

Na opinião dos comentadores políticos, as dissenções, que se avolumaram nos ultimos meses, dentro do próprio partido, entre «moderados» e «extremistas», foram a principal causa da derrocada dos trabalhistas. David Wills, cronista do «News Chronicle», pró-liberal, declarava, esta manhã, que os traba-

(Continua na ultima página)

Os pensionistas de Chelsea também votaram. A' frente, um velho sargento de medalhas ao peito, caminha com o aprumo de verdadeiro militar, para cumprir o seu dever de cidadão

Depois de receberem as medalhas atribuídas pelo «Diário de Lisboa» os "condutores exemplares" serão homenageados com um almoço no Casino Estoril

Duas centenas de automobilistas portugueses, pertencentes a todas as classes sociais, exercendo as mais diversas profissões, residentes em cada um dos distritos do Continente, são galardoados amanhã com medalhas e diplomas de condutor exemplar instituídos pelo «Diário de Lisboa».

Escolhidos nas estradas de Norte a Sul do continente, por conduzirem adentro das regras de transito e por vencerem os obstáculos da estrada e as dificuldades da circulação com prudência e cortesia, juntam a estes títulos um outro que é definitivo como afirmação das suas qualidades. Nenhum dos duzentos e dez condutores seleccionados pelo «Diário de Lisboa» é responsável por qualquer acidente de viação. Nem por graves acidentes, em que se perdem vidas e se inutilizam carros, nem por acidentes em que os danos não vão além de um guarda-lama amachucado ou de um pára-choques inutilizado. São condutores conscientes, possuidores de algumas das melhores virtudes que definem um bom cidadão. Não procuram encontrar nas velocidades excessivas uma

(Continua na página central)

Amanhã, às 11 horas
Concentração dos «condutores exemplares» no alto do Parque Eduardo VII

Todos os condutores seleccionados que comunicaram que assistirão ao almoço, receberão ali o respectivo convite e os restantes poderão, também, receber amanhã, mesmo a sua medalha

As eleições administrativas do dia 18 destinam-se a designar 23.706 vogais para 3.951 juntas de freguesia no Continente e nos Açores

Na quase totalidade dos Municípios do Continente e Ilhas Adjacentes efectuam-se no próximo dia 18 as eleições das juntas de freguesia para o quadriénio 1959-1963. Exceptuam-se as cinquenta e três freguesias da Madeira, que não são autarquias locais, mas simples circunscrições de administração-geral, onde exercem funções os regedores: as atribuições e competência das juntas de freguesia são exercidas pelas camaras municipais. E exceptuam-se ainda algumas freguesias em que as eleições só se realizarão no ultimo domingo de Outubro, ou por conveniências locais (feiras e mercados, por exemplo) ou por determinação dos presidentes dos Municípios.

Não que a lei designe o terceiro domingo de Outubro para eleição das juntas de freguesia. A partir das recentes alterações ao Código Administrativo, as eleições para juntas de freguesia podem efectuar-se em qualquer domingo de Outubro, sendo a sua data fixada pelos presidentes dos Municípios ou administradores de bairro e anunciada com o mínimo de quinze dias de antecedência.

As informações fornecidas pelos Governos Civis de todos os distritos do País ao Ministério do Interior, indicam, contudo, que a quase totalidade das eleições se efectuará no dia 18.

NÚMERO DE JUNTAS A ELEGER

Postas de lado as 53 freguesias da Madeira, haverá eleições para 3.951 juntas de freguesia dos distritos do

(Continua na ultima página)

Em Londres, freiras do Convento de Nossa Senhora dirigem-se para a assembleia eleitoral para depositar o seu voto

O dr. Marcelo Matias regressa a Lisboa

PARIS, 10. — Depois de uma curta estadia em Paris, o dr. Marcelo Matias, ministro dos Negócios Estrangeiros de Portugal, partiu esta manhã, de automóvel, para Lisboa. O ministro português, durante a sua permanência em Paris, almoçou com Couve de Murville, a convite do seu colega francês.—(F. P.).

O Chefe do Estado visitou em Queluz o Bairro de Casas Económicas

O sr. Presidente da Republica visitou, esta tarde, o Bairro de Casas Económicas de Queluz. O sr. almirante Américo Tomás, acompanhado por elementos da sua Casa Militar, foi aguardado á entrada do bairro pelos ministros das Obras Publicas e das Corporações, pelo director-geral de Previdência e ainda por todos os membros da comissão de recepção.

O Chefe do Estado percorreu demoradamente o bairro, inteirando-se de alguns pormenores, no que foi esclarecido pelos ministros que acompanhavam.

Diario de Lisbôa
publica hoje
32
páginas
nas quais se incluem
TRÊS SUPLEMENTOS:
MAGAZINE
JUVENIL
DE UMA SEMANA PARA A OUTRA

ESTA SEMANA, DIZ O MÉDICO...

Breve história das sulfamidas...

pelo DR. AUGUSTO D'ESAGUY

APESAR do grande Ehrlich (1854-1915) ser considerado, e com toda a justiça, «o pai da quimioterapia», este sistema só passou a ser divulgado quando se tornou sinónimo de sulfamidoterapia. Deve-se a Domagk a grande descoberta: — a do domínio de inúmeras infecções bacterianas. Provam-no o organismo; 3. Transformam-se, no organismo, num produto bactericida

(Comunicação à Academia de Medicina de Paris em 22 de Junho de 1937).

Está hoje exuberantemente provado que os antibióticos não destronaram completamente as sulfas; nota-se mesmo, nalguns países, o regres-

(Continua na 3.ª página do suplemento)

VISADO PELA CENSURA

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

De ontem para hoje

CIDADE DE MÁRMORE E DE GRANITO

A Camara Municipal e o Secretariado Nacional de Informação vão coordenar suas actividades e esforços em todos os assuntos que interessem á cidade, em particular no que se refere ao turismo. E ninguém deixará de achar motivo para esse entendimento e coordenação uma vez que é o mesmo o objectivo: tornar da capital uma cidade atraente de forma a acorrerem a ela os turistas portugueses e, sobretudo, os estrangeiros. A multiplicidade de repartições e funcionários, cada um a puxar para seu lado e a desfazer um o que o outro faz, é uma verdadeira praga. Ninguém a quem se dirigir e são tantos os organismos que se tornava necessário um guia de repartições. De umas mandam-nos para outras, destas para terceiras quando nos não fazem voltar á procedência e assim andamos á deriva até que o tempo remedeie o que remédio tem. Ora tanto o Secretariado como a Camara têm empenho — o empenho de todos nós — em que Lisboa seja um motivo turístico de primeiro plano em todo o Mundo. E, com um pouco de boa vontade e menos buracos, conseguia-se. Pois não tem sido ela através dos séculos a musa de tantos poetas e inspiradora de tantos artistas? Mas os turistas ás vezes nem são poetas nem artistas, apenas pessoas que gostam de viajar com comodidade e conforto. E as possibilidades de conforto e bem-estar para os que a visitam só podem valorizar esta Lisboa de outras eras, cidade de mármore e de granito, rainha do oceano, a mais formosa entre as cidades do Mundo! O Herculano o disse e o brigadeiro França Borges e o dr. Moreira Baptista estão empenhados em mostrar que assim é.

FEIXE DE NOTICIAS

BEM perto do tribunal e da cadeia de Grandola se assistiu ontem a um acto de selvajeria inqualificável. Dois valentões, Joaquim Mateus e António Prisco, de Melides, atiraram-se a Vitorino Francisco Pereira, trabalhador rural, morador na mesma freguesia. Estavam os dois valentões á espera do pobre trabalhador. Espancaram-no a pontapé e soco e com a cabeça lhe bateram no empedrado. Pois a toda esta cena de selvagens e covardes — dois contra um — assistiram impávidas muitas pessoas de estabelecimentos vizinhos! A vítima foi levada ao hospital e um guarda da P. S. P. apresentou depois queixa no tribunal.

✱ Ontem á tardinha, na avenida central do Campo de Sá da Bandeira, verificou-se um desastre brutal que custou a vida a um pobre latoeiro, de 17 anos. Seguia ele, Manuel Joaquim Gomes da Silva, de bicicleta atrás de uma camioneta guiada por João Jorge Freilão, de Alpiarça. Ao dar uma curva, o ciclista travou, mas com tanta infelicidade que escorregou e foi cair debaixo do rodado da camioneta. Morreu no hospital.

✱ No sítio do Morgadinho, perto de Elvas. Lá se travaram outrora muitos recontros entre Portugueses e Espanhóis e por lá passam hoje em dia milhares de carros. É local fatídico. Ainda ontem um automóvel de Barcelona, guiado pelo sr. Agustin Duarde, de 62 anos, e acompanhado de sua esposa, D. Maria Carodala, de 56, foi de encontro a um eucalipto depois de ter destruído um marco de sinalização. O casal foi levado para o Hospital de Elvas.

✱ Rebordainhos é uma linda aldeia do concelho de Bragança. Linda e alegre como as que o são. Houve festa de arromba, com o bispo, muitos padres, musica, foguetes e entusiasmo de mais não. É que a linda aldeia de Rebordainhos tem agora a sua igreja arranjada que nem um brinquinho. Gastaram-se 800 contos, mas valeu a pena.

JORNAL PEQUENO

O sr. Presidente da Republica recebeu em audiência, no Palácio de Belém, os srs. ministro da Justiça; general Raul Martinho, director da Arma de Cavalaria; capitão-de-mar-e-guerra Alfredo Luís Soares de Melo e eng. Rogério Vargas Moniz. ✱ Com o sr. Presidente do Conselho trabalhou o sr. ministro da Economia. ✱ Na estrada Ihavo-Figueira da Foz, perto de Calvão, houve um choque de camionetas de carga. Morreu Armando Carvalho que guiava uma delas. ✱ Na Avenida da Ribeira das Naus o marítimo Roberto Joaquim Baptista, de 60 anos, foi colhido por uma furgoneta. Morreu no hospital. ✱ Na Quinta do Alípio, Moimenta da Beira, um automóvel atropelou a sr.ª Antónia Ribeiro, de 34 anos, que ficou muito ferida.

Tágide

Apresenta

Em sensacionais demonstrações de telepatia

GULMAR e ANA ELSA

De regresso da sua triunfal «tournée» de 2 meses, na América, a célebre atracção que Ed Sullivan contratou, em Fevereiro, na Tágide, por 90 contos por noite

THE MODERN JAZZ DANCERS

A Vedeta que ganhou o Grande Prémio da canção francesa

LAURA MELLEC

A Vedeta brasileira, única no seu género

DEO MAIA

com

Walter Machado – Irmãos Guarás

(Maiores de 17 anos)

DIA 14

Um acontecimento sensacional na história do «music-hall»

PELA PRIMEIRA VEZ, NA EUROPA, NUMA «BOITE»

LOLA FLORES

e o seu famoso Espectáculo

Palm Beach

Os componentes do cruzeiro desembarcam com o seu guião

Regressou de Angola o cruzeiro Gago Coutinho

Regressaram a Lisboa, no navio «Moçambique», da Companhia Nacional de Navegação, que atracou, esta manhã, na doca de Alcantara, os quarenta e três graduados da Mocidade Portuguesa que visitaram Angola integrados no Cruzeiro «Gago Coutinho».

Os rapazes da M. P. percorreram cerca de 11.000 quilómetros nesta digressão de dois meses por terras de Angola, utilizando os mais variados meios de transporte.

Ao desembarcarem hoje em Lisboa, falaram aos jornalistas do que foi o cruzeiro que acabaram de realizar. Narraram o que foi a viagem que fizeram em «jeep», de Luso a vila Gago Coutinho, numa distancia de 420 quilometros acidentados e demorados. Em dois meses de digressão, fizeram várias visitas de estudo e observação, tendo estado em Luanda, na barragem de Mabubas, Massangano, Malange, quadrado do Duque de Bragança, Canango, Vila Carmona, Portugália, barragem de Cambambe, colonato de Cela, Nova Lisboa, barragem Salazar, etc.

Após o desembarque, estiveram no Comissariado da Mocidade Portuguesa, para apresentar cumprimentos ao comissário nacional.

Fernandinhos pobres

Recomeçam na próxima segunda-feira, na Avenida Presidente Wilson, 3 r/c., Dto., as reuniões das senhoras ligadas á Obra dos Fernandinhos Pobres.

"Actualidade de João do Rio"

(Continuação da página anterior)

xeira não podia, claro está, nem mesmo em 1921, conhecer João do Rio, conheceu mais tarde a obra toda do escritor e do jornalista sobre cujas atitudes, acção e hinos agora nos oferece um precioso e exactissimo testemunho.

De facto, Luís Teixeira soube e quis interpretar, de maneira perfeita, o que foram essas atitudes, essa magnífica acção e o pensamento e aspirações que a leitura desses livros revela. Sob os mais variados aspectos e na sua plena significação. E a ele, a Luís Teixeira, se deve, quando vereador da Municipalidade lisbonense, a votação de trinta mil escudos para o monumento a João do Rio, que hoje existe na praceta de igual nome, e que foi inaugurado oficialmente pelo sr. Luís Pastor de Macedo, com notável brilho e repercussão. Assim ficou para sempre consagrada a glória de João do Rio, verdadeiro «criador», e não apenas «percursor», do que actualmente se chama «comunidade luso-brasileira», necessária, indispensável e imperativa exigência da efectivação, também indispensável, da fraternidade dos dois povos. Fraternidade que já pesa, e mais pesará amanhã, na vida internacional do Mundo.

Luís Teixeira acentua, e muito a propósito, que João do Rio não se limita a passar de relance entre nós, como, por exemplo, o faziam Olavo Bilac — desejoso de seguir depressa a caminho de Paris — ou Eduardo Prado, que após breve visita á ilustre Maria Amália Vaz de Carvalho, igualmente não se demorava aqui. João do Rio, esse, demorou-se. Entrevistou numerosas personalidades lusíadas, percorreu o Norte da nossa terra, e publicou um livro «Portugal de Agora», em que pintou todas essas páginas de inegável brilho, beleza e sabor. Políticos, romancistas, poetas (o capítulo sobre Junqueiro é para ler sempre entre muitos outros), ouviu-os João do Rio atentamente, e deles nos dá retratos fieis e sugestivos. Luís Teixeira, porém, não se deteve só a evocar a data expressiva de 1909. Traz-nos ainda á memória outra, também importantissima: — a de 1919. João do Rio pronunciou então, no Teatro D. Maria II, uma conferência de excepcional importancia. Nela expôs magnifico e vasto programa do que julgava ser urgentissimo para o entendimento luso-brasileiro. Esse programa, antecipado, encontra-se no volume intitulado «Adiante». Quem o ler verificará logo que ele é, afinal, o programa da «comunidade». Previsão? Ou profecia? Ambas as coisas. O génio «político» de João do Rio ó encontrareis impressionante e flagrante, na conferência a que me refiro, e que foi aplaudidissima. Ia chegar a Lisboa o presidente eleito do Brasil, dr. Epitácio Pessoa, e João do Rio indicava, na sua oração, o que lhe parecia eficiente para que a visita presidencial fosse não só de cortesia, mas de resultados eficazes. Não o foi imediatamente? Sê-lo-ia depois, como o estamos vendo e sabendo. Corajoso e de alma nobre, Luís Teixeira aponta aos olhos de todos esse marco fundamental das relações luso-brasileiras. Companheiro e discípulo da doutrina de João do Rio, deste lugar lhe agradeço a homenagem que de tal maneira presta á memória do amigo e do mestre. Homenagem devida e merecida, e — digamos a verdade — ainda negada por muitos que em Portugal se aproveitam, e fingem esquecer ou esquecem, por ignorancia imperdoável, os serviços excepcionais de João do Rio á amizade mais intima e mais reciprocamente compreensiva das duas nações.

TRIBUNAIS

Motorista condenado por falsificação de assinatura

ÉVORA, 10. — Em audiência deste círculo judicial, presidida pelo corregedor sr. dr. António Pedro Sameiro, que teve como acessores os srs. dr. Molarinho Mendes, juiz de Évora e dr. António Patacas, juiz em Arraiolos, foi julgado o motorista António Soeiro Branco, de 29 anos, solteiro, natural de Reguengos e residente nesta cidade.

Era arguido de ter falsificado a assinatura do comerciante de Évora, sr. António Luís Conde, em letras de cambio na importancia de 34.166$50, para adquirir uma camioneta á firma Viuva & Filhos de Roman Sanchez, do Montijo.

Atendendo ás atenuantes, o réu foi condenado a um ano de prisão, 20.000$00 de indemnização á referida firma, 1.000$00 de indemnização ao comerciante sr. António Conde e ainda 1.000$00 de imposto de justiça e legais acréscimos.

A CIDADE

O apetrechamento
do Hospital de Santa Maria

Ficou hoje completo o apetrechamento da ultima unidade do Serviço de Patologia Médica do Hospital de Santa Maria, do qual é director o sr. prof. Arsénio Cordeiro.

Aquele Serviço, agora preparado para pleno funcionamento, dispõe de 96 camas para doentes de ambos os sexos.

Menor desaparecido

Desapareceu, há dias, de sua casa Manuel Jaime de Jesus, de 16 anos, filho de Maria de Jesus Rita, residente na Travessa 9 de Abril, 360, porta 1, á Vila Ferro. É um rapaz magro, com cerca de 1 metro e 65 de altura, veste fato cinzento axadrezado. Tem uma cicatriz de escrófula, do lado esquerdo

Pela Polícia

ENGENHOSO PROCESSO DE ASSALTO — Três audaciosos larápios, servnido-se de um engenhoso processo de assalto, apoderaram-se de 1.580$00, que dividiram entre eles. Eis o sistema: um dos meliantes telefonou para um estabelecimento próximo de um depósito de pão situado na Praça Viscondessa, aos Olivais, pedindo que lhe chamassem o seu empregado, o qual foi entretido durante algum tempo com perguntas estranhas. Entretanto, os dois cumplices apoderaram-se daquela quantia. Um dos gatunos foi logo detido, após perseguição dos populares. Trata-se de Manuel da Silva Nunes com largo cadastro que foi enviado á Polícia Judiciária. Os seus dois cumplices são activamente procurados.

EMPREGADO INFIEL — A Polícia Judiciária concluiu e enviou ao Tribunal da Boa-Hora um processo em que é arguido João Baptista, de 49 anos, tipógrafo, e queixosa a firma Sociedade Tipográfica Primorosa, Lda. No decorrer das investigações apurou-se que o arguido, por diversas vezes, desviou material tipográfico no valor aproximado a 20.000$00, que vendeu a um ferro-velho de Queluz.

Quem perdeu?

Na Secção Administrativa da P. S. P. (Governo Civil) estão depositados os seguintes objectos achados, ontem, em Lisboa: Um chapéu de chuva, um anel em oiro, uma nota do Banco de Portugal, um bilhete de identidade de João Rosa Monteiro, uma sombrinha, uma carteira com fotografia, um porta-moedas, com dinheiro e quatro facturas, e outro com dinheiro, dois impressos da C. M. L., cartão sindical, pertencente a Dália de Jesus Ferreira Rochinha, um fogareiro a petróleo, um relógio de pulso, bastante avariado, uma luva em «nylon» e outra em pelica, uma sandália e um sapato de criança, uma chave de parafusos, uma argola com chaves e uma chave.

A REUNIÃO ANUAL
da União Internacional de Seguradores Aéreos

Chegaram, esta tarde, a Lisboa, em avião especial da T. A. P., procedente de Sevilha, os componentes da União Internacional de Seguradores Aéreos, que, na referida cidade, assistiram á reunião anual daquele organismo, onde foram tratados diversos assuntos de interesse publico sobre seguros de aviação, e debatidos, em pormenor, problemas de grande vantagem quanto á segurança de passageiros.

Entre as individualidades que chegaram a Lisboa incluem-se figuras do maior relevo no mercado segurador internacional como os representantes da Inglaterra, Estados Unidos da América, França, Alemanha, Suécia, Suiça, Finlandia, Dinamarca, Egipto e Bélgica.

Durante a sua estadia no nosso País, visitarão alguns locais de interesse turístico, nomeadamente o Estoril, Queluz, Sintra, Cabo da Roca, o mosteiro dos Jerónimos e o Museu dos Coches, sendo-lhes oferecido um almoço na Colónia de Férias da C. U. F., em Almoçageme.

VIDA SOCIAL

ENG.º MAURICIO VIEIRA DE BRITO

No paquete «Moçambique», acompanhado de sua esposa, sr.ª D. Rita Vieira de Brito, sua mãe, sr.ª D. Zenobia Vieira de Brito e de uma filha, regressou o sr. eng.º Mauricio Vieira de Brito, presidente da direcção do Sport Lisboa e Benfica, que esteve cerca de três meses em Angola, em visita ás suas propriedades. Era aguardado pelos srs. dr. Álvaro Barbosa Ribeiro, presidente da Camara Municipal de Penacova; dr. Carlos Proença de Figueiredo, presidente do conselho fiscal da Fundação Mário da Cunha Brito, membros da direcção daquela Fundação, fundada pelo sr. Mauricio Vieira de Brito, e directores do Benfica.

Fundação Gulbenkian

(Continuação da 1.ª pagina)

campanha admirável a favor da educação do povo está sendo levada a efeito pelas suas bibliotecas itinerantes. Para além dos aspectos positivos das realizações empreendidas, há ainda a considerar a oportuna política económica de capitalização de fundos, como medida preventiva e de larga visão.

Com a publicação integral que hoje fazemos do relatório da comissão revisora de contas para 1958 facultamos ao leitor a possibilidade de formular ele próprio um juízo sobre a relevancia dos serviços prestados pela Fundação ao nosso País no lapso de um ano.

O conselho de adminstração, a que preside a figura ilustre do dr. José de Azeredo Perdigão, cumpriu escrupulosamente as disposições estatutárias, concedendo não decerto todos os benefícios de que porventura careceria a nossa vida cultural, mas muitos dos mais urgentes. Tão-pouco, como se disse, ela perdeu de vista o sentido de perpetuidade da instituição, curando de reforçar a sua infra-estrutura financeira. Ninguém pode saber qual o destino próximo e distante do Médio-Oriente, a que esta Fundação tão íntimamente se acha ligada; daí a razão da clarividência administrativa apontada, em que bem se evidenciou as altas qualidades do dr. Azeredo Perdigão.

Segundo o relatório, elaborado pelo sr. dr. Aureliano dos Anjos Felismino, director-geral da Contabilidade Publica, os valores da Fundação Gulbenkian, além da colecção de arte e dos investimentos que constituem activo imobilizado na «Irap Petroleum», registavam em 31 de Agosto de 1958 um progresso de 366.201 contos em relação a igual data do ano anterior.

Os objectos dessa colecção que se encontravam em Paris foram já recolhidos no Palácio Pombal, em Oeiras, que é pertença da Fundação. Em breve, o publico terá ensejo de admirá-los.

A distribuição de fundos feita pela Fundação obedeceu a objectivos artísticos, educativos, científicos e assistenciais. Para preencher estes ultimos, dispendeu a Fundação 25.887 contos, dos quais ficaram em Portugal 12.834, repartidos por Albergues, asilos, casas de trabalho, colonias de férias, lares, patronatos, ligas e recolhimentos. Para fins artísticos recebeu o nosso País 10.836 contos de um total de 19.681. Para fins educativos e científicos foram consignados 35.184 contos, dos quais 1.160 para o Centro de Estudos Históricos Ultramarinos e o restante para estudo arqueológico, Federação Portuguesa de Vela, livraria e laboratório da província portuguesa da Companhia de Jesus, Sociedade Portuguesa de Escritores, bibliotecas itinerantes (acaso a obra mais bela, frutuosa e de maior futuro da Fundação). Centro de Estudos de Doenças Infecciosas no Instituto de Oncologia, aparelhagem para os Hospitais Civis de Lisboa, etc. Eleva-se a 14.527.717$00 a verba atribuida para bolsas de estudo.

NO COMEÇO DO NOVO ANO ESCOLAR

LICEU NACIONAL DE OEIRAS

Foi criado pelo decreto-lei n.º 34.134 de 24 de Novembro de 1944 e denominado Liceu Nacional de Oeiras pelo decreto n.º 36.508 de 17 de Setembro de 1947 que o considerou no numero dos liceus nacionais de frequência mista, com os 1.º e 2.º ciclos. Em Outubro de 1956, por outro decreto-lei, criou-se o 3.º ciclo.

Este liceu iniciou o seu funcionamento em 1 de Outubro de 1952, com 180 alunos.

As instalações começaram a ampliar-se em 1958, visto serem insuficientes para a sua frequência. O novo corpo do edifício já está em funcionamento.

Os primeiros alunos que fizeram todo o seu curso, no liceu, saíram no fim do ano lectivo de 1958-59.

Dr. João Mexia de Brito

O reitor deste liceu é o sr. dr. João Ilídio Mexia de Brito, licenciado em Ciências Físico-Químicas pela Universidade de Coimbra. Prestou serviços como professor agregado no Liceu de Braga, e professor agregado e auxiliar no Liceu Passos Manuel, onde foi secretário da secção masculina. E' reitor desde 1952. Nomeado em comissão de serviço para este cargo, dele tomou posse em 3 de Outubro daquele ano.

Maria Guilhermina Leitão

67 professores

Estão em serviço neste liceu 67 professores dos quais apenas 12 pertencem ao quadro do liceu. No 3.º ciclo há alunos das alíneas a), b), d), e), f), g), e h). As disciplinas frequentadas por maior numero de alunos são as da alínea f) e às menos frequentadas as das alíneas a) e g).

Três nomes — três destinos

Dos 1.819 alunos do Liceu de Oeiras escolhemos três, duas raparigas e um rapaz, que, de certo modo, representam todos os seus colegas.

A Maria Guilhermina Amaro Moiteiro Leitão, com os seus gentis 10 anos, foi a terceira classificada entre as alunas que fizeram exame de admissão no liceu. Frequenta agora o 1.º ano, sendo o n.º 16 da turma A. Doze anos de estudos não a assustam porque insiste em ser médica.

O Armando Manuel Cabral Lourenço é o n.º 7 da turma A do 1.º ano. Este tem uma ambição: ser engenheiro. E estamos certos que a realizará porque é um excelente estudante.

Uma futura engenheira é a Maria Elisa de Matos Viriato Maia, das melhores alunas do liceu, já duas vezes premiada. Frequenta o 7.º ano, alínea f). Como é uma rapariga esclarecida e do nosso tempo interessam-na os problemas de energia nuclear que só compreende aplicada para fins pacíficos.

Armando Lourenço

1 819 alunos em 50 turmas

Frequentam o Liceu Nacional de Oeiras 1.819 alunos, dos quais 865 raparigas e 954 rapazes. O acréscimo de alunos em relação ao numero do ano passado é de 300. No liceu existem 50 turmas funcionando em dois turnos de 25 turmas cada um, um de manhã e outro de tarde.

Elisa Maia

Escola Técnica Elementar Marquesa de Alorna

Dr.ª Elvira Correia

A Escola Técnica Elementar Marquesa de Alorna, criada pelo dec. 37.029 de 25 de Agosto de 1948, esteve, durante dez anos, anexa á Escola Técnica Elementar Pedro de Santarém, na Estrada de Benfica. Em 1958, foi dotada de edifício próprio, amplo e moderno, na Avenida Ressano Garcia (Bairro Azul), começando as aulas a funcionar em Novembro do mesmo ano.

A Escola Marquesa de Alorna destina-se ao ciclo preparatório feminino. Tem vinte e oito salas de aulas e uma atmosfera de impecável asseio, onde tudo está no seu lugar e como deve ser. Para o próximo ano, está prevista a projecção de filmes recreativos e culturais, além de aulas livres de culinária que, assim, como actividade circum-escolar, contribui para a educação e preparação das alunas.

O interesse daquelas pela sua escola está patente em muitos pormenores, desde os vasos de plantas, por elas pintados, que trouxeram de casa e ornamentam o cuidado jardim deste estabelecimento de ensino, até trabalhos manuais que decoram algumas salas.

Funciona nesta escola uma secção do Liceu Filipa de Lencastre, que ali tem aulas, de manhã e á tarde, ocupando quatro salas.

A directora da Escola Marquesa de Alorna é a sr.ª dr.ª D. Elvira Rocha Correia, formada em Filologia Romanica pela Universidade de Lisboa. Exerce aquelas funções, desde 1958.

Anteriormente, foi professora em diversas escolas técnicas do País e fez parte da Comissão do Vocabulário da Academia das Ciências.

E' uma directora dedicada e esclarecida, que vive para as suas alunas e para a máxima eficiência da sua escola.

42 professoras

O corpo docente da escola inclui 42 professoras e mestras, que leccionam os dois anos do ciclo preparatório.

Raquel Rodrigues

1 018 alunas

No ensino técnico, a frequência aumenta de ano para ano e, em 1959-60, esta escola tem 1.018 alunas.

Entre os 10 e os 17 anos

As idades destas alunas estão compreendidas entre os 10 e os 17 anos.

A aluna mais nova é Raquel Bento Rodrigues, de 10 anos, que tem o numero 633 e frequenta *o 1.º ano.*

Entre as mais velhas, no 2.º ano, está Maria Rosa Ferreira de Sousa, de 17 anos.

Rosa de Sousa

LIVROS ÚNICOS
para o ensino liceal

O «Diário do Governo» na III série, publica a lista dos livros apresentados ao concurso para livros unicos do ensino liceal.

Visita o Tejo
um navio de guerra francês

Chega ao Tejo no dia 17 uma unidade da Marinha de Guerra francesa, para uma visita de rotina que se prolongará até ao dia 20. Trata-se do navio de desembarque de tropas «Odet», sob o comando do capitão-de-fragata Michel, em viagem do porto francês Lorient para Oran, na Argélia. O barco tem uma guarnição de 6 oficiais, 11 sargentos e 57 praças.

VAI AOS AÇORES
o embaixador dos E. U.

O embaixador dos Estados Unidos da América, sr. Charles Burke Elbrick, parte amanhã, de manhã para os Açores, em visita oficial, acompanhado pelos srs. coronel Charles Sullivan e McKay e esposas.

Aquele diplomata visitará as Lajes, amanhã, depois e no dia 15 e Ponta Delgada, nos dias 13 e 14, devendo regressar a Lisboa no dia 16, á tarde.

Clínica Dentária Santa Joana

RUA BRAAMCAMP, 88, 1.º ESQ. TELEFONE 733257

Director clínico: DR. ARMANDO FERREIRA E SILVA

Corpo clínico: DR. JOÃO BAÇÃO LEAL — DR. A. FALCATO SIMÕES — DR. C. LOBATO CORTESÃO — DR. LÉLIO MARQUES — DR. MANUEL VASCONCELOS

DIAS ÚTEIS — das 9 à Meia-noite

DOMINGOS — das 9 à 1 da Tarde

BOM 1.º ANDAR

Com 15 divisões e 3 casas de banho, em óptimo local dentro da cidade, instalações de aquecimento e águas quentes, aluga-se só para habitação própria. Telefone 26 153 nos dias úteis.

O UNICO «DANCING» QUE SENTE O ORGULHO DE DIZER:
SEMPRE CASAS A' CUNHA
E OS EXITOS DE MAIOR SENSAÇÃO:
LES VILALTAS
5 Brizas de España
CONCHITA y ALVERTO
MARUJA SEVILLA
BALLET ALBENIZ DE LOS REYS
RITZ CLUB
EMPRESA RITZ CLUBE
ADULTOS (Maiores de 17 anos)
VILAÇA E SUA ORQUESTRA NO SALÃO TIPICO:
Admirável serviço de ceias com Fados e Guitarradas
MUITO BREVE
10
GRANDES ESTREIAS

TEATROS E CINEMAS

«Los intereses creados» no Trindade

As principais figuras da peça, vistas por Fernando Bento

Ainda que no caudal da dramaturgia espanhola a fecundidade dos autores se avantage quantas vezes á qualidade, Jacinto Benavente, meste e paradigma dessa tradição, disse com «Los intereses creados» a ultima palavra de uma técnica sobreexcelente, em que a observação aguda e irónica dos enredos humanos, bem longe de qualquer intenção moralizadora, encontra o seu estilo mais adequado num compromisso entre o sainete picaresco, a plasticidade do diálogo, e uma desenvolta dialética, onde se harmonizam o cinismo sem acritude e uma desiludida, mas tolerante, experiência da vida. O próprio molde da «commedia dell'arte», com o que consente á palavra de fantasia e improviso, aqui lhe acende a vivacidade satírica; e libertando-o das contingências de época, assim lhe outorga a actualidade do intemporal.

Não se pode classificar de optimista nem de pessimista esta comédia de polichinelos, em que o autor de «El nido ajeno» e de «La fuerza bruta» desvenda, sorridente, a engrenagem do êxito que se consegue menos pelas manhas, ainda as mais hábeis, do que pelos vínculos sucessivos que se vão estabelecendo entre os fantoches humanos, de tal modo que cada um deles, servindo o seu interesse, acaba por servir os mais astutos, ou mais afortunados, pois até o amor, até a generosidade, podem, em que lhes pese, contar, a certa altura, como forças decisivas de um jogo pré-estabelecido. A originalidade de Benavente consistiu tão-só em haver desdobrado em dois o seu aventureiro de linhagem picaresca, mas não tão longe do «mentiroso» de Goldoni... Desse modelo o mestre de «La comida de las fieras» tirou aqui o amo e o servo, este sempre atento á mesquinha e baixa realidade, urdindo as tramas pouco limpas que aquele, assim liberto para os impulsos mais «nobres» do sentimento, acaba por coadjuvar, ingénuamente, pois, na esfera dos interesses, tudo, ao fim e ao cabo, se encadeia logicamente para o triunfo dos engenhosos. E' pouco, e é muito. E' pelo menos, uma explicação coerente e bem humorada dos enganos da vida. Sobretudo uma perfeita construção dramática, que, se não justifica cabalmente o prémio Nobel atribuido em 1922 a Jacinto Benavente, filho predilecto de Madrid, pelo menos o desculpa com largueza.

O papel de Crispim, criado quase com génio, ao que reza a fama, no Teatro Lara da capital castelhana, pelo actor Ricardo Turga e interpretado depois, em recitas especiais, pelo próprio Benavente, é o eixo de toda a acção. Assim se compreende que Carlos Lemos, figura mais saliente desta Companhia Lope de Vega — a primeira de Espanha, segundo os seus arautos — tenha vindo ao de cima do desempenho, numa demonstração plena dos seus extraordinários recursos: truculento, bem falante, insinuativo, com todas as gamas da retórica e da facécia, sem atropelar jamais o discurso, na sua consumada arte de dizer. Ele é o vagabundo ladino que mexe os cordéis dos fantoches e encaminha para o seio da fortuna e de Silvia o destino do seu companheiro e duplo, o clássico Leandro, que dos seus pecadilhos se resgata pela sinceridade do amor e nas asas desse mesmo amor se salva. Mas já na composição desta figura, que requeria porventura certa tacanhez ou a timidez da honestidade, mas frescura também, e também elegancia, o que nos pareceu vir á tona foi sobretudo a escassa mobilidade e vibratilidade de José Rubio. O mesmo reparo, quando em Paris ou em Roma se viu já representar a sério «commedia dell'arte» (e o ritmo deveria, poderia aqui, com vantagem, ser o mesmo), se tem de aplicar a quase todos os artistas da companhia, esforçados, mais ou menos correctos, mas sem ímpeto e até, muitas vezes, valha a verdade, sem graça...

Do conjunto, sobressaem, entretanto, Assuncion Sancho, que, no papel de Silvia, com a sua figurinha delicada e majestosa e esse seu rosto tão expressivo, que, por sinal, lembra obcessivamente o de Isabel de Inglaterra — consegue, sem dificuldades visíveis, o comedido tom vibrante e a impressão de juvenilidade; e ainda Luísa Sala, na outoniça sereia, convincente agenciadora de casamentos, por trás da cortina frágil da sua dignidade social.

As restrições feitas não podem, entretanto, de modo algum, invalidar a importancia e o mérito desta primeira apresentação entre nós da «Lope de Vega», marco auspicioso de um intercambio teatral de que muito proveito, para nós em especial, naturalmente se espera, tanto mais que só encómios acodem á pena quando pensamos na admirável acção cultural deste grupo, que em Espanha tem difundido o seu património dramático e o melhor do teatro contemporaneo consentido. Para mais, a encenação e direcção de José Tamayo, com equilibrados cenários e bonitos figurinos, não desmèrecem da glória que o precede como actual director do Teatro Espanhol de Madrid, deixando-nos o desejo de ver confirmadas e melhor patentes nos próximos espectáculos do Trindade as suas decerto brilhantes qualidades.

U. T. R.

E' esta a segunda representação em Portugal da obra-prima de Jacinto Benavente, que a companhia de Rosário Pino levou á cena no São Luiz em 2 de Abril de 1912. Uma versão portuguesa esteve para ser apresentada mais tarde, entre nós, mas houve circunstancias impeditivas.

Atras do rebuteiro

A peça «Acto da compadecida», de Ariano Suassuna, que no dia 19 se estreia no Tivoli, pela companhia brasileira do Teatro Cacilda Becker, tem a seguinte distribuição de figuras: «A compadecida», Cacilda Becker; «Manuel» Luís Tito; «Palhaço», Cleyde Yaconis; «João Grilo», Walmor Chagas; «Chico», Rubens Teixeira; «Padre», Benedito Corsi; «Padeiro», Paulo Rangel; «A mulher do padeiro», Clebes de Macedo; «Sacristão», Raul Cortez; «Bispo», Stenio Garcia; «Severino», Octávio Catanho; «Encorado», Fredi Kleeman; «Cangaceiro», Aurélio Teixeira e «Demónio», Celia Hedena.

— Na TV, entrou em ensaios a peça «Boa noite dr. Schweitzer», de Gilbert Cesebron.

— Esta época não faz parte do elenco do Teatro Nacional Popular, a actriz Isabel de Castro.

— Para o elenco do Teatro de Gerifalto, foi contratada a actriz Maria José.

— Só na próxima semana subirá á cena no Teatro Maria Vitória a nova revista «Tudo na Lua».

— Depois da digressão que fez por Moçambique, está agora em Angola, o conjunto artístico dirigido por Belguerra.

— O actor Barroso Lopes vai desempenhar na revista «Tudo na Lua», em ensaios no Teatro Maria Vitória, os seguintes numeros: «Vendedor de pássaros», «D. Fuas», «Mestre de obras», «Macaista», «Paulino», «Empregado do hospital» e «Gaiteiro de Fanhões».

— Prosseguindo na digressão, que anda a fazer por Angola, o ilusionista português Conde de Aguilar realiza espectáculos nos dias 16 e 17 em Vila Teixeira da Silva.

— Consta, que por estar devidamente organizada a nova companhia de revistas do Teatro Variedades, os ensaios da revista «O' fado que foste fado», estão marcados para depois de amanhã.

No Monumental

Hoje e amanhã, ultimos dias de «O Baile»

A encantadora peça de Edgar Neville «O Baile», que há treze semans se mantém no cartaz do Monumental, vai sair de cena amanhã, para dar lugar á estreia da primeira peça de Tennessee Williams autorizada a ser representada por uma companhia portuguesa «Gata em Telhado de Zinco Quente».

«O Baile», que tem uma extraordinária interpretação de três notáveis artistas — Laura Alves, Paulo Renato e Rui de Carvalho — numa original encenação de António Pedro, representa-se hoje e manhã á noite, ás 21 e 45 horas, e amanhã, também á tarde, ás 16 horas, para maiores de 12 anos.

No Teatro ABC

um êxito com a revista «Delírio em Lisboa»

Depois dos êxitos de «Vinho Novo» e «Mulheres á vista!», José Miguel apresenta no Teatro ABC mais um belo espectáculo: a revista «Delírio em Lisboa», de Fernando Santos e Nelson de Barros, com musica dos inspirados maestros João Nobre e João de Vasconcelos, que tem como «estrela» a famosa vedeta internacional Carmen De Lírio. Do elenco, constituido por artistas de nomeada, salientam-se Aida Baptista, Berta Loran, José Viana, Raul Solnado, Carlos Coelho, no «compére»; as atracções nacionais Max e Helena Tavares e, ainda, Hortense Luz e um excepcional conjunto de discípulas, modelos e «girls».

Todas as noites, duas sessões, ás 20 e 30 e 22 e 45. Amanhã, «matinée», ás 16 horas.

Primeiras exibições

«Um tal Mr. Jo», no Roma

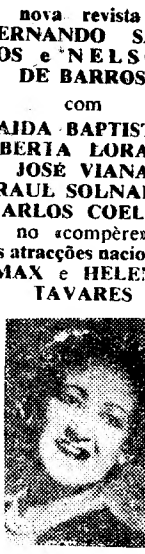
O filme de Rene Jolivet, que o Roma estreou anteontem, dá-nos uma magnifica interpretação de Michel Simon, actor da craveira de Charles Laughton. A intriga, um pouco morosa, tem, no entanto, alguma densidade, e as figuras são muito bem marcadas, com uma humanidade, mesmo uma bonomia, a que o cinema italiano nos tem habituado. O drama sorridente que é «Um tal Mr. Jo» interessou o publico do Roma pelo realismo da sua narrativa e a notável interpretação.

Bons documentários. — *Visor 60.*

No Coliseu

dois filmes excepcionais

O publico tem, no Coliseu, no seu gigantesco «écran» panoramico, um magnífico programa de cinema, com a superprodução em cinemascopio e tecnicolor «Salomé», uma grande realização, interpretada brilhantemente por um «cast» de notáveis artistas, entre eles Rita Hayworth, Stuwart Granger e Charles Laughton. Além desta obra-prima do cinema americano, exibe-se, também, o excepcional filme panoramico em tecnicolor «Sem tempo para morrer», a história heróica dos célebres «ratos» do deserto, com Victor Mature. Amanhã, espectáculos á tarde e á noite.

ABC
EMP. TEATRAL ABC, LDA.
Telef. 36 67 45
JOSÉ MIGUEL APRESENTA
Às 20 e 30 e ás 22 e 45
Carmen de Lírio
NO SENSACIONAL ÊXITO
DELIRIO EM LISBOA
A nova revista de FERNANDO SANTOS e NELSON DE BARROS
com
AIDA BAPTISTA
BERTA LORAN
JOSÉ VIANA
RAUL SOLNADO
CARLOS COELHO
no «compère»
as atracções nacionais
MAX e HELENA TAVARES

HORTENSE LUZ
A' frente de uma grande companhia
Bilhetes á venda para HOJE e dias seguintes

Para adultos maiores de 17 anos
Amanhã, espectáculo ás 16 h.

GRANDE FEIRA DA PIEDADE
Domingo, 11, e segunda-feira, 12 de Outubro de 1959 (ás três e meia da tarde)
2 — GRANDES CORRIDAS — 2
16 — BONITOS TOIROS — 16
(de acreditadas ganadarias)
ATENÇÃO!... AFICIONADOS!...
Dia 11 — Formidável corrida de toiros com
MANUEL CONDE, PEDRO LOUCEIRO e BARAHONA NUNCIO
e
ANTÓNIO DOS SANTOS e JOSÉ TRINCHEIRA
Forcados Amadores de Santarém
Dia 12—Grande novilhada popular com os melhores elementos
SOL desde 20$00 e SOMBRA desde 60$00
Bilhetes á venda: em Lisboa, na Agência A. B. E. P., Praça dos Restauradores, Telef. 28823; em Santarém, na bilheteira em frente do Café Central, Telefone 39
Maiores de 6 anos

NAU CATRINETA
A SALA DE VISITAS DO TÍPICO BAIRRO DE ALFAMA
Fados e guitarradas ● Bailados populares portugueses ● Bom vinho ● Boa comida ● Ambiente castiço
CARTAZ:
Arminda da Conceição, Raul Dias, Quinita Gomes, Bailes portugueses de Bartolo Valença pela parelha «Clélia e Isaac» e
MARIA JOSÉ DA GUIA
Ildefonso Frade (guitarrista) Miguel Silva (violista)
Avelino Rodrigues (acordeonista)
Jante ou ceie na «Nau Catrineta» e aproveite para dançar no seu convés privativo
TRAV. DE S. MIGUEL, 22
Tel. 868338 M/ 17 anos

Instituto de Beleza Talismã
MENDONÇA, cabeleireiro e BELITA, ajudante
Ex-empregados do Instituto de Beleza Izabela
participam ás suas Ex.mas Clientes que se encontram ao seu dispor na Avenida dos Estados Unidos da América, Lote 21. 1.º-C. Telefone 761864

O «DIARIO DE LISBOA» vende-se em AGUEDA na AGÊNCIA CONDE e CAFE' SANTOS.

MONUMENTAL e AVENIDA

Só hoje e amanhã — T. 55133 (Para M/12 anos) ● Esp. Vasco Morgado, L.as ● T. 27273 (P. Adultos M/17 anos) — HOJE ás 21.45 h. — 7.ª Semana

LAURA ALVES na comédia

O BAILE

Amanhã, espectáculo á tarde, ás 16 h.

NA PRÓXIMA SEMANA!
Um novo e sensacional espectáculo?

JOÃO VILLARET na comédia

PATATE

Uma peça de que todos falam

Amanhã, espectáculo á tarde, ás 16 h.

Nos dois teatros, preços para todos, desde **5$00**

SALVADOR

BREVEMENTE
NO TEATRO
MARIA VITORIA
EMP.ª E. SALVADOR e RUI MARTINS, LDA.
SALVADOR
APRESENTA
A NOVA REVISTA POPULAR
TUDO NA LUA
Original de AMADEU DO VALE, PAULO DA FONSECA e RUI MARTINS
com musica de CARLOS DIAS e TAVARES BELO
(Espectáculo para adultos — Maiores de 17 anos)

TIVOLI

NO DIA 19 DE OUTUBRO AS 21,45 H.
ESTREIA DE GALA
PARA APRESENTAÇÃO DO
TEATRO CACILDA BECKER
Em «tournée» de representação oficial subsidiada pelo Governo Brasileiro

Com a peça de Ariano Suassuna

AUTO DA COMPADECIDA

ARTISTAS PRINCIPAIS: Cacilda Becker, Celia Helena, Cleyde Yaconis, Kleber de Macedo, Norma Greço, Benedito Corsi, Fredi Kleeman, Luís Tito, Paulo Rangel, Raul Cortez, Rubens Teixeira, Stenio Garcia e Walmor Chagas.

TÉCNICOS: Oracy Flores, Carlos Speranza e Aurélio Teixeira.
ENCENADORES: Benedito Corsi e Z. Ziembinsky.
COORDENADOR ADMINISTRATIVO: Norma Greco.
DIRECÇÃO GERAL: Walmor Chagas.

Reportório:
AUTO DA COMPADECIDA, de A. Suassuna
PEGA FOGO (Poil de Carotte), de Jules Renard
PROTOCOLO, de Machado de Assis
MARIA STUART, de Schiller
SANTA MARTA FABRIL S. A., de A. Pereira de Almeida

ESPECTACULOS PARA ADULTOS MAIORES DE 17 ANOS

N. B. — Embora os espectáculos do Teatro Cacilda Becker não façam parte de séries de assinatura, por especial deferência para com os Senhores assinantes dos espectáculos extraordinários do Tivoli, a Empresa reservará os dois primeiros dias de venda de bilhetes para atender os pedidos destes Senhores, não sendo possível, no entanto, respeitar as marcações usuais.

A BILHETEIRA ABRE NO DIA 13

Fausto Ribeiro

LUSO

T. Queimada, 8, A Telef. 32889
adultos (M/17 anos)
HOJE (até de madrugada) c a ntam o cantor **ANTÓNIO ROCHA — Constança Nunes** — Manuel Dias — Florinda Maria — Silva Pereira e Julieta Estrela. Acompanhamentos por António Couto e Amadeu Rami.
AMANHÃ: Grandiosa «Matinée»

PENSÃO MONUMENTAL

COMPLETAMENTE REMODELADA
Casa recomendada serviço de bom hotel
R. da Glória, 21 — Tel. P. B. X. 29807

Pasapoga

O melhor ponto de reunião

Telef. 23584
Empresa MANUEL ZEFERINO
(ADULTOS M/ DE 17 ANOS)

UM TRIUNFAL DESFILE DE ATRACÇÕES

CONCHITA RELIEGOS em canções típicas

CARMEN SALUCAR em bailados castiços

ROSITA y LINDA em danças e canções

O notável conjunto de baile **HERM. HEREDIA** com **MERCEDES** del **CASTILLO**

O admirável **TRIO GUTIERREZ** em melodias e bailados

E, AINDA, OUTROS EXITOS

Musica de baile por SÉRGIO E SUA ORQUESTRA com os cantores MANUEL SERRANO e ANTÓNIO ALVARINHO

TRINDADE

HOJE, ÁS 21 e 45 — SÉRIE B — ULTIMA NOITE
COMPAÑIA LOPE DE VEGA
com o patrocínio de S. Ex.ª o Embaixador de Espanha
LOS INTERESES CREADOS
de BENAVENTE (12 anos)
AMANHÃ ULTIMA TARDE CULTURAL A 50 % DOS PREÇOS
ÁS 21 e 45: «UN SOÑADOR PARA UN PUEBLO» (SÉRIE A)
17 ANOS

ADELINA RAMOS

Apresenta no seu Restaurante Típico
A TIPOIA
(PARA ADULTOS)

O MELHOR PROGRAMA DE FADOS

ADELINA RAMOS, MANUEL DE ALMEIDA, ALICE MARIA DA CONCEIÇÃO, FLORA PEREIRA, CASIMIRO RAMOS á guitarra, NICOLAU NEVES á viola
e
DEOLINDA RODRIGUES

VOSSA EX.ª

Encontra: doçaria caseira — café inconfundivel
Uma pega 6$50 — O Ribatejo 10$00
Na Praça do Areeiro, 11-D — BAR RIBATEJO
(abre às 6 da manhã)

Cartaz dos Cinemas

SÃO LUIZ — Telefone 27172
15.15 - 18.15 (p. r.) e 21.30 (M/17 anos)
E. mais que uma história de amor... é uma história da vida!
A ORQUÍDEA NEGRA
com **Sophia Loren** e **Anthony Quinn**

EDEN — Telefone 20768
15, 18 e 21.30 (Maiores 12 anos)
O maior êxito mundial em 10.ª SEMANA
A PONTE DO RIO KWAI
Um caso unico na história do cinema

ALVALADE — Telefone 763080
15 45 (p. r.) e 21.45 (M/17 anos)
Eles não se atreviam... mas desejavam-se! Procuravam-se
A ORQUÍDEA NEGRA
com **Sophia Loren** e **Anthony Quinn**

ODEON — Telefone 26283
15.15 - 18.15 e 21.30 (M/12 anos)
O mais eterno romance de amor do século XIX
AMORES REAIS
«¿Donde vas, Alfonso XII?»
com **Paquita Rico** e **Vicente Parra**
Eastmancolor
Em compl.: **«Portugal dos Pequenitos»** — Uma obra do Prof. Bissaia Barreto.

CINEMA IDEAL — Telefone 24194
21.00 (M/17 anos)
Panoramico
MARCADO PELO ÓDIO
BONDADE FATAL

RIVOLI — Telefone 610375
21.15 (M/17 anos)
Panoramico
O HOMEM DO BRAÇO DE OURO
com Frank Sinatra

TERRASSE — Telefone 20917
21.00 (M/17 anos)
A MENTIRA MALDITA
A ULTIMA VÁLSA

TIVOLI — Telefone 50595
Às 3 e 6.15 da tarde e 9.30 da noite (Maiores 17 anos)
3.ª SEMANA de grande êxito com
ORFEU NEGRO
com **Breno Mello** e **Marpessa Daun**
Palma de ouro no Festival de Cannes

POLITEAMA — Telefone 26305
15.15 - 18.15 e 21.30
3.ª Semana de êxito sempre sensacional
A espantosa derrocada do maior império do crime que existiu no Mundo
AL CAPONE
com **Rod Steiger** e **Fay Spain**
(M/17 anos).

CONDES — Telefone 22523
15.15 (p. r.) e 21.00 (M/12 anos)
12.ª Semana de um triunfo sem precedentes do maior espectáculo de todos os tempos
OS DEZ MANDAMENTOS
com **Charlton Heston, Yul Brynner** e **Anne Baxter**
em Vistavision e Technicolor

AVIS — Telefone 47163
15.30 - 18.30 (p. r.) e 21.45 (M/12 anos)
2.ª SEMANA
Uma história imortal de guerra e amor no cenário grandioso de Roma imperial
A REVOLTA DOS GLADIADORES
com **Gianna Maria Canale** e **George Marchal**
Superscinescope — Eastmancolor

ROYAL — Telefone 845037
21.00 (M/12 anos)
ANASTÁSIA FLECHA QUEBRADA

LIZ — Telefone 48560
21.00 (M/17 anos)
Technirama Techn.
2.ª Semana
OS VIKINGS
AMOR À INGLESA... EM PARIS

IMPÉRIO — Telefone 55134/5
15.15 - 18.15 e 21.30 (M/12 anos)
2.ª SEMANA
O colossal gigante da tela
A REVOLTA DOS COSSACOS
com **Van Heflin** e **Silvana Mangano**
O luxo e o esplendor da corte e a ferocidade das batalhas na Russia
Tecnicolor — Tecnirama

SÃO JORGE — BALCÃO 54154 PLATEIA 54157
15.00 e 21.15 (M/17 anos)
2.ª SEMANA
Gregory Peck, Jean Simmons, Carroll Backer, Charlton Heston e Burl Ives
DA TERRA NASCEM OS HOMENS
Technicolor — Techirama

ROMA — Telefone 727778
15.30 - 18.30 (p. r.) e 21.45 (M/17 anos)
Um ex-gangster volta á sua antiga vida! Acção, violência e «suspense»
UM TAL MR. JO
com **Michel Simon, Genevieve Kewine** e **Jacques Morel**

MONUMENTAL — Telefone 55131
21.30 (M/12 anos)
Pela 1.ª vez em Portugal o milagre do TODD-AO
Um espectáculo de grandeza total em que tudo se harmoniza
NO SUL DO PACIFICO
com **Rossano Brazzi, Mitzi Gaynor** e **John Kerr**
«Matinées» ás 5.ª, 6.ª, sáb. e domingos ás 15.15.

CASINO ESTORIL — 21.30 (M/17 anos)
VIENA, CIDADE DOS MEUS SONHOS
c/ Erika Remberg

Fundação Calouste Gulbenkian

Relatório da Comissão Revisora de Contas

referente ao Ano de 1958

Compete á Comissão Revisora de Contas da Fundação Calouste Gulbenkian, nos termos dos artigos 25.º e 26.º dos Estatutos anexos ao Decreto-Lei n.º 40 690, de 18 de Julho de 1956 e que dele fazem parte integrante:

a) Examinar, até 30 de Junho de cada ano, o inventário do património da Fundação e o balanço das receitas e despesas do ano anterior, tomando por base os relatórios dos «Chartered Accountants» e documentos que os instruam;

b) Verificar se a aplicação dos rendimentos do património da Fundação se realizou de harmonia com os seus fins estatutários: caritativos, artísticos, educativos e científicos;

c) Elaborar anualmente o seu parecer que será obrigatòriamente publicado.

Este é o segundo parecer da Comissão e diz respeito ao ano de 1958.

I — INTRODUÇÃO

I. 1. Como é do conhecimento geral, a Fundação foi criada por Calouste Sarkis Gulbenkian, em testamento datado de 18 de Junho de 1953, mas a sua vida jurídica e as suas actividades foram iniciadas com o Decreto-Lei n.º 40 690, publicado um ano após a morte do testador.

Um ano não foi prazo longo para aplanar dificuldades, para atenuar ou eliminar conflitos de ordem legal, para acautelar interesse ou defender legítimos direitos, sempre com rigoroso respeito pelas obrigações testamentárias. Todavia, os dois anos e meio que já se registam da actividade da Fundação, pelo esforço que tem exigido na defesa do património atribuido á Instituição; pela montagem duma máquina complexa; pela larga acção já desenvolvida dentro dos respectivos fins estatutários, puseram á prova o dinamismo ponderado, a decisão reflectida e as qualidades directivas do seu Conselho de Administração. Há hoje a certeza de que os destinos da Fundação estão confiados em boas mãos.

Neste momento, podem considerar-se plenamente justificadas as palavras constantes do ultimo período do preambulo do Decreto n.º 40 690 de 18 de Julho de 1956, que aprovou os estatutos da Fundação:

«Não se desmentirá a justa expectativa de quem entregou ao nosso País a guarda de um legado magnífico, e a administração da Fundação, de maioria portuguesa, não deixará de honrar plenamente essa confiança, pelo acerto dos seus actos e pelo escrupulo posto na execução da vontade do testador.»

Outrosim, devem ter-se por inteiramente fundadas as palavras proferidas pelo Senhor Ministro da Educação Nacional na sessão comemorativa do 1.º aniversário da morte do Fundador:

«Gulbenkian viu longe, escolhendo com largueza os campos de actividade da sua Fundação: culturais, científicos, artísticos e caritativos, tudo visando a melhoria do bem-estar humano. E viu ainda longe assegurando-lhe síndicos de grande categoria moral e mental.»

I. 2. E' consolador registar-se que a iniciativa de Calouste Gulbenkian — que bem merece ser posta em relevo e apontada como exemplo, por se tratar de um estrangeiro que amou Portugal — está, entre nós, a ser seguida por alguns portugueses detentores de grandes fortunas. Não faltará o aplauso da Nação a todos os que, sem egoismo que faz esquecer os deveres de ordem moral, antes com nobres sentimentos cristãos de solidariedade humana, devolvam á camada mais desfavorecida da colectividade parte do seu remanescente.

I. 3. A administração de uma Fundação da natureza da de Calouste Gulbenkian não é fácil.

Efectivamente, na maioria das Fundações, os rendimentos para a consecução dos objectivos que as mesmas pretendem atingir têm a sua base num capital que, por si, pouca acção administrativa exige, por estar representado em propriedades ou títulos de crédito. Quase só a aplicação dos rendimentos nos fins das Fundações preocupa os respectivos administradores.

São diferentes os trabalhos e canseiras dos Administradores da Fundação Gulbenkian.

Na verdade, através de Companhias directa ou indirectamente subsidiárias da Fundação Gulbenkian é que se obtém a maior parte dos rendimentos, visto que essas Companhias têm por finalidade possuir e administrar participações financeiras ou conservar e aplicar os respectivos lucros ou rendimentos.

A «Participations and Explorations Corporation» (PARTEX) — a mais importante das Companhias subsidiárias da Fundação, mantém interesses na «Iraq Petroleum Company» e nas Companhias associadas desta.

Os dividendos das Companhias subsidiárias constituem, assim, o principal rendimento da Fundação.

Quer isto dizer que o Conselho de Administração da Fundação Calouste Gulbenkian tem, neste domínio, três ordens de preocupações:

a) as consequentes da política geral a adoptar na administração das Companhias subsidiárias, designadamente da PARTEX, administração que exige uma actuação complicada e não isenta de riscos, como é condição de toda a política comercial, mormente quando ela está sujeita a contingências de ordem internacional;

b) as inerentes á fixação dos lucros partilháveis das referidas Companhias, tendo em vista, por um lado, a necessidade de as mesmas realizarem novos investimentos destinados a aumentar a sua produtividade, e, por outro, a de obter, para a Fundação, os rendimentos necessários á execução dos seus programas; e

c) as que resultam da política de investimento das disponibilidades financeiras, depois de satisfeitas as duas necessidades referidas na alínea anterior.

I. 4. E' dura e absorvente tão vasta tarefa. A Comissão Revisora de Contas tem clara noção destas dificuldades porque, especialmente no que respeita á política dos grandes investimentos, dela tem sido posta a par pelo Conselho de Administração e não tem tido duvidas, medidos e ponderados todos os elementos de apreciação, em apoiar e confirmar essa política.

I. 5. No que respeita especialmente aos elevados fins da Fundação, é humano, num critério simplista, imaginar-se que esta Instituição, tendo atrás de si, como fonte dos seus recursos, Companhias directa ou indirectamente subsidiárias, poderia, com os meios disponíveis canalizados para o património independente da Fundação, constituir um cofre, aberto de par em par, ao qual se deveria recorrer até anualmente o exaurir, desde que o dinheiro se destinasse a fins caritativos, artísticos, educativos e científicos.

Temos que, todavia, ter sempre presente que esta Instituição é *perpétua* e que a sua acção se exerce, não só em Portugal, mas também em qualquer outro país onde os seus Administradores julguem conveniente exercê-la.

E, assim, há que constituir um património próprio da Fundação, uma infraestrutura financeira a mais sólida que for possível para prevenir e defender o futuro de quaisquer eventualidades.

Com este objectivo, uma parte apreciável dos rendimentos disponíveis vem sendo capitalizada para tornar mais forte a tal infraestrutura financeira e só o remanescente é reservado á realização dos fins da Instituição.

Mesmo este remanescente, que constitui um montante elevado, é distribuido através de planos de orientação pormenorizados e definidos pela Administração e de estudos feitos pelos serviços técnicos da Fundação, para assim se substituir o arbítrio pela justiça distributiva.

I. 6. Tem sido preocupação constante do Conselho de Administração da Fundação, no desenvolvimento da sua acção, por um lado, não se substituir ao Estado e, por outro não estabelecer, com ele, qualquer concorrência competitiva.

Mas sendo, em grande parte, comuns os fins do Estado e os fins da Fundação, é perfeitamente lógico que, guardada uma estrutural independência, a Fundação, na realização dos seus objectivos, haja cooperado com o Estado e que o Estado continue a facilitar o desenvolvimento das actividades da Fundação.

I. 7. Com estas palavras prévias, que nos pareceram indispensáveis para bem aprender o que se vai seguir, vamos entrar na apreciação do que constitui objecto da nossa competência e que é:

1) *Proceder ao exame anual:*
   a) *do inventário do património da Fundação;*
   b) *do balanço das receitas e despesas.*
2) *Verificar se a aplicação do rendimento do património da Fundação se realizou de harmonia com os seus fins estatutários.*

I. 8. Para o exame anual do inventário do património da Fundação e do balanço das receitas e despesas, tomou como base a Comissão Revisora de Contas o relatório e documentos que os instruem dos «Chartered Accountants». E' esta a base que nos é indicada pela parte final do n. 1 do Artigo 25.º dos Estatutos.

A verificação da aplicação dos rendimentos dentro dos fins estatutários, levou-a a efeito a Comissão através de informações pormenorizadas pelos «Chartered Accoutants», acrescidas e aclaradas pela análise de elementos existentes na Contabilidade Central da Fundação que encontramos sempre em boa ordem.

I. 9. Seguiremos, tanto quanto possível, a mesma estrutura e usaremos da mesma linguagem simples do primeiro parecer. A mesma estrutura facilita comparações; a linguagem dá ao leitor menos familiarizado com estes problemas a compreensão imediata.

Mesmo quando tivermos que agrupar numeros, o seu alinhamento e as respectivas rubricas terão, dentro do mesmo objectivo, a possível singeleza. Talvez assim se torne acessível a muitos o que exposto técnicamente só seria compreendido por poucos.

II — EXAME DO INVENTÁRIO DO PATRIMÓNIO

II. 1. O exame, do qual vamos fazer sucinto relato, tem a maior amplitude.

Efectivamente ele abrange (art. 3.º do Decreto-Lei n.º 40 690, de 18 de Julho de 1956 e artigo 8.º dos Estatutos) os bens, quer da herança do testador (incluindo os das Companhias subsidiárias), quer o constituído pelo capital de certos «trusts» por ele criados, quer os adquiridos pela Fundação com os rendimentos disponíveis do seu património, quer ainda, o formado pelos demais bens.

Consequentemente, este exame do inventário faz-se considerando o património da Fundação como um conjunto constituído pelos seguintes agrupamentos:

a) Artístico;
b) Investido nas Companhias directa ou indirectamente subsidiárias da Fundação;
c) Recebido pela Fundação da herança ou adquirido com os rendimentos disponíveis do seu património independente.

Quer isto dizer que para se examinar o inventário em conjunto temos que tomar os valores patrimoniais de três partes completamente distintas.

O quadro geral que segue dá-nos uma visão clara do conjunto sem obscurecer cada um dos sectores que o constituem:

	31/12/57		31/12/58		OBSERVAÇÕES
	Contos	£	Contos	£	
A — Património Artístico					Valor por memória Esc. 100 (ver II 4)
B — Companhias subsidiárias da Fundação:					
B1 — Posição líquida — excluindo o activo imobilizado — B2/B5 em baixo (ver mapa II 6)	1.478.765		1.822.689		
B2 — Investimentos na «Iraq Petroleum Co. Ltd.» e suas Companhias associadas					Representado por 7.144.020 acções de £1 cada integralmente realizadas (ver II 9)
B3 — Suprimentos á «Iraq Petroleum Co. Ltd.»		494.443		588.179	
B4 — Palácio da Avenida de Iéna, 51, Paris	524 *		519 *		
B5 — Mobiliário e equipamento	183 *		168 *		
C — Posição líquida do património independente da Fundação (ver mapa II 11)	886.259		908.556		
	2.365.731	494.443	2.731.932	588.179	

* Valor líquido de amortização.

II. 2. O quadro acima diz-nos que, além da colecção de arte e dos investimentos que constituem activo imobilizado na «Iraq Petroleum Company Ltd.» e Companhias associadas, os restantes valores patrimoniais registaram em 31 de Dezembro de 1958 e em relação a igual data de 1957 um progresso de 366.201 contos, para os quais concorreram, com 343.904 contos as Companhias subsidiárias e com 22.297 contos o património independente da Fundação.

O ano de 1958, fechou, portanto, com a posição líquida geral de 2.731.932 contos, mais o valor da colecção de arte e os valores imobilizados em investimentos na «Iraq Petroleum Company Ltd.». Representamos separadamente este ultimo activo imobilizado, como aliás já o fizemos no primeiro parecer em que publicámos discriminadamente a lista das acções: tal como acontece em relação á colecção de arte, não seria possível estabelecer o seu valor real, muito superior ao valor nominal.

Deste simples apontamento se pode imediatamente avaliar da sólida base financeira em que assenta já a Fundação Calouste Gulbenkian, e do prudente e salutar critério com que o seu património vem sendo gerido.

II. 3. Dada a visão panoramica, vamos agora apresentar alguns esclarecimentos quanto aos três sectores que a compõem e, simultaneamente, demonstrar como se obtiveram os numeros referentes ao ano a que este parecer diz respeito.

A — *Património Artístico:*

II. 4. Figura no quadro geral, como no património independente da Fundação, como adiante veremos, registado o seu valor, como memória, com 100$00.

Trata-se, como já acentuámos no primeiro parecer, de um valor muito representativo da Fundação.

Efectivamente, quando for possível, em ambiente condigno, tornar acessível ao publico esta preciosa colecção constituida por obras de pintura, escultura, ceramica, e artes decorativas, no total de cerca de três mil peças, teremos, sob tecto português, um ponto de peregrinação artística invulgar que será assinalado e recomendado pelos roteiros de viagens mais exigentes. E o conjunto, constituindo uma rara fonte educativa e cultural, estará á disposição das gentes de todos os quadrantes, concretizando-se assim a parte mais acarinhada do pensamento do testador.

II. 5. A Comissão Revisora de Contas já deixou registado no seu primeiro parecer a forma cautelosa e eficiente como está montado na Fundação o inventário da Colecção por forma a ser identificada, seja onde for, qualquer das suas peças.

Anota-se agora que os objectos de arte que estavam em Paris já se encontram em Lisboa, em grande parte, no Palácio Pombal, propriedade da Fundação.

A sua transferência de Paris foi feita em alguns grandes lotes que chegaram em boas condições.

Neste momento, fora de Portugal, encontram-se, á guarda da «National Gallery of Art», de Washington, parte da colecção do Fundador, constituida por antiguidades egípcias, medalhas gregas e um certo numero de pinturas valiosas.

A par do inventário central que existe na Fundação, organizado nos moldes mais modernos, os «Chartered Accountants» obtiveram certificados dos conservadores de Washington e Londres, pelos quais se garante que os objectos de arte ali depositados se mantêm, por empréstimo, á sua guarda.

Os objectos que já se encontram em Lisboa foram cuidadosamente documentados e os «Charterd Accountants» obtiveram, do responsável pelo Serviço do Museu da Fundação, listas pormenorizadas e assinadas dos objectos transferidos e um relatório sobre o estado em que os mesmos foram recebidos.

(Continua na página seguinte)

Fundação Calouste Gulbenkian

(Continuação da página anterior)

Para maior segurança no «contrôle» deste precioso inventário, os «Chartered Accountants» estão agora ocupados em comparar os certificados e listas atrás referidos com o inventário preparado quando da morte do Fundador e com os catálogos preparados para o Fundador antes da sua morte. Este minucioso trabalho dá-nos a garantia de que nada poderá faltar sem se dar por isso. Funcionará como elemento de fiscalização por entidade diferente fora do ambito dos quadros do pessoal da Fundação, pois poder-se-ão conferir os seus registos permanentes.

Um certo numero de Obras de Arte Moderna foi adquirido no decurso do ano de 1958. Quer os «Chartered Accountants» — para os seus registos de fiscalização — quer os serviços adequados da Fundação, incorporaram estas aquisições no inventário permanente das Obras de Arte.

B — *Companhias subsidiárias da Fundação:*

II. 6. Estas Companhias constituem a principal fonte de recursos da Fundação.

O seu objectivo é realizar lucros através dos investimentos considerados mais vantajosos. De entre as Companhias subsidiárias, como já deixámos dito, sómente a «Participations and Explorations Corporation» (PARTEX), que é a mais importante, mantém interesses na «Iraq Petroleum Company Ltd.».

Pelo mapa-geral verificamos que a posição líquida das Companhias subsidiárias em relação a 31 de Dezembro de 1958 é de 1.822.689 contos, mais 343.924 do que a obtida em igual data de 1957.

Vejamos como se obteve o numero que se registou:

B. 1 — POSIÇÃO DAS COMPANHIAS SUBSIDIÁRIAS EM 31 DE DEZEMBRO DE 1958

(CONTOS)

ACTIVO			PASSIVO	
I — *Disponível*			I — *Exigível*	
1. Em Caixa e em Bancos	850.988		1. Credores	88.064
2. Devedores	114.182	965.170	2. Dividendos pagáveis á Fundação	181.136
				269.200
II — *Realizável*			II — *Posição líquida* *	1.822.689
1. Investimentos em acções de Bancos e Companhias — Valor de Bolsas em 31 de Dezembro de 1958: 1.124.679				
Valor de compra	936.247			
2. Obrigações a curto prazo	190.472	1.126.719		
		2.091.889		2.091.889

* Não inclui os bens imobilizados que constam, em separado, do quadro do património (Secção II. 1.).

II. 7 Em relação a 31 de Dezembro de 1957, o activo registou, no fim do ano de 1958, os seguintes aumentos, em contos: + 130.918 de Fundos em Caixa e em Bancos, + 23.450 no global de devedores, principalmente por transacções com petróleo; + 81.749 investidos em Bancos e Companhias; + 121 539, aplicados em obrigações de Governo, a curto prazo.

O passivo teve as seguintes flutuações, em contos: Credores — 6.384; dividendos pagáveis á Fundação + 20.136.

A posição líquida a que se chegou resulta, portanto, de elementos da maior solidez.

II. 8. Os lucros líquidos das Companhias subsidiárias, no ano findo em 31 de Dezembro de 1958, foram de 554.913 contos, dos quais a maior parte provenientes do comércio de petróleo.

Eliminados os efeitos da crise do Canal do Suez, a situação pode considerar-se sensivelmente melhorada.

B. 2 — *Investimentos na «Iraq Petroleum Company Ltd.» e suas Companhias associadas:*

B. 3 — *Suprimentos à «Iraq Petroleum Co. Ltd.»:*

II. 9. Já atrás dissemos que este activo imobilizado á representado por um certo numero de acções representando uma comparticipação de 5 % no capital da «Iraq Petroleum Company, Ltd.» e Companhias associadas. O registo que se publicou no parecer do ano ultimo não teve qualquer alteração. O valor nominal de todas as acções completamente realizado, totaliza £ 7:144.020.

Por virtude da sua comparticipação (5 %) no capital da «Iraq Petroleum Company Ltd.» e das suas associadas, a PARTEX e, assim, indirectamente a Fundação, teve de concorrer, no ano de 1958, na proporção daquela comparticipação, com £ 93.736 de suprimentos, destinados a novos investimentos nas zonas petrolíferas de que aquelas primeiras Companhias são concessionárias e respectivas instalações.

B. 4 — *Palácio da Avenida de Iéna, em Paris:*

B. 5 — *Mobiliário e equipamento:*

II. 10. Os valores para menos em 1958, resultam de deduções de montantes de depreciação, embora o Palácio da Avenida de Iéna tenha um valor muito superior.

C — *Posição líquida do património independente da Fundação:*

II. 11. Em 31 de Dezembro de 1958, registaram-se os seguintes movimentos activos e passivos de que resultou uma posição líquida de 908.556 contos mais 22.297 contos do que em igual data de 1957:

(ESCUDOS)

DO ACTIVO			DO PASSIVO	
I — *Disponível*			I — *Exigível*	
1. Em Caixa e em Bancos	828:464.663		1. Credores	304.858
2. Devedores	2:920.860		2. Dívidas a beneficiários segundo o testamento do Fundador aguardando a liquidação do imposto sucessório	10:224.332
3. Dividendos recebíveis de Companhias subsidiárias	181:136.250	1.012:521.773	3. Parte de importancias autorizadas para os fins específicos da Fundação mas não pagas até 31 de Dezembro de 1958	226:308.904
				236:838.091
II — *Realizável*			II — *Posição líquida*	908:556.384
1. Investimentos em acções de Bancos e Companhias	102:744.076			
2. Viaturas com motor	1:218.476			
3. Aquisição de propriedades	28:909.953			
4. Património transferido da herança a um valor nominal:				
— Colecções de Arte 100				
— Acções das Companhias subsidiárias 100	200	132:872.705		
		1.145:394.478		1.145:394.478

II. 12. A posição líquida obtida que corresponde ao Fundo de Capital e ao rendimento não distribuído — 908:556.384$ — resulta das seguintes parcelas:

	Escudos	
— Posição em 31 de Dezembro de 1957	853:439.098	
— Dividendos das Companhias subsidiárias relativos a períodos anteriores	20:672.515	(*)
	874:111.613	
A abater quantias pagas de encargos da liquidação da herança do Fundador	— 629.558	
	873:482.055	
Rendimento não distribuido:		
Em 1957	32:819.886	
Em 1958	2:254.443	+35:074.329
	908:556.384	

(*) Este numero foi assim obtido:

— Dividendos das Companhias subsidiárias liquidados antes da distribuição dos 181:136.250$ que figuram no activo disponível do património independente da Fundação	22:593.327$	
— Aplicado em distribuição para os fins da Fundação, — adicionando-se aos dividendos de 181:136.250$	— 1:920.812$	
	20:672.515$	

II. 13. Vamos dar os esclarecimentos para bem se compreenderem os movimentos do Activo e Passivo atrás alinhados.

Comecemos pelo Activo.

Os Fundos em Caixa e nos Bancos diminuiram no ano de 1958 em 133.430 contos. No decurso do ano de 1958 o Conselho de Administração da Fundação decidiu avisadamente reduzir os seus fundos em Caixa e em depósitos bancários e aumentar a sua carteira de títulos.

Como consequência desta diminuição aparece um aumento de 89.388 contos em investimentos (acções de Bancos e Companhias).

Os fundos em Caixa e os depósitos bancários no total de 828:464.663$ decompõem-se como segue:

	Contos
— Contas-correntes nos Bancos	38.333
— Fundos em caixa e ouro	417
— Fundos a prazo nos Bancos:	
Depósitos em escudos (8 Bancos)	400.000
Depósitos em dólares U. S. (4 Bancos)	389.715
	828.465

II. 14. Os investimentos que se levaram a efeito foram em acções de Companhias diversas. O montante registado nos livros e no quadro acima é de 102:744.076$. Em 31 de Dezembro de 1958 o valor no mercado era de mais 34.636 contos. Por isto se pode avaliar da excelência da operação.

Na sequência dos sucintos esclarecimentos que estamos a prestar, vamos fazer uma referência á rubrica «viaturas com motor».

II. 15. Estas viaturas são constituidas por dois carros que servem para todas as deslocações do pessoal da Fundação e mais um carro e quinze camionetas para o serviço das Bibliotecas Itinerantes. O custo destas viaturas sofrerá depreciações no decurso de quatro anos.

O valor de 1:218.476$ que foi registado obteve-se da seguinte forma:

	Custo (contos)	Depreciação (contos)	Valor actual (contos)
— Dois carros de escritório	191	28	163
— Viaturas das Bibliotecas Itinerantes:			
Um carro	60	15	45
Quinze camionetas	1.216	206	1.010
	1.467	249	1.218

II. 16. A rubrica do activo «aquisição de propriedades» está, em relação a 1957, valorizada em 8.317 contos.

Esta importancia resulta do custo das instalações provisórias no Parque de Santa Gertrudes (as quais já sofreram no ano de 1958 a primeira desvalorização de 76 contos, continuando a desvalorizar-se pelo periodo de mais 6 anos) e do custo do palácio Pombal, terrenos anexos, melhoramentos e adaptações para depósito das obras de arte enquanto os edifícios da sede permanente e do Museu não forem levantados no excelente enquadramento que é constituído pelo Parque de Santa Gertrudes. O programa das respectivas instalações — que exigiu delicado e moroso estudo — está findo, e os trabalhos da elaboração dos subsequentes projectos encontram-se em plena execução.

II. 17. Note-se, por fim, que as duas partes mais importantes do património da Fundação — Colecção de Arte — Acções das Companhias subsidiárias — figuram no Activo com um valor simbólico — 100$.

Passemos agora ao Passivo.

II. 18. Não vale a pena, pelo seu relativamente pequeno montante, justificar a cifra de 304.858$ que é o somatório de um conjunto de pequenas dívidas passivas que, em 31 de Dezembro de 1958, aguardavam conferência e liquidação.

De notar que os encargos resultantes da execução das determinações do testador, que figuravam em 1957 no passivo pela importancia de 199:726.296$, estão reduzidos a 10:224.332$ e isto mesmo por se aguardar a liquidação do respectivo imposto sucessório.

II. 19. Figuram no passivo 226:308.904$ de parte de importancias autorizadas para os fins específicos da Fundação, mas não pagas até 31 de Dezembro de 1958.

Este numero tem a seguinte explicação:

CONTOS

PAÍSES	Importancias autorizadas cujos encargos transitaram para 1958 (1)	Autorizado no decurso de 1958 (2)	Soma de (1) e (2) (3)	Pago no decurso de 1958 (4)	Importancias autorizadas cujos encargos transitam para 1959 (diferença entre (3) e (4)
Portugal	46.760	58.854	105.614	30.293	75.321
Comunidades Arménias	19.756	14.374	34.130	7.849	26.281
Reino Unido e Comunidade Britanica	21.128	16.979	38.107	9.981	28.126
Médio Oriente	13.053	86.382	99.435	2.854	96.581
	100.697	176.589	277.286	50.977	226.309

II. 20. Convém frisar que, quando o Conselho de Administração autoriza a concessão de importancias para os fins específicos da Fundação, fá-lo, muitas vezes, com declaração expressa do pagamento ser distribuído por dois ou mais anos, consoante o escalonamento dos encargos da realização que se pretende levar a efeito.

Como exemplo, citam-se três dos mais elevados montantes já autorizados, mas cujos pagamentos parcelares se distribuem por vários anos:

— Republic of Iraq Development Board, 84.530 contos;
— Laboratório Nacional de Engenharia Civil, 20.000 contos;
— Royal College of Art, 6.043 contos.

III — BALANÇO DAS RECEITAS E DAS DESPESAS

III. 1. Vimos já, através dos movimentos activos e passivos da Fundação, que o património independente desta foi valorizado e que o conjunto apresenta toda a solidez.

Para a manutenção da Organização e consecução dos seus fins, reservou o Conselho de Administração, para o ano de 1958, as seguintes receitas:

	Escudos	
— Dividendo das Companhias subsidiárias	183:057.062	*
— Outros dividendos	3:376.426	
— Juros	23:752.905	
Total das receitas	210:186.393	

* Esta importancia é assim representada: 181:136.250$ que figuram no Activo disponível da Fundação, acrescidos de 1:920.812$ da parte dos dividendos de 22:593.327$ que não foram integrados no capital da Fundação (Cf. nota no II. 12).

III. 2. Com a cobertura atrás especializada e totalizada despenderam-se ou cativaram-se através de autorizações que correspondem a compromissos assumidos:

		(Escudos)	
a)	Despesas de Administração, instalação e funcionamento		12:529.778
b)	Outras despesas		7:777.030
c)	Encargos testamentários		7:500.005
d)	Colecção de Arte:		
	— Aquisição de Obras de Arte	48.000	
	— «Contrôle» conservação, guarda e transporte de Obras de Arte	3:487.843	3:535.843
e)	Para os fins específicos da Fundação:		
	— Portugal	58:854.377	
	— Comunidades Arménias	14:373.830	
	— Reino Unido e Comunidade Britanica	16:979.337	
	— Médio Oriente	86:381.750	176:589.294
			207:931.950

(Continua na 11.ª página)

A entrega das medalhas do «Diário de Lisboa» aos «condutores exemplares» *seleccionados em todo o País*

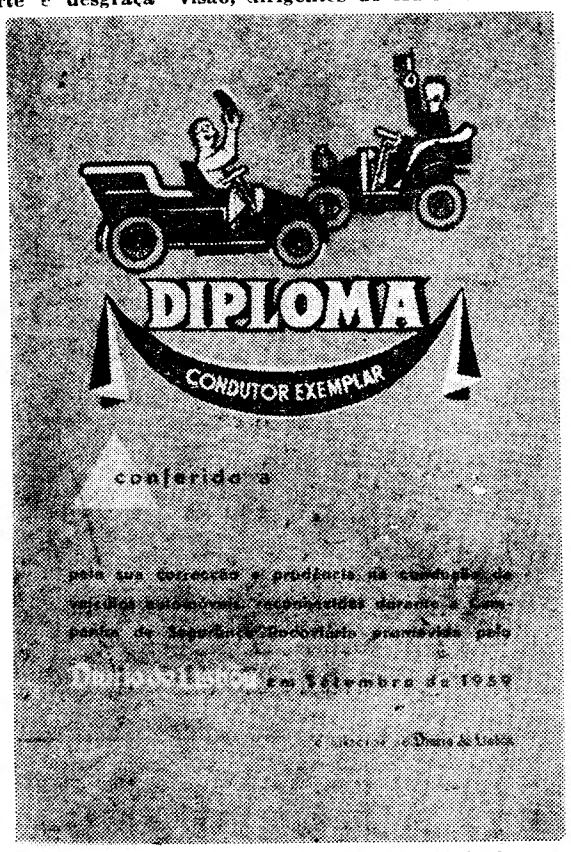
(Continuação da 1.ª página)

compensação para as suas frustrações quotidianas. Bem merecem a homenagem que lhes presta o «Diário de Lisboa» e é justo que recebam o reconhecimento de quantos, condutores e peões, entendem que uma viatura motorizada deve ser uma ferramenta de trabalho ou um instrumento de prazer, mas nunca uma ameaça de morte e desgraça correndo pelas estradas em busca sempre de novas vítimas.

A grande festa automobilística de amanhã inicia-se, cerca das 11 horas, com uma concentração dos condutores exemplares, muitos vindos dos locais mais distantes da nossa província, na Avenida Nuno Alvares Pereira, ao topo do Parque Eduardo VII. Formar-se-á, então, um festivo cortejo automóvel que, precedido por batedores motociclistas, descerá a Avenida da Liberdade e tomará pela estrada marginal, em direcção ao Estoril, depois de passar pelo Rossio, Rua do Ouro, Praça do Comércio e Avenidas da Ribeira das Naus, 24 de Julho e da India.

No Casino Estoril efectuar-se-á seguidamente, a entrega de medalhas e diplomas de condutor exemplar. Será uma cerimónia simples, mas a que não faltará, a um tempo, solenidade e alegre camaradagem. Por fim — e, neste caso, o ultimo não é decididamente o menos importante — será servido um almoço de confraternização, também no Casino Estoril, em honra dos condutores exemplares este ano seleccionados pelo «Diário de Lisboa».

Além dos condutores exemplares, tomarão parte no almoço representantes da Imprensa diária e dos jornais e revistas especialmente dedicados aos problemas automobilísticos, as autoridades que superintendem sobre as questões de transito, as entidades que dirigem a construção e manutenção das nossas estradas, representantes do chefe do distrito e do presidente do Município da capital, presidente da Camara Municipal de Cascais, presidente da Junta de Turismo da Costa do Sol, representantes da Rádio e da Televisão, dirigentes do Automóvel Clube de Portugal, administradores da Mobil Oil Portuguesa e da Shell Portuguesa e outras individualidades do maior relevo.



O diploma de «condutor exemplar» desenhado por Tomás de Mello

O almoço em honra dos nossos condutores exemplares assumirá, assim, o carácter de uma verdadeira consagração. Autoridades, dirigentes e estudiosos dos nossos problemas automobilístico, representantes dos grandes órgãos de informação, administradores de duas das nossas maiores empresas de distribuição de combustíveis unir-se-ão para enaltecer os melhores condutores portugueses, que bem merecem a gratidão e os louvores de todos nós.

A Mobil Oil distribuirá uma miniatura dedicada aos mandamentos do bom condutor

A Mobil Oil Portuguesa distribuirá amanhã mais um suplemento-miniatura do «Diário de Lisboa». Nele se apontam os dez mandamentos do bom condutor e os prejuízos, infelizmente muito maiores do que é crença geral, causados pela imprevidência. E' mais um serviço a juntar aos inumeros benefícios que os automobilistas portugueses já receberam da Mobil. Recordemos apenas a criação das primeiras bombas de venda de gasolina e a instalação das primeiras estações de serviço do nosso País. Mas a Mobil não se limitou a colaborar com o «Diário de Lisboa» na edição de mais uma miniatura em louvor dos condutores exemplares. Com o mais acentuado espírito de compreensão e desinteresse, deu a sua valiosa contribuição para esta apoteótica homenagem aos condutores exemplares.

A Shell Portuguesa colabora na homenagem aos condutores exemplares

A Shell Portuguesa, empresa que revela vigorosa tendência para uma sempre crescente expansão dos seus serviços, associou-se á nossa campanha de segurança no transito desde o seu primeiro dia. O «Diário de Lisboa» publicou dez testes organizados pelos serviços psicotécnicos da «Shell», os quais tiveram o mais caloroso acolhimento entre a grande massa dos nossos leitores. Agora, a «Shell» deu-nos também, com o mesmo espírito de serviço, a sua valiosa cooperação á homenagem que o «Diário de Lisboa» amanhã presta aos nossos condutores exemplares.

Os excelentes serviços do Casino Estoril

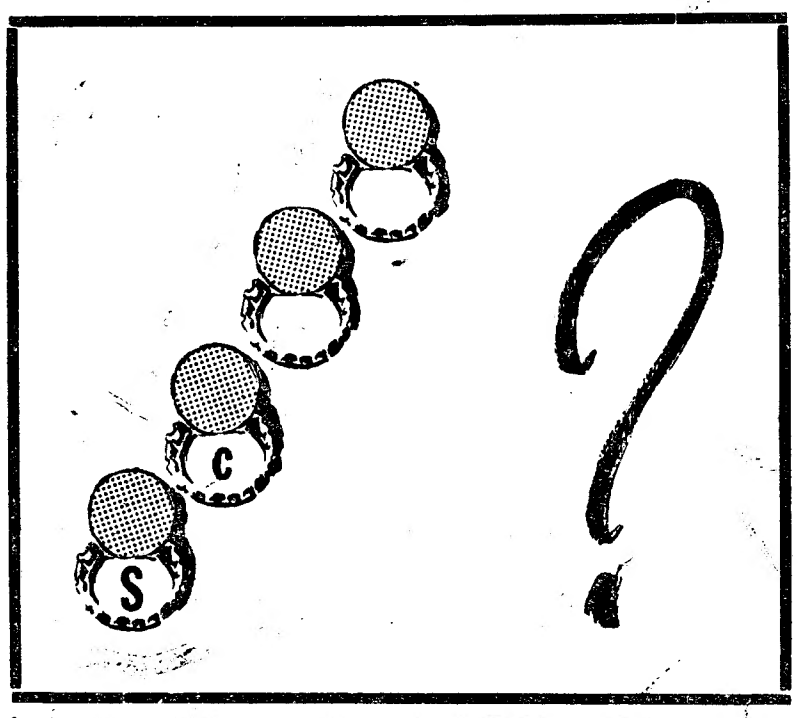
O almoço em honra dos condutores exemplares seleccionados pelo «Diário de Lisboa», com a valiosa colaboração da Polícia de Viação e Transito, efectua-se no Casino Estoril, como temos anunciado. Casa de grandes e gloriosas tradições, o Casino Estoril renovou nos ultimos anos todas as suas actividades, dando-lhes um carácter mais acentuadamente próprio de uma grande metrópole europeia ou de uma grande estancia de veraneio. Bastará recordar o Carnaval do Estoril, corajosa iniciativa do sr. Teodoro dos Santos, um dos nossos industriais mais empreendedores e mais generosamente dedicados ao desenvolvimento das actividades turísticas do nosso País. Não admira, assim, que o sr. Teodoro dos Santos tivesse dado o mais caloroso acolhimento á realização no Casino Estoril do almoço em honra dos condutores exemplares.

O Automóvel Clube de Portugal coopera na reunião de amanhã

O «Diário de Lisboa» encontrou no Automóvel Clube de Portugal um decidido colaborador da sua campanha de transito. Possuidor de uma longa experiência dos problemas rodoviários, tendo já promovido campanhas de transito eficientes e que se desenvolveram á escala nacional, o Automóvel Clube de Portugal é a maior associação portuguesa e uma das mais uteis. O apoio que o nosso jornal encontrou, desde início, no Automóvel Clube, bem revela a inteligência e espírito de compreensão de quem preside aos seus destinos. Também a festa de amanhã terá a dedicada cooperação do Automóvel Clube de Portugal.

A Junta de Turismo da Costa do Sol quis que a nossa campanha terminasse no Estoril

A Junta de Turismo da Costa do Sol, bem compreendendo o nobre significado da festa em honra dos condutores exemplares do nosso País, decidiu oferecer á sua cooperação ao nosso jornal, para que a nossa Campanha de Segurança no Transito tivesse o seu termo no Estoril. A nossa festa será, assim, mais um elemento positivo de propaganda das belezas da Costa do Sol.



Vinho puro... ...rôlha de cortiça

O frade dominou o ladrão

FORTALEZA, 10 — O frade capuchinho João Maria prendeu um ladrão que assaltava o convento. Depois de o ter dominado com alguns golpes de judo, o frade amarrou o ladrão a uma árvore, até chegar finalmente a Polícia.

O caso deu-se em Sobral, no interior do Estado do Ceará.— (A. N. I.).

A acção dos e está a s *pelas brigadas d*

No sentido de contrariar as manobras dos exploradores, as brigadas de fiscalização da Intendência Geral dos Abastecimentos estão a

Chegaram hoje de Africa

os componentes do Orfeão Universitário do Porto

Estudantes do Orfeão Universitário do Porto, após o desembarque

Regressaram hoje a Lisboa os componentes do Orfeão Universitário do Porto, que efectuaram espectáculos na África Portuguesa.

Os estudantes, muitos dos quais eram aguardados por pessoas de família, receberam os cumprimentos dos srs. profs. drs. Amandio Tavares, reitor da Universidade do Porto; Ernesto de Morais, director da Faculdade de Medicina do Poro;t Jaime Pereira da Silva, presidente do Orfeão Universitário e Mário Paula Santos, director.

Logo que desembarcaram, dirigiram-se aos ministérios da Educação Nacional e do Ultramar, para apresentarem cumprimentos, devendo partir para o Norte, amanhã, no comboio que sai de Lisboa ás 8 e 30 e chega ao Porto, pelas 14 horas.

PROVAS DA A. F. L.

O campeonato de «reservas» prossegue hoje com encontros da quarta jornada

O campeonato da Associação de Futebol de Lisboa, para as categorias de reservas dos clubes que estão a disputar os campeonatos nacionais das primeira e segunda divisões, prosseguiu esta tarde, com os encontros Benfica-Estoril, Torriense-Oriental, Olivais-Belenenses e Atlético-Sporting.

Destas partidas daremos, em segunda edição, breves apontamentos.

Junghans

A marca de relógios bastante conhecida e cuja precisão é uma séria garantia. À venda só nas boas relojoarias e ourivesarias do País

É sempre prova de carinho dar uma prenda de gosto ás pessoas de amizade

GRANDE OURIVESARIA DA MODA

Rua da Prata, 257

speculadores
er repremida
la *Fiscalização*

agir activamente por todo o País, fazendo-se já sentir os efeitos da sua acção repressora.

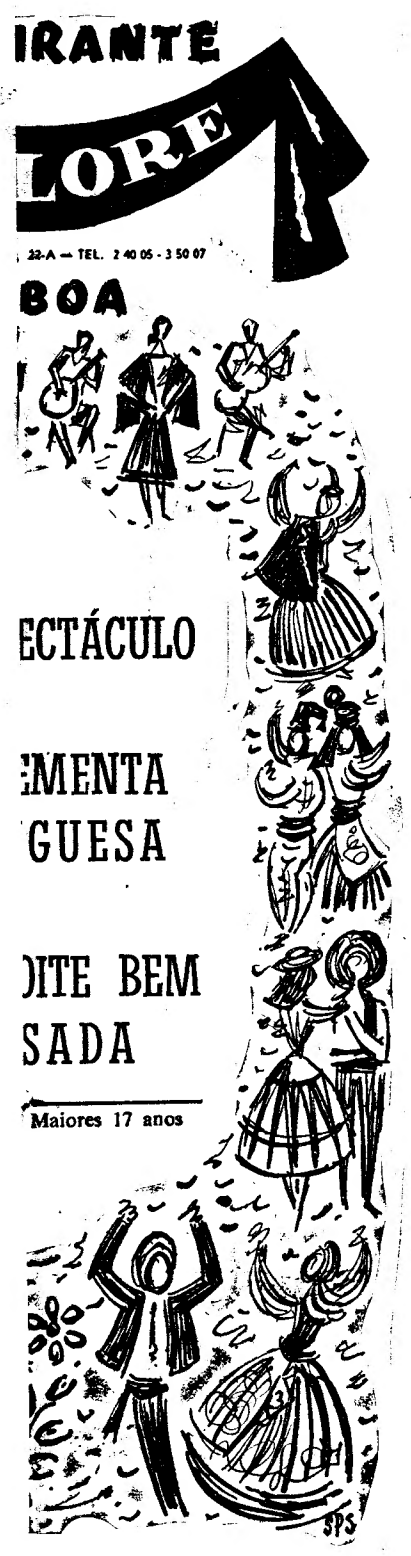
Na feira de Arcos de Valdevez foi preso, em flagrante delito, o retalhista de mercearia António de Oliveira, do lugar de Geme (Vila Verde). A brigada de fiscalização verificou que recusara a um lavrador a venda de bacalhau, sob a alegação de que o não possuia, afirmação que repetiu aos agentes fiscalizadores. Estes, porém, numa rápida busca, encontraram cerca de 24 quilos de bacalhau sonegado, que foi imediatamente vendido no local. O comerciante prevaricador foi entregue ao tribunal, onde prestou a fiança de 5.000$00, pelo que saiu em liberdade, aguardando julgamento.

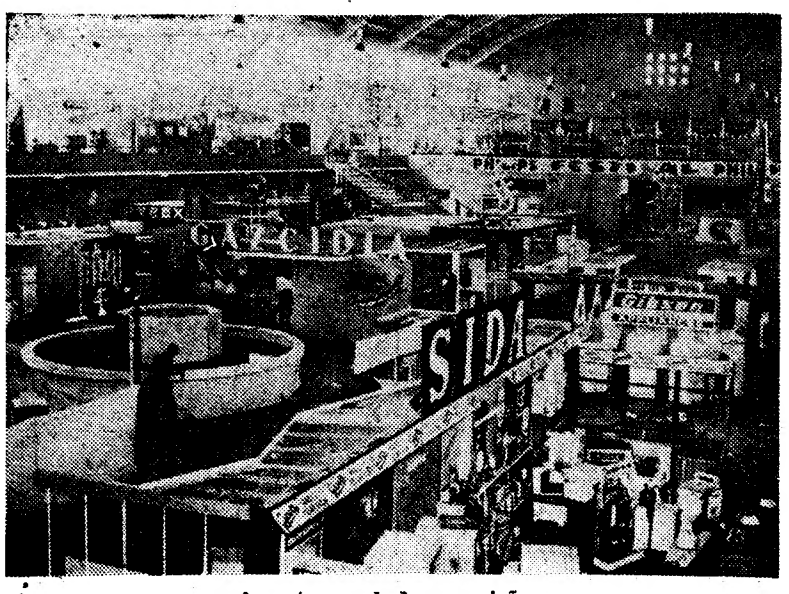
*

Por não terem bacalhau em exposição nos estabelecimentos, foram processados dois retalhistas de Évora e outros em Braga, Leiria, Vila Nova de Ourém e Marinha Grande.

*

Na feira mensal de S. Pedro do Sul, os ambulantes de mercearia Artur Ferreira Guedes e José Correia Lima tinham á venda bacalhau impróprio, com perigo para a saude do consumidor. Por ordem do veterinário municipal, foram inutilizados 30 quilos ao primeiro arguido, e 15 quilos ao segundo, sendo ambos processados.





Aspecto geral da exposição

Inaugurou-se esta tarde
o III Salão de Artes Domésticas
de iniciativa de «O Século»
que constitui um notável êxito

No vasto e moderno Pavilhão da Feira das Industrias oPrtuguesas está a decorrer á hora de encerrarmos a nossa edição, a cerimónia inaugural, com a presença da esposa do Chefe do Estado, sr.ª D. Gertrudes Ribeiro da Costa Rodrigues Tomás e diversas entidades oficiais, do III Salão de Artes Domésticas, organizado pelo nosso prezado colega «O Século».

E' uma iniciativa a todos os títulos notável, que, pela terceira vez, marca um êxito invulgar, pois o grande certame, apresentado com muito gosto, em elevado nível artístico e de apurado sentido estético, reune uma infinda série de artigos relacionados com a vida e a economia caseiras, salientando-se a apresentação dos mais variados produtos nacionais e estrangeiros, que proporcionam o máximo de conforto e sedução no arranjo de um lar, desde os utensílios de utilidade imediata ás mais recentes inovações da técnica moderna.

Entre muitos outros motivos de interesse e valorização do admirável certame, salienta-se a apresentação dos vinhos portugueses, pelas mais importantes empresas de comércio e produção.

Além do soberbo efeito do conjunto dos vários «stands», o publico assistirá a diversas demonstrações práticas sobre a utilização e o funcionamento de muitos dos artigos expostos, alguns dos quais são das mais atraentes novidades, que interessam não só ás donas de casa, mas constituem um forte motivo de atracção para toda a gente, pois o III Salão de Artes Domésticas, verdadeiro acontecimento, constitui um magnífico documentário de inovações e uma realização artística em plano superior.

Numa visita que a Imprensa, a Rádio e a TV tiveram ocasião de fazer no pavilhão, por amável convite da direcção de «O Século», pôde realmente verificar-se, não só o alto interesse de que vai revestir-se este terceiro salão, pelo seu maravilhoso conteudo, mas também o notável trabalho desenvolvido para colocar perante os olhos do publico tão interessantes mostruários. Se é certo que se trata, realmente, de um amplo e belo trabalho, orientado por uma comissão de que fazem parte os srs. Joaquim Pavão, arquitecto Jorge Segurado, engenheiro Carlos Santos e José Rocha, é justo especificar o esforço do primeiro, como muito bem acentuou o sr. dr. Guilherme Pereira da Rosa, director-adjunto do nosso prezado colega «O Século», durante o jantar a que presidiu ontem á noite, em honra da Imprensa, da Rádio e da TV e em que, num improviso repassado de simpatia e de compreensão, expôs os propósitos da iniciativa.

O publico de Lisboa vai ter, mais uma vez, oportunidade de admirar os mais variados artigos de actividade doméstica, num certame interessantíssimo e cheio de atractivos.

Nas pinturas deste certame uma vez mais se empregaram Tintas S. João, Ovar, cujo depósito em Lisboa é na Rua Maria, 49 A.

15 mil contos
de melhoramentos
na Manutenção Militar

Com a assistência dos srs. ministros da Defesa Nacional e do Exército, subsecretários de Estado desta pasta e da Aeronáutica, e ainda de altas patentes militares, nomeadamente o chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas, foram inaugurados esta tarde, na Manutenção Militar, importantes melhoramentos, que muito valorizam aquele departamento.

O sr. general Julio Botelho Moniz foi ali recebido pelos seus colegas no Governo, srs. coronel Almeida Fernandes, e tenentes-coroneis Costa Gomes e Kaulza de Arriaga, e ainda pelos srs. generais Beleza Ferraz e José Esquivel, coronel Manuel Domingos e tenente-coronel José Henriques de Sousa, respectivamente, director e subdirector da Manutenção, e outros oficiais. Prestou a guarda de honra ao ministro da Defesa uma formação militar, com bandeira e banda de musica, á qual o sr. general Botelho Moniz passou revista, assistindo depois ao desfile. Seguiram-se as inaugurações sucessivas, durante as quais os referidos membros do Governo tiveram oportunidade de apreciar demoradamente as inovações, em especial os silos para farinhas, fábrica de torrefacção e moagem de cafés similiares, ampliação da «gare» ferroviária, camaras frigoríficas, de expurgo de cereais, depósito de vinhos, bem como um bloco social onde não faltam a «creche» e as escolas infantis e escola profissional, destinadas aos filhos dos operários, o refeitório para o pessoal e um salão recreativo. Entre esses melhoramentos, orçados em quinze mil contos, que muito beneficiam aqueles serviços, salientam-se os si-

(Continua na 13.ª página)

O tempo que faz

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL AS 9 HORAS (T. M. G.) DE HOJE — Em Portugal continental, o vento era fraco de Noroeste e o céu estava pouco nublado, por acção de uma massa de ar marítimo subsidente transportada na circulação de um anticiclone centrado a Leste dos Açores.

TEMPERATURAS AS 9 HORAS DE HOJE — Porto, 16°; Lisboa e Faro, 17°; Portalegre, 10°; Funchal, 21°.

TEMPERATURAS EXTREMAS REGISTADAS HOJE EM LISBOA ATÉ AS 15 HORAS — Máxima, 21°,7; mínima, 12°.9 No mesmo dia do ano passado: máxima, 25°,7; mínima, 14°,8.

PREVISÃO ATA AS 24 HORAS (T. M. G.) DE AMANHÃ — Bom tempo, com céu geralmente pouco nublado, tornando-se limpo durante a noite. Vento fraco moderado de Norte, rondando para Nordeste, com períodos de calma. Pequena subida de temperatura.

Vitória do Olivais sobre o Belenenses
no campeonato das reservas

Benfica, 13-Estoril, 0

BENFICA—Ramalho; Marques e Jurado; Sidónio, Humberto e Inácio, Vieira Dias, Mendes, Torres, Peres e Malta da Silva.

ESTORIL—Carvalho; Ferreira e Paixão; Silvino, Ferreira e Martins; Arnaldo, Barbosa, Felix, Gonçalves e Silva Ferreira.

Arbitro—Mário Martins.

Sem necessidade de se empregar a fundo, o Benfica evidenciou, desde início, nítida superioridade, e, aos 3 minutos, Mendes abriu o activo. Aos 12 minutos, Peres aumentou a vantagem. Sete minutos depois, Barroca entrou para o lugar de Ramalho, que abandonou o terreno magoado.

Os «encarnados» continuaram a dominar, e aos 43 e 44 minutos, Malta da Silva e Torres puseram a marca em 5-0, a qual se manteve até ao intervalo.

No segundo meio tempo, os «encarnados» izeram mais oito tentos. Quatro, por Torres, aos 18, 19, 36 e 37 minutos; por Peres, aos 39 e 44 minutos; por Mendes, aos 33 minutos, e por Ferreiro, aos 29 m. No final: Benfica, 13-Estoril, 0.

Torriense, 2-Oriental, 2

As equipas:

TORRIENSE — Pinheiro; Margaça I e Gilberto, Antunes, Belchior e Margaço II; Ferreira, Hermínio, Aníbal, Brás e Portas.

ORIENTAL — Rocha; Alves e Mendes; Ciborro, Carapinha e Borrego; Libório, Norton, Postiço, Fernando e Roque.

Arbitro, Jaime Azevedo.

O Torriense abriu o activo aos 33 minutos, por intermédio de Brás. O mesmo jogador, aos 40 minutos, elevou a conta para 2-0. Quando eram decorridos três minutos, Libório pôs o resultado em 2-1, com que terminou a primeira parte.

Na segunda parte, Postiço, aos 30 minutos, fixou o resultado em 2-2.

Atlético, 0-Sporting, 2

ATLÉTICO — Fura; Esteves e Januário; Coelho, Henriques e Campos; Lourenço, Fernandes, Apolinário, Tito e Tomás.

SPORTING — Carvalho; Valente e Alexandre; Oscar, Galaz e França; Carlitos, Cortes, Manuel, Vadinho, Romeu e Quim.

Arbitro — Mário Vidreiro.

Depois de um começo de notório equilibrio, o Sporting começou a atacar mais e, aos 34 minutos, Carlos Manuel, com um pontapé de recarga a umab ola defendida pelo guarda-redes da casa, fez 1-0 para os «leões».

Aos 8 minutos da segunda parte Romeu fez 2-0. Depois, até final assistiu-se a um domínio constante do Sporting, mas o resultado manteve-se.

Olivais, 3-Belenenses, 0

OLIVAIS — Moutinho; Faustino e Frutuoso; Eugénio, Carlos Alberto e Gaspar; Mordido, Augusto, Pinho, Chico e Gato.

BELENENSES—Nascimento; Rosendo e Leonel (depois Castro); Carlos Silva I, Paz e Carlos Silva II; Alemãozinho, Miguel, Martinho (Leonel), Vítor Silva e Estevão.

ARBITRO — Virgilio Salgado.

Pinho aos 20 minutos, e aos 39, Mordido, izeram tentos para o Olivais.

Apesar do domínio técnico e territorial exercido pelos Belenenses os donos da casa em rápidos contra-ataques conseguiram superiorizarem-se no marcador. Ao intervalo: Olivais, 2-Belenenses, 0.

Na segunda parte, os Olivalenses aos 43 minutos, fixaram o resultado final em 3-0, por intermédio de Augusto.

Juan Seminário
fala para o "Diário de Lisboa"
"A minha preocupação é marcar golos"

«O homem do momento», Juan Seminário, que em breve envergará a camisola do Sporting (conforme noutro local adiantamos), falou esta tarde para o «Diário de Lisboa», graças a uma comunicação telefónica feita para Barcelona.

O famoso jogador peruano, que está hospedado no Hotel Explendid, com sua esposa, atendeu a chamada do nosso jornal com visível aprazimento, declarando:

—Não conheço Portugal, mas a informação que me deram sobre o meu ingresso no Sporting, encheu-me de contentamento. E' que eu gosto de jogar futebol e, presentemente, aqui, em Barcelona, apenas treinava.

—Conhece o futebol português?— inquirimos.

—Não. Julgo que será parecido com o brasileiro. «Es verdad?».

Formulámos outras perguta.

—Em que condições vem para o Sporting?

—Ignoro. O assunto foi tratado entre as direcções. Tudo o que for resolvido decerto não me prejudicará.

—Quantos anos tem?

— Fiz em 22 de Júnho deste ano 23 anos. Meço 1,75 metros e peso 71 quilos.

Desde quando alinha como profissional?

— A partir de 1954. Fui 35 vezes internacional pelo Peru.

Bem disposto, Seminário fez uma infindável série de perguntas sobre Portugal e os Portugueses. Demos-lhe conta do extraordinário interesse que a notícia do seu contrato com o Sporting havia suscitado e inquirimos:

— Considera-se um «fenómeno»?

Do outro lado do fio telefónico, ouviu-se uma gargalhada sádia do famoso peruano que retorquiu:

— Fenómeno? Eu? Mas de maneira nenhuma. No campo, a minha preocupação consiste em marcar golos. Nada mais.

— E quantos marcou nas partidas internacionais?

— Cerca de 70 golos.

A terminar, Seminário afiançou-nos que sómente alinhará no Sporting durante um ano para volver ao Barcelona.

E acrescentou:

— Sómente por volta das 18 horas saberei se há lugar disponível no avião. Se tal acontecer, espero estar em Lisboa ainda esta noite. Creia que estou ansioso por conhecer Portugal.

DENTES
COMO ESTES
SÓ COM
PASTA
MEDICINAL
COUTO
CONTRA AS
DOENÇAS DA BOCA

DESPORTOS

O «NACIONAL» DA 1.ª DIVISÃO

Sporting-V. Guimarães e Belenenses-Académica

dois jogos de especial importância

numa jornada que se reveste de muito interesse

O Campeonato Nacional da 1.ª Divisão continua a subir de interesse, jornada após jornada, e amanhã, reune uma série de encontros, práticamente todos, que podem ocasionar alterações na tabela classificativa — desde o 1.º ao último lugar.

O calendário marca os seguintes jogos:

Sporting-V. Guimarães
Belenenses-Académica
Boavista-Benfica
Sp. Braga-Atlético
Leixões-F. C. Porto
V. Setubal-Cuf
Lusitano-Spt. Covilhã

Em relação ao primeiro lugar, verifica-se que enquanto o Sporting figura como visitado o Benfica vai de longada até ao Porto para actuar no campo do Boavista. As dificuldades dos «encarnados» são consideráveis, mas os «leões» não podem pensar em tranquilidade absoluta dado que os vimaranenses, que formam um conjunto harmonioso, são capacíssimos de contrariar a toada dos lisboetas.

Favoritos? Os «guias» da classificação, apesar de um natural condicionalismo, parecem suficientemente apetrechados para triunfar.

No Restelo, trava-se também um jogo de especial interesse, precisamente á mesma hora do que se efectua em Alvalade. A coincidência só redunda em prejuízo para os adeptos, o que é para lamentar.

A visita dos estudantes, robustecidos com a expressiva vitória registada sobre os matosinhenses, e a circunstancia dos «azuis» precisarem de uma relativa reabilitação são factores que contribuem para conferir ao encontro uma importancia que é desnecessário encarecer.

O «élan» dos belenenses, que precisa de jogo ofensivo intenso, faz crer que os homens da Académica experimentarão dificuldades.

O Atlético realiza a primeira digressão á provincia, sinal de que os escolhos se apresentam em grau considerável. Julga-se, porém, que as características de ambos os grupos prometem um embate agradável, cujo prognóstico é uma incógnita.

Nos restantes encontros, aguarda-se a exibição dos campeões nacionais, em Leixões. Será esta a atracção principal da jornada, em face do infortunio que tocou o «onze» do F. C. Porto.

Em Evora e Setubal os despiques oferecem também boas perspectivas, prevendo-se que os visitados se esforcem ao máximo para obter os dois apetecidos pontos.

As prováveis formações

SPORTING — Octávio de Sá; Lino e Hilário; Julius, Morato e Mendes; Perides, Fernando, Ferreira, Pinto e Diego. V. GUIMARAES — Pinho; Caiçara e Daniel; Silveira, Abel e João da Costa; Bártolo, Edmur, Azevedo, Carlos Alberto e Romeu.

Arbitro: Inácio Tereso (Setubal).

BELENENSES — José Pereira; Pires e Moreira; Carlos Silva, Figueiredo e Vicente; Dimas, Yauca, Tonho, Matateu e Estêvão ou Cunha Velho. ACADÉMICA — Maló; Araujo e Juca; Malícia, Wilson e Torres; Rocha, Miranda, Samuel ,Gonçalves e Nuno.

Arbitro: José Alexandre (Santarém).

V. SETUBAL — Libanio; Soares e Vaz; Alfredo, Sidney e Serra; Mateus, Miguel, Jacinto, Bira e Virgílio. CUF — José Maria; Orlando e Durand; Oliveira, Palma e José Luís; Gastão, Salvador, Pedro Silva, Bispo e Ernesto.

Arbitro: Décio de Freitas (Lisboa).

BOAVISTA — Zeca; Franco e Torres; Artur, Agostinho Ribeiro e Campos; Ribeiro, Cabral, Adriano, Guilherme e Germano. BENFICA — Costa Pereira; Serra e Mário João; Neto, Artur e Cruz; José Augusto, Coluna ou Santana, Aguas, Cavém e Palmeiro.

Arbitro: Diogo Manso (Braga).

SP. BRAGA — Cesário; Armando e Azevedo; Passos, Calheiros e Trenque; José Maria Matos, Livinho, Teixeira, Ceninho e Mendonça; ATLÉTICO — Ramin; Fernando Ferreira e Vítor Lopes; Orlando, Germano e Fonseca; Angeja, Brandão, Albano, Bispo e Tito.

Arbitro: Abel da Costa (Porto).

LEIXÕES — Rosas; Santana e Raul 2.º; Ventura, Raul 1.º e Carlos Alberto; Medeiros, Osvaldo Silva, Jaburu, Silva e Nunes. F. C. PORTO — Armando; Virgílio e Barbosa; Luís Roberto, Arcanjo e Monteiro da Costa; Morais, Ferreirinha, Humaitá, Teixeira e Perdigão.

Arbitro: Caetano Nogueira (Porto).

LUSITANO — Vital; Teotónio e Narciso; Caraça, Falé e Vicente; Palmeiro Antunes, Manuel Jorge, Ivson, Flora e Fialho. SP. COVILHA — Rita; Helder e Couceiro; Lázinha, Lourenço e Martinho; Pires, Gabriel, Suarez, Ilo Caldas e Amilcar.

Arbitro: Eduardo Gouveia (Lisboa).

Más «saídas» e boas entradas...

O «NACIONAL» DA 2.ª DIVISÃO

Todos os guias da classificação

têm amanhã deslocações difíceis

O Campeonato Nacional da 2.ª Divisão vai ter amanhã a sua 4.ª jornada, mantendo-se vivo o interesse da luta que está a travar-se nas duas Zonas, não obstante as posições actuais das equipas nada quererem dizer.

Mas, evidentemente, jornada a jornada há que considerar essas posições para avaliar do interesse dos encontros que cada «ronda» comporta. E, nesse aspecto, a de amanhã oferece particular interesse, dado que todos os guias da classificação (três na Zona Norte e um na Zona Sul) vão jogar aos campos dos adversários, sendo estes capazes de lhes «bater o pé» e darem outra «arrumação» aos grupos que encimam as tabelas das classificações.

Os desafios da Zona Norte

Os encontros de amanhã, na Zona Norte, são os seguintes:

Acad. Viseu (2)-Salgueiros (5)
Sanjoanense (2)-Chaves (5)
Peniche (2)-Caldas (5)
Vila Real (2)-Beira Mar (4)
U. Coimbra (2)-Oliveirense (4)
Spt. Espinho (3)-Torriense (2)
Marinhense (2)-Vianense (2)

Entre parentesis indica-se a pontuação de cada clube, vendo-se num relance que só num caso — em Espinho — o visitado está á frente do visitante.

Os guias da classificação — Salgueiros, Caldas e Chaves — deslocam-se para os campos dos adversários e, não só por isso, mas, também, pelo valor das equipas que vão defrontar têm tarefas dificeis. Não é muito de acreditar que o trio dos «comandantes» se mantenha unido. O jogo de Peniche tem sabor especial, porquanto há já algumas épocas que a rivalidade estava adormecida. O Caldas oscilou no ultimo domingo e o Peniche sente-se mais capaz de fazer um bom resultado... O Salgueiros e o Chaves terão de estar atentos.

O desafio de Espinho, também, se torna alvo de especial atenção. O empate que os locais impuseram aos Caldenses, no campo deste e a primeira vitória do Torriense, — as duas coisas há oito dias — dão ánimo ás equipas para darem tudo por tudo.

As perspectivas dos jogos de Marinha Grande, Coimbra e Vila Real são excelentes, admitindo-se lutas equilibradas. O factor «ambiente» pode decidir os pleitos.

Os encontros da Zona Sul

Na Zona Sul, teremos os seguintes jogos:

Barreirense (4)-Portimon. (6)
Farense (5)-Oriental (3)
Arroios (2)-Olhanense (4)
Montijo (3)-Juventude (3)
Lusitano V. R. (1)-Beja (4)
Almada (4)-Estoril (0)
Serpa (1)-S. L. Olivais (2)

Todas as atenções incidem sobre o jogo do Barreiro, onde vai jogar a unica equipa que ainda não cedeu um ponto — o Portimonense. O jogo é dificil para ambos e o resultado dificil, senão impossível de vaticinar.

Mas, não é só o Portimonense com tarefa custosa. O Farense e o Olhanense, ambos por acaso, defrontando equipas lisboetas, também estarão sujeitos a dura prova. O primeiro defronta o Oriental, que não quererá perder o desafio, pois dessa maneira ficaria muito distanciado dos da frente; o segundo visita o Arroios, de quem não se sabe o que surge.

Os restantes jogos — em Vila Real de Santo António, Montijo, Almada e Serpa — parecem dispostos a fornecer vitórias dos visitados.

O peruano Seminário

representará o Sporting

O clube «leonino» efectuará um jogo em Barcelona e o jogador é esperado esta noite em Lisboa, na hipótese do contrato ficar hoje devidamente arrumado

O «fenómeno» Seminário, o jogador que o Barcelona não pode utilizar esta época apesar de ter assegurado a sua colaboração mediante uns bons milhões de pesetas, passará a jogar no Sporting, segundo o acordo inicial ontem firmado entre os representantes do Barcelona e do Sporting, srs. Juan Drapper e major José Carvalhosa, respectivamente.

Na notícia ontem publicada pelo «Diário de Lisboa», que adiantou uma série de pormenores inéditos e verídicos, previa-se esta solução, não obstante considerar-se a candidatura do F. C. Porto que, hoje mesmo, recebeu um telegrama do clube catalão dando-lhe conhecimento das conversações entabuladas com o clube «leonino».

Isto mesmo foi-nos declarado pelo sr. Drapper através de uma comunicação telefónica, efectuada esta tarde. O referido dirigente, amávelmente, acrescentou que o contrato ainda não está definitivamente arrumado.

— Segundo suponho — aduziu — tudo deve ficar pronto hoje por forma a permitir a partida de Seminário para Lisboa ainda esta noite, num avião da Pan American.

Interpelado sobre as condições do acordo, esclareceu que o jogador peruano apenas representará o Sporting durante um ano, regressando depois a Barcelona.

Delicadamente, escusou-se a referir cifras. «A seu tempo se saberá» — retorquiu.

Por fim, informou o «Diário de Lisboa» que o Sporting, em data a designar, defrontará o Barcelona, na cidade catalã, não especificando, porém, se o encontro faz parte de uma cláusula contratual.

Um esclarecimento da direcção do Sporting

Recebemos da direcção do Sporting um ofício assinado pelo sr. Pereira da Silva sobre a notícia que, ontem, o nosso jornal inseriu.

Na impossibilidade de reproduzirmos os termos da missiva, limitamo-nos a transcrever a seguinte passagem:

«A verdade é só esta: foi a actual direcção que primeiramente se interessou por Juan Seminário, dirigindo-se-lhe por carta e, a seguir, por telegrama. Logo depois seguiu por via aérea para o Peru o técnico do Clube de Futebol Barcelona e o Sporting suspendeu as diligências de que tomara a iniciativa. Assim, nem antes, nem depois, foi a presente direcção do Sporting procurada por quem quer que seja a oferecer-lhe os serviços do discutido jogador».

Registamos a declaração sem todavia a interpretarmos como um formal desmentido. Com efeito, é a própria direcção dos «leões» que garante ter-se desinteressado do jogador logo que o emissário do Barcelona seguiu para o Peru.

Provas da A. F. L.

Os jogos de amanhã

Mantém-se, como no domingo anterior, a actividade dos filiados da A. F. L. com o prosseguimento de dois torneios, que, por sinal, são dos mais importantes do vasto calendário daquela Associação.

As posições dos clubes começam a revelar as suas possibilidades, podendo atribuir-se já maior ou menor importancia a este ou àquele encontro.

Relativamente ás duas competições, estão marcados para amanhã 18 encontros, que movimentarão cerca de 400 jogadores.

* * *

O Campeonato Distrital da I Divisão é a prova mais adiantada. Terá a sua 5.ª jornada com o seguinte programa:

Alhandra Casa Pia
Sacavenense - Vilafranquense
Alverca - Operário
Futebol Benfica - Sintrense
Vitória - Desp. Olivais

Todos os encontros se realizam

(Continua na 14.ª página)

Várias provas de amanhã

ATLETISMO — O Benfica promove, no Campo Grande, ás 9.30 h. um torneio para sócios e simpatizantes dos 16 aos 20 anos, com vista ao «Primeiro Passo». Disputar-se-ão provas de 80, 250, 2.000 metros, comprimento, altura e peso

—Do mesmo modo, o Sporting organiza em Alvalade, ás 9.30 horas, um torneio para sócios e simpatizantes, dos 14 aos 19 anos, com provas de 250 e 2.000 metros, peso, altura e vara.

AUTOMOBILISMO — No campo de treinos do Estádio do Restelo, a horas a designar, realiza-se uma gincana para automóveis, sob a organização do C. F. «Os Belenenses».

CORTA MATO — O Casa Pia A. C. faz disputar, ás 10 horas, duas provas de corta-mato nos terrenos anexos ao campo «Pina Manique». Uma é para atletas de 15 aos 17 anos, na distancia de 3.000 metros; outra para atletas de 17 aos 21 anos, na distancia de 5.000 metros

GOLFE — Prossegue a temporada de 1959/60, no magnífico campo do Clube de Golfe do Estoril, disputando-se o Trofeu «S. N. I.», em singulares, homens e senhoras, por pancadas, com abonos. Haverá um prémio para o melhor resultado, sem abonos. E' a primeira vez que o certame figura no calendário do C. G. E.

NATAÇÃO — Com a participação dos melhores nadadores portugueses, em representação do Alhandra, Algés e Dafundo, Cimentos Tejo, Belenenses e Nacional (entre os filiados) e Povoense, Comp. dos Telefones e Robbialac (entre os não filiados), realiza-se ás 12.30 h. a 17.ª Travessia da Póvoa, na distancia de 2.000 metros. E' uma prova de honrosas tradições, dotada com magníficos prémios.

NÁUTICA — Em frente da Praia de Algés, á partir das 10 horas, festival organizado pela Liga dos Melhoramentos de Algés, integrado nas comemorações do bi-centenário da fundação do Concelho de Oeiras. O programa inclui: demonstrações de salvamento e regatas de vela, ás 10 h.; provas de remo, ás 11.45 h.; natação, ás 12 h.; corridas de motonáutica, ás 15.30 h.

TÉNIS DE MESA — Começa o torneio de «infantis» das Taças «Imprensa», com que a Associação de Ténis de Mesa de Lisboa inaugurou a sua temporada. Encontros marcados para as mesas dos clubes indicados em primeiro lugar, ás 10 horas: Benfica C.-Sporting; Arroios-Centro Católico B; Benfica B-Benfica A.

TIRO AO ARCO — Sob a organização do Carnide Clube realiza-se no Estádio Nacional, ás 9 horas, a 4.ª e ultima volta da Taça «Robin», com participação de atiradores do Lisboa Ginásio, Carnide, Benfica e Sporting.

DESPORTO MILITAR

No avião da Alitalia partiu para Atenas o sr. tenente-coronel Vasconcelos Guimarães, que em missão oficial do Ministério da Defesa Nacional, vai tomar parte na Assembleia Geral da Confederação Internacional do Desporto Militar, que se realiza naquela cidade, de 11 a 19 do correntes.

HOJE À NOITE

HÓQUEI EM PATINS — Oeiras-Parede, ás 22 e ás 23 horas para o «Regional» do Sul.

Lanifícios para homem

Ultimos padrões, alta qualidade. Baixos preços.

CASA MAX

R. D. ESTEFÂNIA, 193-F

Fundação Calouste Gulbenkian

(Continuação da 7.ª página)

III. 3. Balanceando as receitas e as despesas do ano de 1958, temos:

	(Escudos)
Receitas	210:186.393
Despesas	207:931.950
Saldo não aplicado que transita para 1959 ...	2:254.443

III. 4. Vê-se por este resultado que o Conselho de Administração, apesar da liberdade de iniciativa e de acção que lhe é conferida pelos Estatutos, tem sempre presente o carácter perpétuo da Fundação. Como consequência, valoriza o seu património independente o que lhe proporcionará, no futuro próximo, mais juros e dividendo para aplicar. Conta com estes e com as parcelas dos lucros das Companhias subsidiárias, jara programar a sua acção.

III. 5. Quando tratámos da decomposição da posição líquida dos movimentos activos e passivos do património independente da Fundação (Cf. II. 12) incluímos como rendimento não distribuído em 1958 a importancia de 2:254.443$. Está, pois, rigorosamente certo o saldo que obtivemos no balancear das receitas e das despesas.

IV — EXAME SOBRE SE A APLICAÇÃO DOS RENDIMENTOS DA FUNDAÇÃO SE REALIZOU DE HARMONIA COM OS SEUS FINS ESTATUTARIOS

IV. 1. A afectação dos rendimentos que em numeros globais deixámos concretizada em III. 2., precisa de ser examinada para se poder concluir se sim ou não a aplicação se fez de harmonia com os fins estatutários da Fundação.

Assim, as despesas de administração, instalação e funcionamento, acusam, no ano de 1958, e em relação ao período anterior, um aumento da ordem dos 2.700 contos que resulta dos encargos de conservação e aproveitamento do Parque de Santa Gertrudes, de amortizações que se fizeram em equipamento, em viaturas, etc., e se justifica ainda por ter sido no decurso do ano de 1958 que a montagem da máquina administrativa se completou, entrando em pleno funcionamento com o preenchimento dos quadros do pessoal privativo.

A alínea *b*) — Outras despesas, é nova. Os 7:777.030$00 que regista, resultam, principalmente, de despesas judiciais, do custo de projectos, da supervisão da construção dos edifícios da Fundação e de diferenças cambiais.

A alínea *c*) — Encargos testamentários, com 7.500 contos, inclui, principalmente, o pagamento de 2.847 contos, a um beneficiário; e a contribuição de 3.739 contos para as despesas com o restauro da Catedral de Etchmiadzine, na Arménia Soviética. Estes encargos decorrem do testamento do Fundador.

As importancias da alínea d) não carecem de justificação.

IV. 2. Vejamos agora quais as distribuições autorizadas pelos administradores para os fins específicos da Fundação: caritativos, artísticos, educativos e científicos.

Comparemos, primeiro, o que foi distribuído globalmente no período que vai de 18 de Julho de 1956 a 31 de Dezembro de 1957, com o ano de 1958.

PAÍSES	No período de 18/7/956 a 31/12/957	No ano de 1958	DIFERENÇAS +	DIFERENÇAS —
Portugal	61:358.009	58:854.377		2:503.632
Comunidades Arménias...	24:707.324	14:373.830		10:333.494
Reino Unido e Comunidade Britanica	26:755.080	16:979.337		9:775.743
Médio Oriente	15:952.860	86:381.750	70:428.890	
Outros países	748.625	—		748:625
	129:521.898	176:589.294	70:428.890	23:361.494
			+ 47:067.396	

E' curioso notar que a Fundação, em menos de dois anos e meio de actividade, autorizou já, para os seus fins específicos, a distribuição de rendimento no montante de 306:111.192$00.

Pelo quadro se vê que foi o Médio Oriente o mais beneficiado na distribuição de 1958. Desde já se anota que nos 86:381.750$00 estão incluídos 84:530.250$00 para a construção do Estádio Olímpico de Bagodá, no Iraque.

IV. 3. No nosso primeiro parecer demos resumida justificação do destino das principais verbas autorizadas para o período de 18/VII/956 a 31/XII/957. Os montantes globais autorizados em 1958, vão agora ser desdobrados nos fins a que se destinam:

(CONTOS)

PAÍSES	FINS — Caritativo	Artístico	Educativo	Científico	Total
Portugal	12.834	10.836	20.888	14.296	58.854
Comunidades Arménias	10.887	—	3.487	—	14.374
Reino Unido e Comunidade Britanica	1.522	8.845	6.588	24	16.979
Médio Oriente ...	644	—	85.738	—	86.382
	25.887	19.681	116.701	14.320	176.589

a) PORTUGAL

IV. 4. *Para fins caritativos:*

Esta bela finalidade da Fundação exerce-se através do bem que se pode fazer pelo próximo mais necessitado de amparo. A sua execução reveste-se de grandes dificuldades porque a dádiva directa é, na maioria das vezes, de efeitos muito contingentes e transitórios. Daí o ter sido reduzida ao mínimo. A Fundação autorizou, para fins caritativos no ano de 1958, uma despesa de 12.834 contos. Esta avultada importancia não foi distribuida através do bater á porta e do estender de mão. Há serviços na Fundação para apreciar as petições, pessoal idóneo para as examinar «in loco», pareceres que concluem sobre o mérito do que se solicita.

O Conselho de Administração, com toda a liberdade para decidir, montou os seus serviços para resolver em plena consciência, para não seguir o instinto de momento, pois, só analisando, comparando e hierarquizando necessidades, é que se pode distribuir o que é possível pela melhor forma. Na verdade, aproveitar organizações já experimentadas e conceder-lhes subsídios, ou para aumentar as instalações para albergar maior numero de crianças ou inválidos; ou para apetrechar oficinas de instituições benemerentes — que substituem a família — para melhor preparar os seus educandos a obterem com dignidade o ganha-pão; ou para desenvolver a assistência clínica, apetrechando-a para tanto, a fim de que aos jovens que desabrocham tristemente seja restituida ou criada a alegria de viver, — tudo isto, é a melhor maneira de exercer a caridade.

E' desta forma que procede o Conselho Administrativo da Fundação.

Assim, os 12.834 contos que ficaram anotados foram distribuidos, dentro do pensamento que atrás esboçamos, por um pouco mais de meia centena de Albergues, Asilos, Casas de Trabalho, Centros de Assistência, Colónias de Férias, Institutos, Lares, Patronatos, Ligas e Recolhimentos, depois de apreciados e seleccionados os seus apelos. A máquina de bem-fazer do nosso País, moldada por almas generosas, recebeu um impulso adicional. A maioria das autorizações não ultrapassa os 100 contos. Alguns vão até 200 e 250 contos. Poucos ultrapassam esta quantia. Pela sua importancia, só anotámos os que estão nestas ultimas condições: «Casa do Ardina», para a compra de uma máquina de impressão, 404 contos; Recolhimento de Nossa Senhora das Dores e S. José Postigo do Sol, para melhoramento das instalações e assistência geral, 560 contos; Instituto S. Miguel, para as suas actividades. 500 contos; Instituto de Cardiologia Social, 1.000 contos; Associação do Hospital de Crianças «Maria Pia», para desenvolvimento da sua assistência clínica, 600 contos; Casa Pia de Lisboa, para equipamento oficinal, 500 contos; Escola Salesiana de Artes e Ofícios, para instalações e equipamento oficinal, 500 contos; Instituto Ancilla Domini — Servas do Apostolado — para as suas actividades sociais e caritativas, 1.500 contos; Asilo da Infancia da Guarda, para o internamento de mais 60 crianças, 375 contos; Asilo de Nossa Senhora da Boa Viagem, para construção do edifício, 300 contos; Centro de Assistência Social Beato Nuno de Santa Maria, para compra de uma ambulancia e equipamento obstétrico, 300 contos; Centro Paroquial do Alto da Serafina, para construção de uma escola técnica, 300 contos.

A Fundação, concede os meios para outros os aplicarem. São estes ultimos, se os aplicarem bem, que ouvirão o «Deus lhe pague».

Além de mais de meia centena de Instituições de que destacámos algumas que foram contempladas com importancias superiores a 250 contos, a Fundação autorizou ainda um subsídio — que, pelo seu montante, merece registo especial — de 1.000 contos, para distribuição pelas Misericórdias de Portugal; 139 dádivas iguais ou inferiores a 10 contos e totalizando 354.562$00; 350.484$00 para pagamentos individuais, alguns concedidos regularmente, outros temporáriamente, outros ainda acidentalmente.

IV. 5. *Para fins artísticos:*

Atingiu 10.836 contos o montante autorizado para os fins artísticos da Fundação. Este montante, como é natural, está muito disseminado. Também sob este aspecto o Conselho de Administração da Fundação exerceu acção profícua, canalizando os meios monetários vivificadores para todos os cantões do campo artístico.

A própria Fundação chamou a si a responsabilidade de interessar o meio português por realizações de grande envergadura.

A exposição de artes plásticas; os Festivais de Musica e as Comemorações do V Centenário da Rainha D. Leonor, constituem exemplo do que acabamos de dizer.

No global indicado para 1958 estão incluidos: 306.594 escudos, importancia que restava para atingir 805.594 escudos gastos com o II Festival, depois de deduzidas as receitas da bilheteira; 1.700 contos como provisão para o III Festival a realizar no próximo ano e 1.250 contos das Comemorações do V Centenário da Rainha D. Leonor.

O alargamento e melhoramento dos Museus, as exibições artísticas, passando pela ópera, «ballet» publicações ligadas á arte para tornar acessível o que é conhecido de poucos, os concursos internacionais, tudo tem uma expressão monetária de estímulo nos documentos que estamos a analisar.

Pelo seu montante, destacamos: 1:978.544$00 para completar a construção do Museu do Caramulo; 500 contos para publicações de arte; 900 contos para a construção de um teatro ao ar-livre no Palácio das Carrancas, do Porto; 1.500 contos para a ajuda do novo edifício do Museu Regional de Castelo Branco; 290 contos á Igreja da Madre de Deus, para reparação do claustro e restauração de pinturas, como subsídio adicional; 150 contos á Associação Académica de Coimbra, subsídio cobrindo três anos; 745.917$00 a instituições de cultura musical e sociedades de concertos; 150 contos á Comissão de Musicologia para a planificação de uma edição da musica portuguesa antiga; e 150 contos a Instituições escolares de musica.

IV. 6. *Para fins educativos e científicos:*

Convém, para uma mais sucinta análise, sem perda de clareza, juntar as duas dotações que constituem o somatório das autorizações concedidas para satisfazer as duas finalidades em epígrafe.

Assim, temos:

	(Contos)
Fins educativos	20.888
Fins científicos	14.296
	35.184

Como verificámos já nos anteriores sectores de actividade, registam também estes, avultado numero de subsídios autorizados. Escolhemos, para destacar, os de montante mais elevado: 1.160 contos ao Centro de Estudos Históricos Ultramarinos para investigações baseadas em documentos portugueses antigos; quase 270 contos para estudos arqueológicos; 299 contos á Federação Portuguesa de Vela; 200 contos á Companhia de Jesus (província portuguesa) para a livraria e laboratórios; á Sociedade Portuguesa de Escritores, 394 contos para adaptação e equipamento das suas instalações e aluguel para 3 anos; bibliotecas itinerantes, excelente iniciativa que está a disseminar a cultura pelos mais recônditos recantos do País, 3.528 contos; para o Centro Egas Moniz, 400 contos; para o Centro de Estudos de Doenças Infecciosas no Instituto Português de Oncologia, 1.028 contos; para o Centro de Estudos de Física da Comissão de Estudos de Energia Nuclear, 2.600 contos; para aquisição de livros para a Estação Agronómica Nacional, 333.568$00; para o Instituto Bento Rocha Cabral, 1.150 contos; compra de aparelhagem para os Hospitais Civis de Lisboa, 1.500 contos; 496 contos para o Laboratório de Física da Universidade de Coimbra; e 995 contos para o Laboratório de Química da mesma Uinversidade; 2.100 contos, para os Serviços Anti-Tuberculosos de Moçambique; 900 contos para o Centro de Estudos de Estatística Económica e 817 para o Centro de Estudos de Economia Agrária.

De notar é que todos estes subsídios se destinam, ou ao fomento da investigação científica, ou á aquisição de livros e aparelhagem adequada a tal fim ou ao aumento dos grupos de trabalho para a investigação.

Como já dissemos, escolhemos os principais subsídios autorizados a vários Serviços, Instituições ou personalidades, para dar uma ideia da actuação seguida pelo Conselho de Administração com base em programas cuidadosamente estabelecidos e criteriosamente executados.

Deixamos para o fim a anotação das Bolsas de Estudo.

No ano de 1958, foram autorizadas as seguintes importancias:

a) Para aperfeiçoamento: — Diplomados com curso superior e artistas	7:649.932$00
b) Para doutoramento	122.098$00
c) Para estudos no País	3:472.755$00
d) Para estudo de bebelas-artes	1:843.508$00
e) Para estudo de musica	1:439.424$00
	14:527.717$00

Todos os beneficiários têm um processo depois de se seleccionarem os cadidatos por forma a atingir apenas o numero que está programado para cada ano. Há preferência por todos os que, já com o seu ciclo de estudos terminado, se propõem aperfeiçoar-se técnicamente. Muitos dos processos são apoiados por Organismos do Estado para benefício de técnicos seus. Um Serviço próprio da Fundação procede ao estudo, selecção e informação. Só depois o Conselho Administrativo decide.

b) COMUNIDADES ARMÉNIAS

IV. 7. Vimos já que as autorizações concedidas no ano de 1958, foram as seguintes:

	(Contos)
Fins caritativos	10.887
Fins educativos	3.487
	14.374

Nos fins caritativos avultam: 5.249 contos para auxiliar a resolução dos problemas surgidos com alguns refugiados arménios. Esta importancia está dividida em três partes: 2.875 contos para a construção de casas na Grécia para albergar 85 famílias arménias ali refugiadas; 821.429$00 para a residência de 40 arménios idosos refugiados em S. Rafael — França; e 1:552.500$00 para a instalação de 60 velhos arménios refugiados na Grécia. Estes subsídios foram distribuídos em conjunto com o que foi atribuído pelo Fundo das Nações Unidas para Refugiados Europeus.

O resto está muito disseminado por várias instituições de caridade de Istambul, Beirute, Bagodá, etc.

IV. 8. Da importancia autorizada para fins educativos, há a destacar, 1.610 contos para bolsas de estudo a estudantes arménios; 805 contos para bolseiros, escritores e investigadores arménios; 322 contos á Universidade de Durham para a manutenção dum leitor arménio; 505.924$00 para uma máquina «Linotype» destinada á «Mechitarist Fathers».

O restante não tem significado registável.

c) REINO UNIDO E COMUNIDADE BRITANICA

Fins caritativos:

IV. 9. São doze os subsídios autorizados, que somam 1:521.450$00.

Destacamos os superiores a 150 contos. São quarto: 402.500$00 á «Family Welfare Association»; 362.250$00 a «The Ockenden Venture»; dois, de 161 contos cada, a «Irish Association of the Sovereign Order of Malta» e «Ambridge House Trust».

Fins artísticos:

IV. 10. São vinte e sete as parcelas que totalizam a quantia dos 8.845 contos autorizados. Destas, só cinco, somam aproximadamente 7.500 contos. São estas que vamos indicar, visto que as restantes não merecem referência especial: 3.381 contos para a «University of Oxford Historic Buildings Appeal» para a restauração da bibloteca «Old Bodleian»; para a restauração e adaptação a Museu do Forte de Jesus em Mombaça, 2:440.065$00; para bolseiros de escultura da «British School», em Roma, 805 contos; 483 contos para o «International Institute for the Conservation of Museum Objects»; para o «Sarawak Museum», para escavação nas cavernas de Niah, 402.500$00.

Fins educativos:

IV. 11. São dezassete os subsídios que totalizam os 6.588 contos autorizados. Destes, cinco totalizam um pouco mais de 6.000 contos. São estes que passamos a discriminar: 4.025 contos, para bolsa de estudos da Universidade de Cambridge — Churchill College — ; para o Outward Bound Trust», adaptação e equipamento, 966 contos; 410.550$00, para a Universidade de Witwatersrand «Ernest Oppenheimer Institute of Portuguese Studies»; 442.750$00, para o «Magdalene College», de Cambridge; para a Universidade de Oxford «Department of Education», 241.500$00.

d) MÉDIO ORIENTE

IV. 12. Dos 86.382 contos autorizados, 644 destinam-se a fins caritativos e 85.738 a fins educativos.

São dois os subsídios para fins caritativos que somam a importancia atrás indicada: um, de 402.500$00 para «Iraq Flood Fund», para auxiliar as vítimas de inundações; e 241.500 escudos, para impulso da acção benemerente da «Iran Eathquake Fund».

Quanto á avultada verba de 85.738 contos que se registou no sector educativo, 84.530.250$00 é o que está previsto para a construção em Bagodá do Estádio Olímpico Calouste Gulbenkian e os restantes 1.207.500$00 para bolsas a estudantes não arménios.

V — CONCLUSÕES

V. 1. Antes de redigir este relatório, passámos em revista, descendo ao pormenor, a circunstancia da documentação que nos foi fornecida pelos «Chartered Accountants». Tomámos as nossas notas. Controlámos dados na Contabilidade Central da Fundação. Fizemos perguntas e esclarecemos dúvidas. Tivemos uma excelente colaboração de todos.

Abrangemos no nosso agradecimento todo o pessoal.

V. 2. Compusemos depois o relatório ao jeito que está nos nossos hábitos. Imprimimos-lhe toda a simplicidade para se ficar com a noção clara de que o parecer que se vai seguir é consciente, depois de tudo se analisar, depois de tudo se apreciar e discutir. Só com base num trabalho árduo de apreciação, as personalidades que constituem

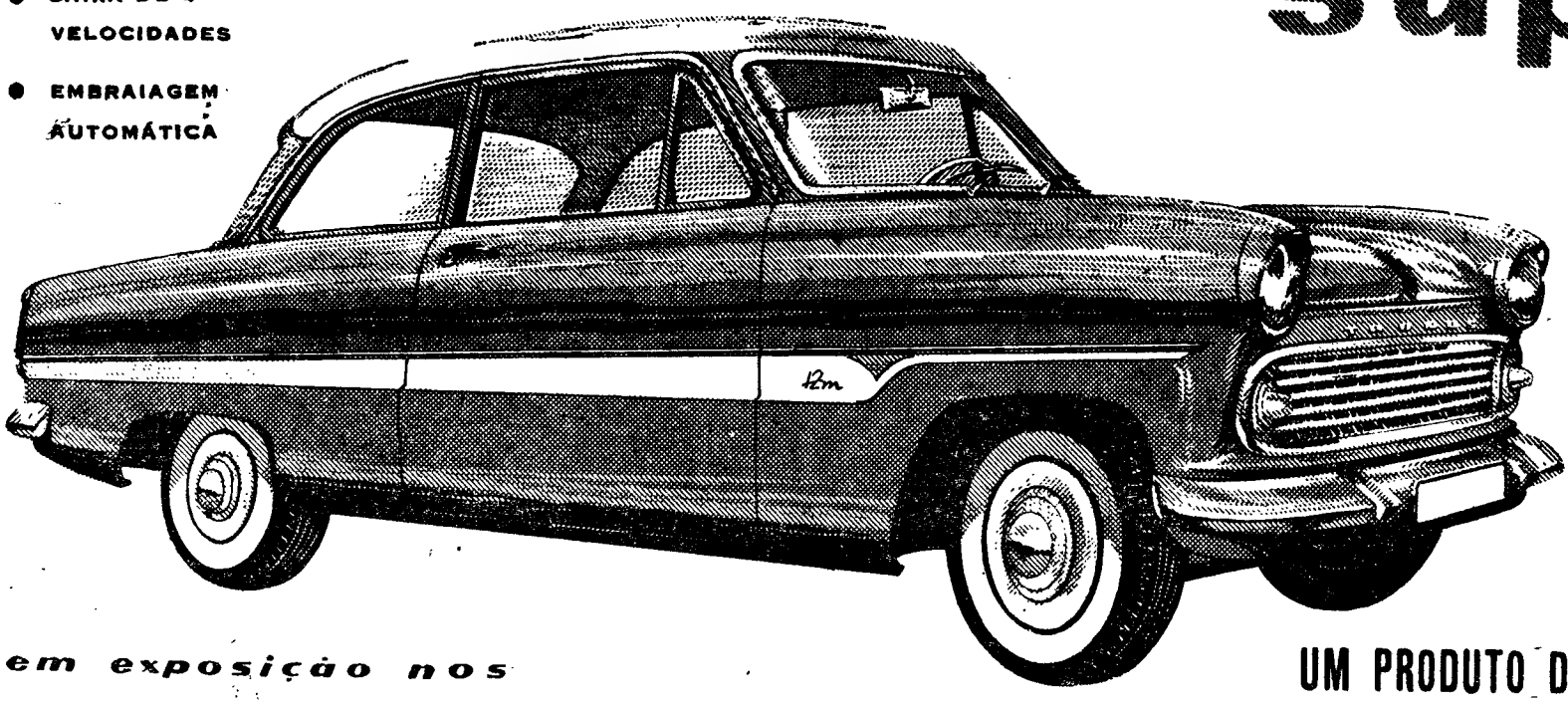
(Continua na página seguinte)

O NOVO TAUNUS 12m super

- NOVO MOTOR DE 60 H P · VÁLVULAS À CABEÇA !
- NOVAS E MAIS ESBELTAS LINHAS !
- NÓVOS E MAIS LUXUOSOS INTERIORES !
- NOVAS E MAIS HARMONIOSAS CORES !
- NOVOS DISPOSITIVOS DE SEGURANÇA !

E A PEQUENO CUSTO EXTRA:

- CAIXA DE 4 VELOCIDADES
- EMBRAIAGEM AUTOMÁTICA



em exposição nos

UM PRODUTO DA FORD ALEMÃ

LINCURI, LIMITADA
Avenida da República, 32-A — Telefones 77 70 91/2/3
EM LISBOA
STAND MODERNO (F. NUNES DE CARVALHO)
Av. F. P. de Melo, 15-A — Tel. 49669 • R. J. Saraiva, 13 — Tel. 77 75 66

Fundação Calouste Gulbenkian

(Continuação da página anterior)

a Comissão Revisora de Contas, poderiam, com a responsabilidade dos seus nomes, concluir.

V. 3. Assim, os da Comissão Revisora de Contas da Fundação Calouste Gulbenkian, são de parecer:

1.º Que o inventário do património, em todos os sectores que o compõem, acusa valorização assinalável e que a sua fiscalização está assegurada por métodos considerados eficazes;

2.º Que os activos líquidos acusam progresso e reforçam a liquidez já anotada no primeiro parecer;

3.º Que os movimentos do activo e passivo e o balanço das receitas e despesas reforçaram o Fundo de Património da Fundação, o que é salutar dentro da característica de perpetuidade que é da estrutura legal da Instituição;

4.º Que a aplicação dos rendimentos da Fundação se realizou no ano de 1958 de harmonia com os seus fins estatutários; e

5.º Que os Administradores da Fundação continuam a cumprir, devotada e eficazmente, as numerosas e complexas funções dos seus cargos, com absoluta fidelidade ao pensamento do Fundador e rigorosa observância das disposições legais e estatutárias, pelo que são dignos de louvor.

A COMISSÃO REVISORA DE CONTAS

Vogais efectivos:

Aureliano dos Anjos Felismino
Director-Geral da Contabilidade Pública (Relator)

Agostinho Joaquim Pires
Director-Geral da Assistência

Vogais designados:

Pela Academia das Ciências de Lisboa

António Pereira Forjaz
Secretário-Geral da Academia

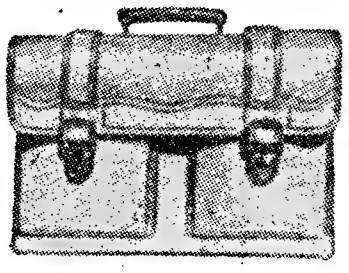
Pela Academia Nacional de Belas-Artes

Armando Figueiredo de Lucena
Vice-Presidente da Academia

Pelo Grémio Nacional dos Bancos e Casas Bancárias:

António Júlio de Castro Fernandes
Vice-Presidente do Conselho Geral do Grémio

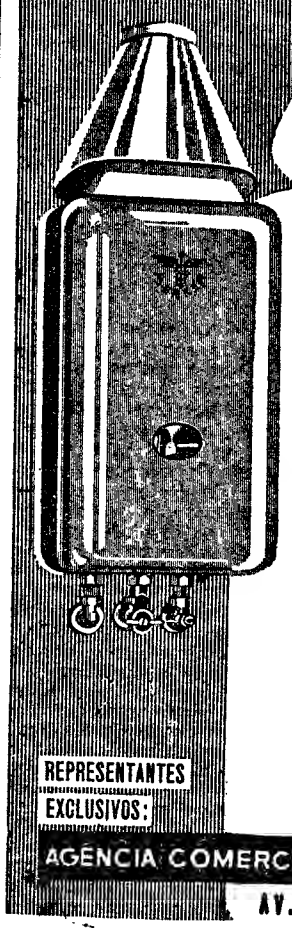
PASTAS



30 anos de fabrico todos os modelos fornece ao comércio
A. Comprido—R. Madalena, 97

POLICLINICA
CAMPO D'OURIQUE
Rua Francisco Metrass, 24, 1.º-Dt.
Telefone 66 99 64
Dr. A. Ferreira Gomes — Doenças das crianças
Dr. Coelho Puga — Doenças dos olhos
Dr. Eduardo de Albuquerque — Doenças das senhoras — Partos
Dr. E. de Oliveira Machado — Clínica médica.
Dr. Henrique Soudo.
Dr. Coelho Lopes — Raios X
Dr. Eugénio Marques Lito — Análises clínicas

MERKER



O ESQUENTADOR PROVIDO DE VÁLVULA DE SEGURANÇA MAIS PERFEITA E MAIS EFICIENTE DO MUNDO

Com o esquentador MERKER na cozinha ou na casa de banho NUNCA pode haver perigo de intoxicação

DEFENDA A SUA VIDA E DE SUA FAMILIA USANDO SOMENTE

MERKER
O ESQUENTADOR N.º1 DO MUNDO

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS:
AGÊNCIA COMERCIAL SUECA, LDA.
AV. FONTES PEREIRA DE MELO, 45
T. 733111 (4 linhas) • LISBOA

É um prazer encerar com a enceradora ELECTROLUX

ELECTROLUX, L.DA
Lisboa
R. Pascol de Melo, 7
R. 1.º de Dezembro, 120-B

Fátima
EM 12 E 13 DE OUTUBRO
Em modernissimos autocarros
PREÇO: ESC. 100$00
Informações e inscrições:
EMPRESA DE VIAÇÃO EDUARDO JORGE
Venda Nova — Amadora
Tel. 931012
AGÊNCIA EM LISBOA: Rua Jardim do Regedor, 35
Tels. 30971 e 30972

Em ALGÉS o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se na AGÊNCIA CULTURAL, Av. Combatentes da Grande Guerra.

SINTRA ESPERA-O
Para a sua deslocação utilize os
COMBOIOS ELÉCTRICOS

Aspiradores Electrolux Enceradoras

O PORTO PELO TELEFONE

Vai realizar-se

«a revoada aérea»

de confraternização luso-espanhola

PORTO, 10 — Há alguns meses que, durante um almoço no «hangar» do Aero Clube do Porto, ao qual assistiram individualidades de relevo no meio aeronáutico luso-galaico, fora projectada a realização, neste mês, de uma «revoada» com avionetas e aviões de Portugal e da Galiza, a Madrid, em visita ao Real Aero-Clube de Espanha.

Obtidos o patrocínio da Direcção-Geral e do subsecretário da Aeronáutica e a inscrição de quase todos os Aero-Clubes de Portugal e ainda dos de Vigo e Santiago de Compostela, a «revoada» efectuar-se-á no dia 20, de maneira que a concentração dos aparelhos se faça, cerca do meio-dia, em Salamanca.

Junto com os pilotos civis portugueses, tomarão parte na «revoada» diversas autoridades desta cidade, as quais serão conduzidas a Madrid, num avião militar cedido pelo chefe do Estado-Maior das Forças Aéreas Portuguesas. O subsecretário da Aeronáutica põe á disposição dos Aero-Clubes a gasolina necessária.

Durante a permanência dos participantes da «revoada», em Madrid, o Aero-Clube local proporciona-lhes um variado programa de festas e homenagens.

Por sua vez, a direcção do Aero-Clube do Porto fará entrega á sua congénere de Madrid de uma placa de prata cinzelada com os emblemas das aviações civis portuguesa e espanhola e ainda com os distintivos de todos os Aero-Clubes participantes.

Os aviões portugueses e galegos aterrarão em Quatro Vientos e Getufe, e o regresso está previsto para o dia 22.

II Volta Aérea a Portugal

Ao contrário do que há tempo foi noticiado, não se efectua este ano a II Volta Aérea a Portugal, que seria incluida nas comemorações do 50.º aniversário do Aero-Clube de Portugal.

Falecimento

Na sua residência, nas Escadas do Cantanário, 26, em Gaia, faleceu o sr. Américo Gomes de Sousa, mestre aposentado do Instituto Industrial do Porto. Contava 76 anos e era solteiro.

O funeral, a cargo do armador Alberto Xavier, efectua-se amanhã, ás 16 e 30, no cemitério de Santa Maria, em Gaia.

CARTAZ DO PORTO

SÁ DA BANDEIRA — As 21 e 30 — «Eles, elas... e os meninos».
RIVOLI — As 15 e 30 e 21 e 30: «A morena ardente».
COLISEU — As 15 e 30 e 21 e 30: «O passarinho da ribeira».
BATALHA — As 15 e 30 e ás 21 e 30 — «Os barqueiros do Volga»
TRINDADE — A's 15 e 30 e 21 e 30 — «A orquidea negra».
AGUIA DE OURO — As 15 e 30 21 e 30 — «Operação Amsterdam»
S. JOÃO — A's 15 e 30 e ás 21 e 30 — «Quero viver».
VALE FORMOSO — A's 21 e 30 — «Eu seja cão».
JULIO DINIS — A's 21 e 30 — «Maracaibo».
OLIMPIA — A's 15 e 30 e 21 e 30 «A ponte do rio Kwai».

Necrologia

Jaime Marques Pintassilgo

Faleceu hoje no Hospital de S. José o sr. Jaime Marques Pintassilgo, de 72 anos, residente na Rua Maria da Fonte, 35, casado com a sr.ª D. Maria do Carmo Marques Pintassilgo. Era pai da sr.ª eng.ª D. Maria de Lourdes Pintassilgo e do jornalista José Manuel Pintassilgo, redactor dos nossos prezados colegas «Diário da Manhã» e «Diário Ilustrado».

O funeral realiza-se na segunda-feira a hora a determinar.

D. Maria Elisa Brasão Seabra

Faleceu a sr.ª D. Maria Elisa Brasão Seabra, natural de Cascais, viuva, mãe da sr.ª D. Maria de Lourdes Seabra Alves e do sr. António Brasão Seabra, funcionário da Camara Municipal de Cascais. O funeral, a cargo da Agência Magno, realiza-se amanhã, ás 12 horas, da igreja paroquial de Cascais para o cemitério da Guia.

D. Maria do Céu de Almeida Matos e Sousa

TONDELA, 10 — Faleceu, repentinamente, a sr.ª D. Maria do Céu de Almeida Matos e Sousa, de 80 anos, proprietária, viuva do sr. Serafim de Almeida e Sousa. Era irmã do sr. António de Almeida Matos, farmaceutico e hoteleiro no Caramulo, e tia da menina Maria Teresa de Matos Rodrigues Brás, estudante liceal, e dos srs. dr. Flávio de Matos, farmaceutico nesta vila, capitão António de Matos, em serviço em Vila Manique (Moçambique) e Saul de Almeida e Sousa, tesoureiro da Caixa Geral de Depósitos, em Coimbra. O funeral, que teve grande acompanhamento, constituiu sentida manifestação de pesar e a urna ficou depositada em jazigo de família.

Em ALCANENA o «DIARIO DE JOAQUIM RAMOS VIEIRA LISBOA» vende-se na Agência de

Passeia um lobo em Bragança

O lobo a passear numa rua de Bragança

BRAGANÇA, 10 — Esta cidade presenciou agora um verdadeiro fenómeno, tendo nela entrado um novo e pacifico habitante. Trata-se de corpulento lobo! A fera mansa passeou tranquilamente pelas ruas centrais da cidade: Guerra Junqueiro, Emídio Navarro, Cinco de Outubro, Almirante Reis e Avenida João da Cruz.

O lobo foi adquirido há uns quatro meses pelo proprietário sr. José Manuel Pires Diegues, morador na Rua Guerra Junqueiro, que tem tratado de lhe dar de comer e o deixar brincar com dois cachorrinhos. Tudo em grande harmonia. Contudo, algumas pessoas, das mais temerosas ou que nada engraçam com as surtidas e «brincadeiras» de tão domesticada fera, já apresentaram a sua queixa á competente autoridade policial, pelo que é de supor que o seu dono tenha de a abater ou de a conduzir até qualquer das nossas vizinhas serras, para a junta á raça a que pertence e, com o instinto que lhe é próprio, começar por dizimar e comer as cabras ou ovelhas.

O restaurante Sorrento

é inaugurado esta tarde

Os populares artistas, Raul Solnado e Loris Velli, inauguram, esta tarde, o seu restaurante «Sorrento», sito na Avenida Pedro Alvares Cabral, 86.

Ontem, os representantes da Imprensa, Rádio e Televisão foram obsequiados com um jantar no decorrer do qual foi visível um ambiente de muita simpatia pela iniciativa dos proprietários que foram inexcediveis na hospitalidade.

O «Sorrento», é um acolhedor restaurante que está destinado a ser o ponto de reunião dos artistas. Bem decorado e com um excelente serviço de cozinha, reune as condições indispensáveis para ser classificado com um bom restaurante.

Os novos "Mercedes-Benz"

apresentam sensiveis modificações

A firma C. Santos apresentou, esta manhã, no seu «stand», os novos modelos de automóveis «Mercedes-Benz», da série 220, recentemente lançados no mercado e cujos ensaios e preparação se mantiveram sob a mais completa reserva. Os dois modelos «Sedan», que já se encontram patentes no salão de exposições daquela firma, foram apreciados pelos representantes da Imprensa e da Rádio, ali recebidos pelos srs. Fernando de Almeida, gerente da organização; eng. Rui de Sousa e Caldas Barreiros, da secção de automóveis; dr. Nuno Neves, chefe de vendas, e Manuel Peres, inspector de publicidade.

Os novos carros, embora mantendo aquilo a que poderá chamar-se a sua «fisionomia» própria e inconfundível, apresentam-se, no entanto, com modificações relativamente profundas, principalmente nos modelos com motor a gasolina, de seis cilindradas, constando esta nova série de três versões: com carburadores normais e de duplo escalão e ainda com injecção de gasolina. Um pormenor de interesse, nestes carros, é, sem dúvida, a sua maior estabilidade, salientando-se, ainda, as suas linhas elegantes, mas sóbrias, pelo conforto e segurança que oferecem aos passageiros, pela facilidade de manobra e até pelo seu relativamente modesto consumo de combustível.

Foi servido, no final, um beberete aos jornalistas, a quem o sr. Fernando de Almeida saudou, agradecendo a sua presença, e fazendo referências, de ordem genérica, sobre a actividade da fábrica que a organização representa.

Melhoramentos

na Manutenção Militar

(Continuação da página central)

los de farinhas, situados num edifício com cinco pisos; as camaras de expurgo, com cinco camaras, que têm capacidade total para 1.100 sacos, e os depósitos de vinhos com três pisos e capacidade para um milhão de litros; e, finalmente, as camaras frigoríficas, nas quais podem ser acondicionados víveres num total de 89.000 quilos. No que diz respeito ao bloco social, aponta-se o salão de recreio, a «creche» e os balneários com todos os requisitos necessários, e em que nada falta.

No decorrer da cerimónia inaugural, usou da palavra o director daquele estabelecimento, que saudou o ministro da Defesa e os restantes membros do Governo das pastas militares que tem possibilitado o ressurgimento da Manutenção. O sr. general Botelho Moniz agradeceu e fez várias considerações sobre o que lhe foi dado observar. A' noite, no salão de recreio, haverá um serão promovido pela F. N. A. T. e dedicado ao pessoal.

A TINTA É A MESMA
as
Moscas é que são outras

PARKER QUINK

MAIS BARATA

	TABELA	VENDEMOS
1 onça	7$00	5$60
2 »	10$00	8$00
4 »	16$00	12$80

Portanto 20 % mais barato

Este artigo é o único que as nossas casas não podem fazer preços de revenda.

Papelarias Emílio Braga

Rua da Madalena 40 a 44 e suas filiais
Rua Alexandre Herculano, 11-C
Av. de Roma, 10-E

FÁTIMA
GRANDE PEREGRINAÇÃO
12 a 13 de Outubro
PREÇO POR PESSOA 100$00
Uma organização da Agência de Turismo e Viagens
ATLAS
Av. Duque d'Ávila, 203-D — Lisboa — Tel. 733714 733703

O Diário de Lisboa vende-se em MONTEMOR-O-NOVO, na casa Joaquim R. Amaro.

OPTICA DE ROMA, LDA.
APRESENTA AS ARMAÇÕES DE ALTA QUALIDADE
VIENNALINE
NOS SEUS NOVOS MODELOS
ALPHA e CONSTANZE
UMA PRODUÇÃO DE W. ANGER — AUSTRIA

HÓQUEI EM PATINS

Os campeões nacionais

justos vencedores da C.A.C.O.

no comando da classificação

A pista do Sintra foi palco de uma das mais importantes partidas do trecho final do campeonato do Sul de hóquei em patins, que pôs frente a frente o «team» sintrense e o Campo de Ourique. Não admira, portanto, que o aprazível recinto tivesse registado a presença de numeroso publico, que viveu, extraordinàriamente emocionado, o desenrolar do acontecimento.

Os campeões nacionais lograram vencer pela diferença mínima (1-0). E, caso curioso, em circunstancias de certo modo idênticas ás verificadas contra o Sporting — um tento, nos segundos iniciais do despique, quando a defesa antagonista ainda mal estava acordada e... o resto do tempo em busca do golo da tranquilidade. Por seu turno, o Campo de Ourique, que não se mostrou surpreendido com o tento sofrido, embora este haja nascido de um lance bem urdido, procurando igualar tão cedo quanto possível para, naturalmente, depois se lançar no rumo do triunfo.

Contudo, esse triunfo, se lhe sorrisse, como chegou a sorrir, nos ultimos momentos da partida, não lhe assentava bem. A verdade é que o seu binário atacante foi demais frágil, inconsequente, para poder sair da pista com um êxito para o qual, de facto, não contribuira com a mínima parcela de hóquei positivo.

A sua defesa foi igual a si própria. Bernardino e Vaz Guedes (este melhor) procuraram suprir a «ausência» dos seus avançados, atirando de longe ás redes de Vítor Domingues. Esse esforço, porém, foi insuficiente, e compreende-se perfeitamente, até porque o sector defensivo dos campeões também constitui uma das mais atraentes realidades do hóquei nacional. Edgar esteve certo, certíssimo e contou com a colaboração regular de Fernando Santos.

O ataque dos sintrenses também se ressentiu da falta de Rui Faria. Contudo, Pompílio (Filipe pouco mais fez que o tento... e já foi muito — foi o triunfo) ainda conseguiu alguns golpes de boa carga.

A classificação actual está assim estabelecida:

	J.	V.	E.	D.	G.	P.
SINTRA	18	14	2	2	80- 45	48
Benfica	17	13	2	2	87- 45	45
P. Arcos	17	11	3	3	61- 39	42
C. Ourique...	18	12	—	6	71- 34	42
Mundet	18	10	1	7	58- 46	39
C. U. F.	18	7	3	8	42- 52	35
Sporting	17	7	3	7	52- 49	34
F. Benfica ...	17	7	1	9	48- 56	32
Cascais	18	7	—	11	56- 77	32
Oeiras	17	3	2	12	41- 61	25
Parede	17	3	2	12	47- 71	25
Lisgás	18	1	1	16	40-118	21

AEROMODELISMO

Tendo sido interrompidas, devido ao mau tempo, as provas do 1.º critério de Aeromodelismo de voo circular, que se realizaram no passado dia 5, na pista da Portela, foram as restantes provas marcadas para amanhã, das 10 ás 12.30 horas, no mesmo local.

PROVAS DA A. F. L.

(Continuação da 10.ª página)

nos campos dos clubes indicados em primeiro lugar, ás 13 horas (reservas) e ás 15 horas (honra).

O Alhandra, guia isolado da classificação, recebe o Casa Pia A. C. e não pode descansar sem o risco de perder a sua posição.

De maior interesse se reveste, no entanto, o jogo de Sacavém, em que se luta para o 2.º lugar. Os restantes jogos são susceptíveis de dar lutas equilibradas.

* * *

O Campeonato de Juniores da 1 Divisão dá-nos os encontros da 3.ª jornada. Eis o programa.

Série A — Benfica - Torriense; Arroios - Palmense; Estoril - Atlético; e Algés - Casa Pia.

Os três primeiros ás 10 e 30 h., e o ultimo ás 11 h., nos campos dos clubes indicados em 1. lugar.

Série B — Charneca - Vilafranquense, Oriental - Sporting, Belenenses - Alhandra e Olivais - Vialonga — todos ás 10 e 30 h., nos campos dos clubes indicados em primeiro lugar.

Os guias da classificação — Benfica e Belenenses — jogam em casa, merecendo favoritismo... se não confiarem demasiadamente, porque os adversários não estarão dispostos a ceder fàcilmente. A jornada, atento o comportamento das equipas nas duas jornadas anteriores não deve fornecer resultados muito expressivos, salvo para os «três maiores» de Lisboa, os unicos capazes de ganhar com certa folga.

TAUROMAQUIA

José Luís Ribeiro

A convite, transmitido pela embaixada do México, com o objectivo de visitar o referido país, o cronista tauromáquico José Luís Ribeiro «Pepe Luís», parte, na terça-feira, para a América, num avião da Guest, ás 22 e 40.

III SALÃO DE ARTES DOMESTICAS

NO PAVILHÃO DA F. I. P. — A Junqueira

Uma organização do jornal «O SECULO»

UM MUNDO DE MARAVILHAS PARA TODAS AS DONAS DE CASA

HOJE, 1.º DIA

ABERTO DAS 18 AS 24 HORAS

UM ESPECTACULO IMPONENTE E GRACIOSO

que vale a pena ver e a todos interessa

COM O SEU BILHETE DE ENTRADA, SER-LHE-A ENTREGUE UMA SENHA NUMERADA QUE O HABILITARA AO SORTEIO DESTE MAGNIFICO AUTOMÓVEL MORRIS-850

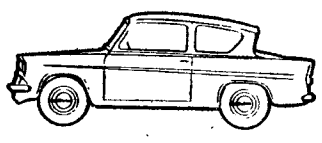
Transportes assegurados pela Carris, através das Carreiras:

AUTOCARROS: n.º 12,14 e 14-A

ELÉCTRICOS: 17 (Praça do Chile-Belém), 16 (Xabregas-Belem) e 15 (P. Comércio-Dafundo). Carreiras extraordinárias de autocarros com partida da Praça Marquês de Pombal.

AUTO BOAVISTA, L.DA

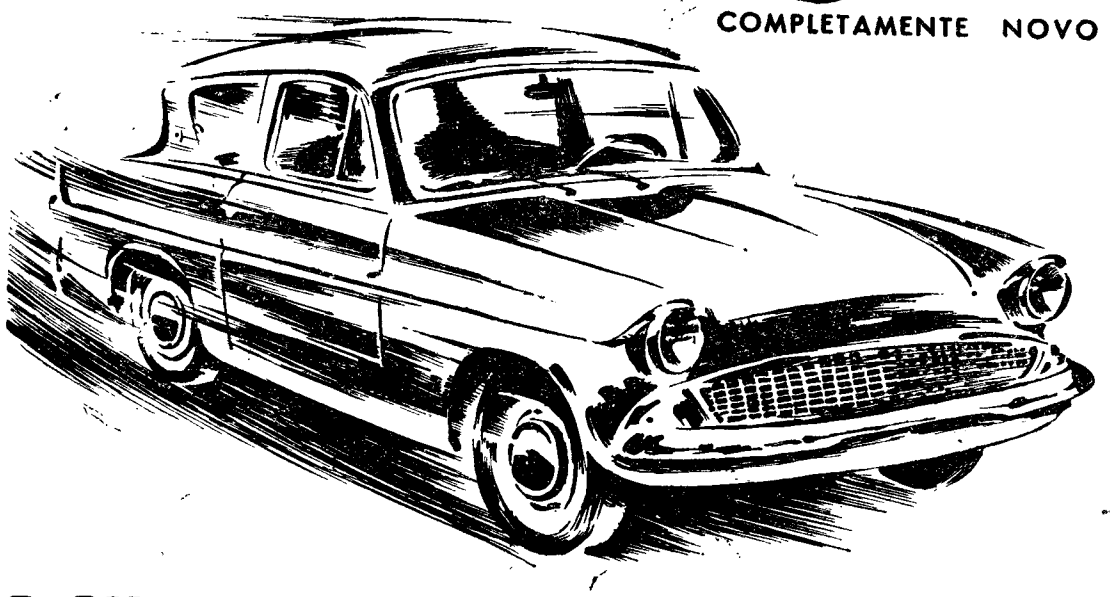
APRESENTA



FORD Anglia

UM NOVO PRODUTO DA FORD INGLESA

COMPLETAMENTE NOVO



O CARRO MAIS FASCINANTE DO MUNDO

MOTOR 997 CC. COM VÁLVULAS Á CABEÇA

CAIXA DE 4 VELOCIDADES SINCRONIZADAS

CONSUMO 6,4 AOS 100 KM EM VELOCIDADE DE CRUZEIRO

EM EXPOSIÇÃO NO SEU SALÃO DE VENDAS

RUA DA BOAVISTA, 81-B • TELEFS. 669141/44

ABERTO ATÉ ÁS 0 HORAS

ANTIGUIDADES

LEILÃO

Rua da Escola Politécnica, 183

Hoje, Sábado, às 21 horas

Participamos aos nossos Ex.mos Clientes e Amigos que iniciamos a nova época com um interessante leilão do qual destacamos as seguintes peças:

Papeleira com alçado, inglesa; pequena cómoda D. João V, pau santo; armário de vidrinhos de três corpos (pequeno); sofá e seis cadeiras D. Maria, armário de Odivelas, armário Holandês, papeleira de barriga em raiz de mogno, cómoda D. João V, pau santo, facheada; grande arca, sicupira; roupero Inglês, cama pintada, etc

Porcelanas da China e C.ª das Indias, de onde se destaca uma pequena colecção de figuras Europeias e brasonadas. Armas antigas. Rico estojo com pistolas para duelo que pertenceram ao Sr. Conde de Farrobo. Interessante conjunto de quatro quadros a óleo sobre tela, representando as quatro estações, assinados. Bonito «pendant» de pinturas a óleo sobre tela, figuras, animais, flores e frutos, assinado. Grande quadro a óleo sobre tela, representando o retrato de D. Maria Francisca de Assis de Bragança e Bourbon e seu filho o Infante D. João, assinado Luiz de La Cruz y Rios — 1824. Esculturas religiosas dos séculos XV a XVIII. Relógios de mesa, Pratas, etc.

OS AGENTES DE LEILÕES

PINTASSILGO & FERNANDES, LDA.

Telef. 66 89 73 LEILOEIROS ANTIQUARIOS LISBOA

SUCATAS

A COMPANHIA DOS TELEFONES torna público a venda das seguintes sucatas

Cerca de	8	toneladas	de fio cobre nú	linhas aéreas
» »	2	»	» » »	recuperado de cabos
» »	1	tonelada	» » »	com isolamento de papel
» »	12	toneladas	» chumbo	em lingotes
» »	8	»	» fio	coberto em retalhos
» »	13	»	» ferro	forjado
» »	5	»	» ferragem	de racks, cantoneiras, barra e chapa

e ainda latão limpo, latão sujo, placas de acumuladores, baterias alcalinas, tambores de ferro, peças de automóveis, cordas, pneus, e muitos outros artigos que se encontram patentes nos nossos Armazéns da Avenida de Ceuta e Rua da Escola de Medicina Veterinária, onde se fornecerá a cada interessado uma relação detalhada de todos os materiais que constituem a presente venda e suas condições de adjudicação.

As propostas deverão ser dirigidas á Administração da Companhia em carta fechada com indicação de «Proposta para compra de sucatas» e entregues na Secção de Compras Rua Andrade Corvo, 14, até ás 17 horas do dia 16 de Outubro.

CHA' DE HAMBURGO

ALEMÃO GENUINO

Acreditado, há decénios, nas afecções das vias digestivas, biliares e urinárias

À VENDA NAS FAMÁCIAS

BOLETIM DO DIA

HÁ TRINTA ANOS

O «Diário de Lisboa» publicava no dia 10 de Outubro de 1929 a notícia da Tourada Portuguesa organizada pelo major Luís Alberto de Oliveira, em Sevilha, e por motivo da Exposição. Em crónica assinada por Félix Correia ressaltava-se o brilho das cortesias, com um coche do Museu de Belém, neto e charameleiros, e a Banda da G. N. R. No camarote régio, a infanta D. Maria Luísa de Orleans e Burbon, irmã da rainha D. Amélia, e, no da autoridade, D. António Cañero e Juan Belmonte. Lidaram-se touros de Infante da Camara e o triunfador foi João Nuncio, com os forcados-amadores de Santarém, de que então era cabo Jaime Godinho.

EFEMÉRIDES

No dia 10 de Outubro de 1868 foi por Carlos Manuel de Cespedes lançado o grito de Yara para a independência de Cuba.

PROGRAMAS DE RÁDIO

EMISSORA — A's 21: Noticiário; 21 e 15: Desdobramento; 23 e 45: Noticiário, boletim meteorológico e fecho.

Programa «A» — A's 18: Noticiário e danças; 18 e 40: Rádio rural; 19: Trechos em piano; 19 e 15: Emissão infantil; 19 e 45: A Orquestra de Johnny Gregory; 20: Jornal sonoro; 20 e 15: Musica de «jazz»; 20 e 30: Album musical; 21: Noticiário; 21 e 15: Canções de Itália; 21 e 30: Ritmos sul-americanos, 21 e 45: Serão, organizado pela E. N.; 22 e 30: Terras de Angola; 22 e 45: 2.ª parte do serão; 23 e 30: Danças; 23 e 45: Junção dos emissores.

Programa «B» — A's 18: Noticiário; 18 e 15: Transmissão do 1.º concerto da série organizada pela E. N. e pelo Teatro Nacional de S. Carlos. No intervalo: Temas portugueses — Noticiário; 21: Junção dos emissores; 21 e 15: Concerto pelo Grupo Coral Polifonia, dirigido pelo cantor-mor Mário Sampaio Ribeiro; 22: Ciclo Sonata: «Sonata, op. 46, em fá maior (Kabalevsky); 22 e 20: Cartas a um musico desconhecido; 22 e 45: Que quer ouvir?: 1.º e 2.º actos da ópera «O Trovador», de Verdi; 23 e 45: Junção dos emissores.

RÁDIO CLUBE — A's 18: Teatro de brincar; 18 e 15: Jornal feminino; 18 e 45 Conjuntos; 19: Orquestras e canções; 20 e 15: Apontamento do dia; 20 e 20: Motivos portugueses; 20 e 30: Onda desportiva; 21: Imagens por musica; 21 e 30: Língua portuguesa; 21 e 45: Brasil; 22: Baile; 22 e 15: Solistas; 22 e 30: Cantares de Espanha; 23: Concerto, programa de divulgação; 23 e 31: Contos, humor e fantasia; 23 e 45: Noticiário; 2: Fecho.

Estação de Miramar — A's 18: Ritmos de baile; 18 e 30: Cantos e recantos de Portugal; 19: Palestra de língua portuguesa; 19 e 15: Motivos portugueses; 19 e 30: Isto é Portugal; 20: Boletim informativo; 20 e 10: Variedades; 20 e 30: Vida desportiva; 21: Noticiário; 21 e 15: Canta Giocomo Rondinella; 21 e 45: Brasil; 22 e 15: Intermédio musical; 22 e 30: Artistas portugueses; 23: Programa de concerto; 23 e 30: Variedades; 0: Baile

RÁDIO RENASCENÇA — A's 18: Selecções; 18 e 15: Musica seleccionada; 18 e 30: Terço e bênção, da basílica dos Mártires; 19 e 25: Leitura do programa e boletim do S. C. R.; 19 e 30: França, Horizonte do Mundo; 19 e 45: Musica do cinema; 20: Ritmos e canções de sucesso; 20 e 30: Noticiário; 20 e 55: Meditando; 21: As ultimas novidades; 21 e 15: Programa da semana da catequese; 21 e 30: Fados; 21 e 50: Rádio Rural; 22 e 15: Orquestra sinfónica; 22 e 45: Noticiário; 22 e 57: Boletim religioso; 23: Musica e canções fim de semana.

POSTOS CENTRALIZADOS — Das 19 e 30 ás 22: Voz de Lisboa; 22 ás 2: Club Radiofónico de Portugal.

TELEVISÃO

Hoje, ás 21 horas: Abertura; 21 e 2: O que vai pelo Mundo; 21 e 10: João Villaret, numa produção e texto de Francisco Mata, com acompanhamento ao piano por Carlos Villaret, em realização de Fernando Frazão; 21 e 30: Concurso de provérbios populares; 21 e 35: Musica e artistas, com o flautista Luís Boulton e a pianista Noémia Brederode; 21 e 55: O filme «Rebate Falso» *(The Thin Line)*, com David Niven; 22 e 25: «História de uma mulher», de Armando Vieira Pinto, 6.º episódio, com Adelina Campos, Fernanda Borsatti, Curado Ribeiro, Ana Paula, Fernando Gusmão e Maria Olguim; 22 e 45: Actualidade desportiva; 23 e 10: Noticiário e actualidades; 23 e 30: Encerramento da emissão.

FESTAS ASSOCIATIVAS

Haverá festas, com bailes e outros atractivos, esta noite, nas seguintes agremiações: Associação de Beneficência Luís Braille, Casa da Comarca de Arganil, Sociedade Filarmónica Alunos de Apolo; amanhã, á tarde: Casa do Algarve, Concentração Musical 1 de Junho de 1914, Academia 1.º de Setembro de 1867, Estrela Azul F. C., Academia 1 de Junho de 1893.

— Na Casa do Distrito de Coimbra, inaugura-se, esta noite, com a presença de entidades oficiais, a Exposição de Turismo de Coimbra, incluindo o programa uma conferência pelo sr. dr. Manuel Chaves de Castro, intitulada «Passeio ao redor de Coimbra».

CONCERTOS

No Teatro de São Carlos, ás 21 e 30.

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

TURNO J — Benfica—Estrada de Benfica, 678-E, Tel. 782532; Vicente — Estrada de Benfica, 466-A, Tel. 782606; Alegria — Estrada de Benfica, 180-A-B, Tel. 780511; Santa Cruz—Rua n.º 15 á Avenida Gomes Pereira, 2-A, Tel. 784838; Canto — Estrada das Laranjeiras, 202-B, Tel. 780841; Prates & Mota — R. da Beneficência, ao Rego, 91, Tel. 773728; Patuleia, Herdeiros — Rua do Lumiar, 122-124, Tel. 779332; Cabrita — Campo Grande, 220-222, Tel. 772397; Zil — Avenida da Igreja, 9-D, Tel. 778380; Roma—Avenida de Roma, 85-B, Tel. 772466; Lusitana — Avenida de Roma, 18-A, Tel. 725443; Chinde — Rua Agostinho Lourenço, 6-B, 710331; S. Miguel — Praça Francisco de Morais, 1, Tel. 771469; Providência—Rua D. Filipa de Vilhena, 9-C (frente ao Bairro Social do Arco do Cego), Tel. 77034; Sagres—Av. Luís Bivar, 69-71 Tel. 47213; Latina Av. António Agusto de Aguiar, 17-A, Tel. 42312; Sá da deira, 36, Tel. 41961; Fonseca—Largo D. Estefania, 4-5, Tel. 54808; Ascensos, Ld.ª—Rua J, lote 48, Bairro da Encarnação, Tel. 388172; Freitas — Rua Zófimo Pedroso, 11-13, Tel. 381136; Marluz — Calçada da Picheleira, 140-B/C, Tel. P. P. C. 720703-728395; Cruz de Malta—Largo do Chafariz de Dentro, 36, Tel. 23326; Almeida Dias — Largo da Graça, 38-A-39, Tel. 862909; Dalton — Av. Mouzinho de Albuquerque, RSV, Tel. 843571; Pais — Rua Abade de Faria, 22-A/B, Tel. 723965; Antolin, Ld.ª — Avenida Almirante Reis, 88-B/C, Tel. 44173; Guerra — Rua Andrade, 32-36, Tel. 845513; Higienica — Rua Heliodoro Salgado, 20-A, Tel. 844361; Ronil — Rua Rodrigo da Fonseca, 153, Tel. 683438; Salutar — Rua B, 75-A-B (Bairro da Liberdade), 683694; Amoreiras (Das)—Praça das Águas Livres, 8-D, Tel. 681515; Maria Pia — Rua D. Maria Pia, 514, Tel. 687949; Linaida—Rua Ferreira Borges 30, Tel. 660955; Micael — Rua de S. Bento, 380-382, Tel. 662162; Neves, Suc. — Rua da Bela Vista, á Lapa, 37, Tel. 661251; Higilux—Rua de Pedrouços, 50-52, Tel. 610280; Mendes Gomes — Calçada da Ajuda, 222, Tel. 638256; Botanico-Química, Ld.ª — R. da Junqueira, 38-40, Tel. 638132; Ester Nogueira — Rua de Alcantara, 5-A, Tel. 637563; Moderna — Rua Garcia da Orta, 24, Tel. 663117; Açoreana — Largo do Conde Barão, 2, Tel. 661330; Macedo — Rua do Loreto, 71, Tel. 23631; Luís Magalhães — Rua de Santa Marta, 15-A-B, Tel. 46490; Salix, Ld.ª — Rua Barata Salgueiro, 54, Tel. 730820; Formosinho — Praça dos Restauradores, 18, Tel. 30927; Normal — Rua da Prata, 220, Tel. 21342 — A —; Celta — Rua Moura Girão, 3-B, Telefone 710621.

HORAS DAS MARÉS

PREIA-MAR

Dia 10 — 22 e 25 (3m,39).
Dia 11 — 10 e 56 (3m,58); 22 e 56 (3m,39).
Dia 12 — 12 e 7 (3m,74).

BAIXA-MAR

Dia 11 — 4 e 42 (1m,75); 17 e 16 (1m,53).
Dia 12 — 5 e 38 (1m,61); 18 e 16 (1m,36).

CONFERÊNCIAS

Na Sociedade Nacional de Belas-Artes, pelo prof. Armando de Lucena, ás 21 e 30.

CARTAZ DO DIA

TEATROS

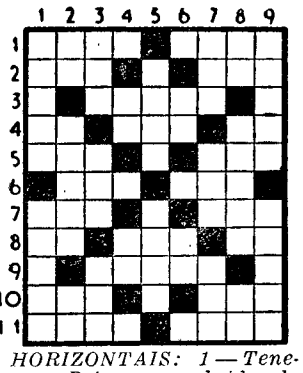
MONUMENTAL — A's 21 e 45 — «O baile».
AVENIDA — A's 21 e 45 — «Patate».
A B C — A's 20 e 30 e 22 e 45 — «Delírio em Lisboa».
CAPITÓLIO—A's 21 e 45 — «Gimba».
TRINDADE — As 21.45 — «Los intereses creados».

CINEMAS

S. LUÍS — «A orquídea negra».
TIVOLI — «Orfeu negro».
S. JORGE — «Da terra nascem os homens»
IMPÉRIO — «A Revolta dos Cossacos».
EDEN — «A ponte do rio Kwai»
POLITEAMA — «Al Capone».
MONUMENTAL — «No Sul do Pacífico».
ODEON — «Amores reais».
ALVALADE — «A orquídea negra».
CONDES — «Os dez mandamentos»
ROMA — «Um tal Mr. Jo».
AVIS — «A revolta dos gladiadores».
OLIMPIA — «O grande inimigo».
RESTELO — «O homem do braço de ouro».
PROMOTORA — «A mulher que viveu duas vezes».
JARDIM — «Talismã».
IDEAL — «Marcado pelo ódio».
S. JOSÉ (Sacavém) — «Grito de terror».
CAMPOLIDE — «O conde Max».

Palavras cruzadas

(COM PROVÉRBIO)
Problema n.º 1741



HORIZONTAIS: 1 — Tenebroso. Peixe escombrida do Algarve. 2—Ofertei. Amarra. 3—O cérebro. 4—Preposição. Nome de mulher. Nota de musica. 5—Porém. Artigo definido. Entregas. 6—Escalvada. Fluído aeriforme. 7—Nome de mulher. Vazia. 8—Batráquio. Divisão do ano. Figura. 9—Asno. 10—Claridade. Seguiam. 10 — No lugar em que. Moradia.

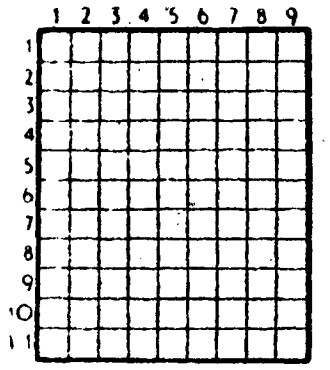
VERTICAIS: 1—Protelem. Lavrado. 2 — Pronome pessoal. Ordena. Prefixo de negação. 3—Víscera dupla. Pronome possessivo. Palavra alemã com que termina o nome de muitas terras onde há banhos. 4 — Artigo definido. Comparecia. Mulo. 5—Proprietário. Nome de uma fruta. 6—Nota musical. Senhor. 7—Tanto.. Rio de Portugal Freguesia do concelho de Oliveira do Bairro. 8—Antigo nome da nota musical dó. Rede de pesca. Campeão. Oportunidades. Perfume.

HORIZONTAIS: 1 — AMIGO. 2—MM. Asa. Sr. 3—Por. NÃO. 4—Alagadiça. 5—Taro. Ocar. 6—Amora. 7—Ara. 8—Agá. Ama. 9—Comprimir. 10—Orai. Roga. 11—Rã. Aio. Os.

VERTICAIS: 1 — EMPATA. Açor. 2—Mola. Agora. 3—Rara. Ama.. 4—Má. Goma. Pia. 5—Isca. Orar. 6—Gá. Dora. Iró. 7—Nica. Amo. 8—Saca. AMIGO. 9 — Troara. Aras.

(Provérbio: AMIGO NÃO EMPATA AMIGO).

NOVA MODALIDADE
Problema n.º 3790



HORIZONTAIS: 1 — Poial. Larvas das feridas dos animais. 2—Artigo definido. Lobrigou. 3—Homem valoroso. 4—Gracejas. Preposição e artigo. 5—Sapo do Amazonas. Nome de homem. 6—Repenicaram. 7—Agora. Falda. 8—Nociva. Data. 9—Unidade das medidas de peso. 10—Epopeia. Nesse lugar. 11—Nome de seis reis de Portugal. Nome de uma flor

VERTICAIS: 1—Cidade de França. Perfume. 2—Artigo definido. Julgara. Rio de Itália. 3—Galão. Distrito do Estado da India. 4—Vila e concelho do distrito de Aveiro. De cobre. 5—Traçaram. 6—Frutos da videira. Estimar. 7—Corrente de água natural e abundante. Grande. 8—Símbolo químico do ouro. Demónio. Artigo definido. 9—Calmaria. Esteiro.

Solução do problema n.º 3789

HORIZONTAIS: 1 — AC. Malta. 2—Mora. Arre! 3 — Ira. Orar. 4—Gá. Lígios. 5 — Selaria. 6—Lot. Rio. 7 —Correia. 8—Curara. Sá. 9—Rada. Cal. 10—Saio. Para. 11—Sasão. Ao.

VERTICAIS: 1 — Amiga. CC. 2—Cora. Louras. 3—Rá. Sorraia. 4—Má. Letrados. 5—Oil. Era. 6—Largaria. Pó. 7—Trairia. Cá. 8—Arroio. Sara. 9—Sá. Galão.

A semana do contribuinte

Código da sisa e do imposto sobre as sucessões e doações

— Da sisa.

— Isenções.

— Aquisição de prédios para revenda.

— Aquisição de terrenos para construção, destinados a habitação.

Segundo as disposições do n.º 2.º do artigo 16.º, deixam de beneficiar de *isenção* logo que se verifique, respectivamente:

— (Que os prédios adquiridos para revenda não foram trasaccionados *dentro de dois anos;)* — n.º 1.º.

— Que os prédios (destinados a habitação) não foram construídos dentro de dois anos, *ou que não têm direito á isenção* da contribuição predial, ou o perderam.

Conjugando o disposto nestes preceitos com o que se diz no n.º 8.º do artigo 11.º e no artigo 14.º, § 2.º, conclui-se que a sisa, *préviamente paga*, pela aquisição de terrenos para construção de prédios destinados a habitação, é anulada na totalidade *ex-ofício* e restituida a sua importancia.

Quer dizer:

A *isenção* (ou melhor, a anulação da sisa, depois de paga) fica condicionada á existência do benefício de isenção de contribuição predial, desde que se verifique o que está determinado nos n.ºs 1.º e 2.º referidos, conforme o caso.

AGENDA DO LEITOR

Contribuição industrial
Sociedades anónimas e comanditas por acções

Até o dia 15 do mês corrente:

Apresentar na secção de finanças do concelho ou bairro da sua sede os documentos:

1) Uma declaração do modelo oficial (n.º141 do catálogo — Finanças);

2) Um exemplar dos estatutos com todas as alterações que lhe tenham sido feitas (a);

3) Certidão passada pela respectiva camara de correctores, da cotação média das suas acções no ultimo ano civil (mesmo negativa);

4) Um exemplar do ultimo relatório aprovado pela assembleia geral; e

5) Requerimento acompanhado de certidões comprovativas do pagamento da contribuição predial, a que as respectivas sociedades estejam sujeitas, para lhes ser deduzida na colecta industrial (b).

OBS. — (a) Não havendo obrigação de renovar a apresentação, enquanto não houver qualquer alteração aos estatutos.

— Decreto n.º 16731, art. 38.º, § 2.º.

— Decreto n.º 36116, artigo unico.

(b) — Rec.º 10155, D. Gov., n.º 41 de 18-2-1950.

Representação portuguesa
na Agência Atómica Internacional

Vai reunir-se, em Viena, a Agência Atómica Internacional, instituição dedicada ao estudo das medidas, de substancias radioactivas, que reune especialistas de todo o Mundo. Nesta reunião toma parte o cientista português sr. dr. António Baptista, da Comissão de Energia Atómica e do Instituto Português de Oncologia.

Manuel Fernandes Marques Junior

FALECEU

Manuel Gustavo Fernandes Marques, sua esposa e filhos, Afonso Fernandes Marques, sua esposa e filhos, e mais família, cumprem o doloroso dever de participar o falecimento do seu muito querido pai, sogro, avô e parente, e que o funeral se realiza amanhã, dia 11, pelas 11 horas, da igreja dos Anjos para o cemitério do Alto de S. João.

MÁRIO MILHEIRO
Rua dos Anjos, 57-C

CAMISAS BRANCAS
As melhores qualidades
Os melhores preços
TORRE EIFFEL
104 — Rua do Carmo — 106

VISITE
A EXPOSIÇÃO
DE MATERIAL
ELECTRO
DOMÉSTICO
Standard Electrica S.A.R.L.
RUA AUGUSTA, 19
(JUNTO AO ARCO)

Depois do jantar
VISITE AS MONTRAS DA
CASA MAX

JULGAMENTO NA HAIA

Henri Rolin

"estrela" da delegação da União Indiana

não preparou a lição

HAIA, 10. — (Pelo enviado especial da A. N. I., Dutra Faria — Copyright n.º 319). — *Com as duas audiências de ontem, a da manhã, que era a vigésima sexta, e a da tarde, recomeçou o julgamento, interrompido durante dois dias, do litígio em que, trazida ao tribunal pelo Governo português, a União Indiana figura como ré.*

Também com as mesmas duas audiências, principiou a réplica indiana ás alegações portuguesas.

Como era da praxe, falou em primeiro lugar o agente do Governo de Nova Delhi, o procurador-geral da India, Setalvad, que leu a introdução á réplica, um documento de 32 páginas em que abundam expressões de polémica e frases de comício.

Em seguida, coube a vez á nova estrela *da delegação indiana, «maître» Henri Rolin, senador socialista belga e professor da Universidade Livre de Bruxelas, de quem nos haviam dito que era um advogado extraordinário, verdadeiramente excepcional.*

Devemos, no entanto, declarar que nos desiludiu. E' com certeza aquilo a que chamamos, quando estudantes «um cábula». Improvisa e fá-lo — sobre isso não há duvida nem discussão — brilhantemente de maneira a interessar e até empolgar quantos gostam de um pouco de retórica depois do almoço. Fá-lo como um prestidigitador, brincando com as ideias e com os princípios em debate — como o prestidigitador brinca com os coelhos que tira de dentro do chapéu alto. Prende, entretem, diverte. E, por si só, todo um espectáculo. Mas dá-nos a impressão de que não estudou suficientemente o processo, de que não leu, por exemplo, os debates sobre as objecções levantadas pelos Indianos á competência do tribunal. Dir-se-ia que toda a sua ciência vem da leitura que fez á ultima hora das conclusões do Governo português, depois de haver tomado umas notas, enquanto falava o prof. Bourquin.

Por isso leva-nos mesmo a esquecer de que se trata, afinal, de um litígio entre dois países — entre Portugal e a União Indiana. Porque, se alguém o escuta sem nada saber do que está em discussão, fica decerto convencido de que é simplesmente um litígio entre dois professores — o prof. Bourquin e o prof. Rolin.

— Sim — acrescentou um velho jornalista holandês, veterano do Palácio da Paz, a quem disseramos isto mesmo — um litígio entre um professor de Matemática e um professor de Química. Porque «maître» Rolin parece-nos aquele professar de Química que vai agitando, em tubos de ensaio, líquidos coloridos, enquanto diz a sua lição...

Quanto a Setalvad, foi — façamos-lhe essa justiça — mais sério do que Henri Rolin. Mas foi, ao mesmo tempo, terrivelmente faccioso. Enquanto um brinca, sorri, o outro indigna-se, estremece, vibra, colérico, implacável, feroz. São os dois polos do pequeno mundo caótico que deve ser a delegação indiana.

Um Rolin, elogia, com palavras de mel, « o rigor do método e a clareza da exposição» dos Portugueses; é cavalheiresco e frívolo como um espadachim do século XVII. O outro, Setalvad, acusa-nos de cínicos e de arrogantes, diz que traziamos as populações dos enclaves como «bestas de carga», é violento, é desagradável — tem uma espontaneidade, uma veemência, um vigor de homem primitivo, de bárbaro que passou sem transição da selva para os bancos de carvalho, brunidos pelos séculos, de qualquer dos colégios de Oxford.

Estes foram os dois homens que ouvimos ontem. Um, imprecou-nos, ofendeu-nos, feriu-nos. O outro arranhou ao de leve, aqui e além, a epiderme da nossa argumentação. Nenhum deles trouxe contra nós, para nos esmagar, para nos liquidar, qualquer novidade.

Entretanto, Setalvad anunciou que «o período britanico» será tratado por ele próprio ou «pelo seu eminente amigo», «sir» Frank Soskice. Isto pareceu indicar não haver ainda a certeza de alinhar «sir» Frank Soskice, este ano, com a delegação indiana, como em 1957, tanto mais que foi eleito deputado, agora, por Newport — deputado trabalhista.

Se, como já se rumoreja, Frank Soskice não vem — e nesse caso não virá, consta, por não ter concordado em que chamassem Henri Rolin — então bem se poderá dizer, ou muito nos enganamos, que o Governo de Nova Delhi não ganhou com a troca. — (A. N. I.).

Samuel Hoare assiste à audiência

HAIA 10. — A vigésima oitava audiência do julgamento, ou seja a terceira da réplica indiana, principiou ás 10 horas e 32, entrando imediatamente o prof. Henri Rolin no uso da palavra.

Na assistência, um nome ilustre da política e da diplomacia inglesas: Samuel Hoare.

O prof. Henri Rolin, depois de rememorar o que disse ontem, afirmou que o direito de transito reclamado por Portugal á India é «artificial», precário e aleatório» na medida em que o Governo português o define como um direito de transito «sem imunidades».

Não é possível — diz Rolin — um Estado pedir a outro um direito de transito sem imunidades. Não é possível a Portugal fazê-lo. Todo o direito de transito comporta, necessáriamente, imunidades, sob pena de ficar desprovido de todo o significado, sob pena de deixar de ser mesmo um direito.

Cita, depois, a hipótese da passagem de tropas ou de homens armados, membros da força publica portuguesa. Declara que Portugal não reclama, também nesse caso, quaisquer imunidades. Mas Portugal — afirma Rolin — não pode prescindir dessas imunidades: nenhum Estado pode despojar as suas forças armadas de carácter oficial, que lhes atribui automáticamente regalias especiais, mesmo quando em território estrangeiro. Ora a essas regalias — que revestem fora do país a que essa forças pertencem o aspecto de imunidades — é que o Estado português não pode de qualquer modo renunciar; paralelamente, a India, se reconhecesse a Portugal o direito de transito, não as podia também recusar.

O prof. Henri Rolin reitera, pois, que todo o direito de transito comporta imunidades, por menos amplas, por mais limitadas que estas sejam. — (A. N. I.).

5970 mortos

nas estradas britanicas no ano passado

LONDRES, 10 — Segundo estatísticas oficiais hoje publicadas, verifica-se que durante o ano findo se registaram, em acidentes nas estradas da Grã-Bretanha, 5.970 mortos, 69.166 feridos graves e 224.631 feridos ligeiros, sendo a cifra anual mais elevada até agora registada no país.

Do total de mortos, 717 eram crianças, um terço das quais tinha menos de cinco anos.

O numero de acidentes nas estradas continuou a subir extraordinàriamente durante o primeiro trimestre de 1959.

A principal razão dos desastres ocorridos é o constante aumento do numero de veículos em circulação nas estradas — segundo a opinião dos técnicos. — (A. N. I.).

As eleições administrativas

no próximo dia 18

(Continuação da 1.ª página)

continente e dos distritos autónomos de Ponta Delgada, Angra do Heroismo e Horta.

Pela remodelação administrativa recentemente efectuada, Lisboa passou a ter 53 freguesias, assim distribuidas: 1.º bairro, 24; 2.º bairro, 9; 3.º bairro, 12; e 4.º bairro, 8. No Porto, as freguesias são em numero de 15: 5 no 1.º bairro, também conhecido por bairro Oriental; e 10 no 2.º bairro, vulgarmente designado por bairro Ocidental.

QUANTOS VOGAIS SERÃO ELEITOS

Em cada freguesia serão eleitos seis vogais: três vogais efectivos e três vogais substitutos. No conjunto das freguesias do Continente e Ilhas Adjacentes serão eleitos, portanto, 23.706 vogais.

Os três vogais efectivos designarão, entre si, um presidente, um secretário e um tesoureiro. No caso de falecimento, licença, impedimento temporário, exclusão do lugar ou perda de mandato dos vogais efectivos, serão chamados pelo presidente da junta os vogais substitutos mais votados ou os mais velhos quando tenha havido empate na votação. As funções de vogal são obrigatórias e gratuitas, indicando o Código Administrativo os poucos motivos de escusa admitidos.

QUEM PODE ELEGER E SER ELEITO

São eleitores das juntas de freguesia os chefes de família residentes na área das respectivas freguesias e que estejam inscritos no recenseamento de chefes de família. São também elegíveis os chefes de família nestas condições.

A eleição faz-se por votação em lista completa, isto é, constituída pelos nomes dos três vogais efectivos e dos três vogais substitutos. Cada lista a votar no próximo dia 18 foi proposta ao presidente da respectiva Camara Municipal — ou administrador de bairro no caso de Lisboa e do Porto — por cinco chefes de família eleitores. O prazo de apresentação das listas termina doze dias antes do domingo em que se realizará o acto eleitoral.

No caso presente, o prazo de apresentação de listas deveria ter terminado no passado dia 5; mas, como este dia foi feriado nacional e como o dia anterior foi domingo, o prazo terminou no passado dia 3.

Recorde-se que o prazo de anuncio da eleição terminara no dia 2. No entanto, houve concelhos e administrações de bairro em que o anuncio foi feito anteriormente: em Lisboa, os editais anunciando a data das eleições foram afixados já no dia 1. Esclareça-se, ainda, que as listas propostas á votação pelos cidadãos eleitores podiam ser recusadas pelos presidentes das Camaras Municipais ou pelos administradores de bairro, decisão de que haveria recurso para a Auditoria Administrativa.

Os trabalhos de preparação do acto eleitoral estão, assim, já completamente terminados.

ATRIBUIÇÕES DAS JUNTAS DE FREGUESIA

A freguesia é, como diz o Código Administrativo, o agregado de famílias que, adentro do território municipal, desenvolve uma acção social comum por intermédio de órgãos próprios. As freguesias podem ser urbanas e rurais. No primeiro caso, temos uma divisão da cidade normalmente sem carácter próprio e traçada com intuitos predominantemente administrativos; ao contrário, a freguesia rural é usualmente o resultado de uma longa evolução histórica e corresponde a uma divisão natural.

As atribuições das juntas de freguesia não se distinguem muito das atribuições municipais. Como escreve o prof. dr. Marcelo Caetano no seu «Manual de Direito Administrativo», as freguesias são, afinal, uma espécie de municípios secundários com escassos meios de acção, que vão desenvolvendo modestas actividades de interesse social.

São funções específicas das juntas de freguesia a organização, conservação e revisão anual dos recenseamentos dos chefes de família e dos pobres e indigentes, e o estabelecimento, ampliação e administração dos cemitérios existentes fora da sede do concelho. Em muitas freguesias tem ainda considerável importancia a administração de bens comuns, como baldios e águas publicas paroquiais. Nas freguesias em que não haja corporação encarregada do culto, pertence ás juntas a administração e conservação dos templos e seu recheio. Representantes das freguesias fazem ainda parte do Conselho Municipal, orgão a que pertencem, além de funções moderadoras e administrativas, funções eleitorais, ao elegerem os vereadores.

Embora independentes, dotados de personalidade juridica e de autonomia, estão profundamente ligadas á vida das juntas de freguesia as comissões paroquiais de assistência. Constituem-nas os vogais efectivos da junta de freguesia, o presidente da assembelia geral da Casa do Povo, o pároco e o professor primário da freguesia.

Não se poderá, por tudo o que dissemos, negar importancia e significado ao acto eleitoral que vai realizar-se.

Os comentadores políticos

prevêem uma «guerra aberta» entre moderados e extremistas do Partido Trabalhista

(Continuação da 1.ª página)

lhistas da ala esquerda «não podem deixar de se convencer, agora, de que a tendnêcia de Gaitskell para o *radicalismo*, em vez de para o *socialismo*, os fez perder as eleições».

Prosseguindo, Willis escreve: «Todos os olhos estarão agora virados para Bevan. Estaria ele á espera que Gaitskell cometesse um *hari-kari* político? Ou não passa ele, afinal de contas, de um vulcão extinto?»

Outro comentador político, T. F. Thompson, do «Daily Mail», pró-conservador, predizia, também esta manhã, que a derrocada eleitoral e a necessidade de uma «penosa reapreciação» pelos próprios dirigentes do partido podem vir a resultar num nítido desvio dos trabalhistas, num futuro próximo, para as direitas.

Na opinião de Thompson, Gaitskell continuará a ser «o chefe absoluto, indisputado», visto «ser o unico homem para a tarefa», e sublinha: «Não se avistam nenhuns rivais».

Depois de declarar que está convencido de que o partido alijará, gradualmente, a sua «velha guarda» socialista, com a sua tradicional política de nacionalizar a industria — que, segundo se crê, contribuiu para que, desta vez, os trabalhistas perdessem dezenas de milhares de votos — Thompson diz que não será de estranhar que Gaitskell, acompanhado pelo seu perito financeiro Harold Wilson e outros moderados, afaste o Partido Trabalhista do socialismo clássico, para se transformar num partido «radical» ou «liberal», que, ulteriormente, podem bem vir a ligar-se ou a absorver o actual Partido Liberal.

Também o pró-conservador »Daily Telegraph» fazia, esta manhã, a previsão de que uma «reaparição» dos trabalhistas resultará numa cisão entre as facções da extrema-esquerda e das direitas, ou, então, numa nítida inclinação para as direitas.

Na opinião do «Daily Telegraph», será possível, também, que venha a ser exercida forte pressão sobre os poderosos sindicatos operários — que constituem importante factor da força do Partido Trabalhista — para que se retirem da política.

Quanto ao sector da Imprensa pró-trabalhista, nem o «Daily Herald» nem o «Daily Mirror» davam a entender, esta manhã, que esteja a acastelar-se *tempestades* nas fileiras do Partido Trabalhista, mas observadores autorizados salientam que o esquerdista Ian Mikardo, presidente-eleito do partido, e que perdeu ontem o seu lugar no Parlamento, se tem manifestado, ostensivamente, a favor de uma política ainda mais esquerdista e militante. —(A. N. I.).

Um "Atlas" intercontinental

atingiu a zona-objectivo a 9.000 quilómetros de distância

CAPE CANAVERAL (Flórida), 10.—Foi ontem lançado deste campo de ensaios um engenho balístico intercontinental «Atlas», o qual atingiu a zona-objectivo a 9.000 quilómetros de distancia — anunciou a Força Aérea dos Estados Unidos.

O lançamento foi feito para uma distancia «próxima do alcance máximo» e, segundo as informações oficiais, «a experiência atingiu os resultados previstos».

O «Atlas» é o unico míssil balístico intercontinental que os Estados Unidos já têm pronto para fins militares. Tem cerca de 23 metros de altura e motores-foguetão de combustível líquido capazes de um impulso da ordem das 175 toneladas.

O lançamento desta noite foi o segundo da semana corrente, dentro de um programa de aperfeiçoamento das suas características de manejabilidade e precisão. O primeiro lançamento também teve êxito.

Nesta experiência foi utilizado um novo cone projectado para maior carga util, maiores velocidades na curva descendente da trajectória e para uma precisão melhorada.

Uma associação do «Atlas» e do «Able», conhecida por «A-A» vai ser utilizada para fornecer a impulsão necessária a um lançamento para a Lua, que os Estados Unidos vão tentar no próximo mês.—(F. P. e A. N. I.).

Petroleiro à deriva

IJMUIDEN (Holanda), 10 — O petroleiro norueguês «Sir James Lithgow» emitiu um pedido de socorro, dizendo que tinha as máquinas avariadas e navegava á deriva a vinte milhas ao largo de Gibraltar, necessitando com a maior urgência de um médico para tratar de quatro tripulantes que estão gravemente mados. — (A. N. I.).

Restaurante francês
GALEOTA
OS MELHORES PRATOS DA COZINHA FRANCESA
Previne a sua Ex.ma clientela que desde o dia 1 de Outubro encontra-se aberto aos domingos a todas as refeições.
28 — Av. Sidónio Pais — LISBOA
Telefone 51281

O Gabinete não será alterado por agora

LONDRES, 10 — Confirmando as notícias que circulavam ontem nos meios autorizados, os redactores políticos dos jornais londrinos afirmam não tencionar MacMillan, por agora, proceder a uma recomposição do Gabinete, devendo, nomeadamente, ser mantidos nos seus postos, Selwin Lloyd, ministro dos Negócios Estrangeiros, e Heathcoat Amory, chanceler do Tesouro. — (F. P.).

Os liberais obtiveram outro lugar

LONDRES, 10 — Dos dois resultados das eleições de anteontem, que ainda faltavam conhecer, um foi anunciado esta manhã.

O chefe do Partido Liberal, John Grimond, foi reeleito pelo circulo das ilhas Orkney e Shetland, ficando, assim, os liberais com seis lugares, ou seja o mesmo numero que tinham no ultimo Parlamento.

Espera-se que o segundo e ultimo resultado que falta conhecer seja anunciado hoje, cerca das 20 horas. — (A. N. I.).

Viva satisfação em Espanha

MADRID, 10 — No final do Conselho de Ministros, que ontem se realizou, soube-se, de fonte oficiosa, a viva satisfação causada nos meios governamentais pela vitória dos conservadores ingleses. — (F. P.).

magazine

Diario de Lisbôa NÚMERO 65 Diario de Lisbôa

CUIDADO!

COMO DIRIA D. SEBASTIÃO:

ASPIRINA, SIM - MAS DE VAGAR

Tudo isto, sim senhores, é obra da aspirina. Mas se um sábio hoje anunciasse ter descoberto tão formidável medicamento, todos o julgariam doido e se fariam dele.

E contudo. esta panacéia existe e o leitor que nos lê, tem-na certamente no seu armário-farmácia. E é já velha de cem anos.

No ano findo, os Franceses venderam a bonita cifra de 3 biliões e meio de embalagens de aspirina, sob vinte e sete formas diferentes, na cadência média de cerca de quatrocentas mil por hora. Nunca o consumo do produto atingiu tal cifra, pois até há seis ou cinco anos as pessoas tinham pela aspirina um certo desprezo. Acabavam de ser descobertos alguns medicamentos «ultra-modernos e fabricavam-se aos milhares, nos laboratórios; o velho «doutor Aspirina», a trinta e cinco francos cada tubo, parecia tão fora de moda como um Renault 1920...

Os próprios médicos criaram o hábito de relegar este medicamento para museu das antiguidades. A aspirina parecia, pois, batida, em duas frentes ao mesmo tempo: a gripe e o artritismo, os dois principais campos de acção em que a aspirina até aí manobrara á vontade.

No ano de 1951, a gripe começou a ser combatida com a artilharia pesada dos antibióticos. Até as simples gotas nasais passaram a ser á base de penicilina. Para o artritismo havia todo um batalhão de hormonas recentemente descobertas: cortisona, hidrocortisona, A. C. T. H. que ofereciam grandes esperanças.

MARAVILHOSA DESCOBERTA CAPAZ DE...

- Baixar a febre.
- Combater as insónias, a fadiga e a dor.
- Melhorar a circulação.
- Aliviar o artritismo.
- Impedir a formação de cálculos renais.
- Aliviar as vítimas de insolação.
- Debelar o reumatismo articular agudo e as diabetes.

Ora este optimismo do início não tardou a moderar-se. As hormonas, apesar de eficazes, revelaram não passar de adjuvantes provisórios. As dores reumatismais voltavam, teimosas, mal cessava o tratamento. Por outro lado, este medicamento requer um manejamento delicado, muitas vezes perigoso. A penicilina por seu lado, mantinha-se sem efeito sobre a gripe, doença de virus e de nada servia contra os resfriamentos. No fim de contas, a boa e velha aspirina estava reabilitada no seio das famílias; descobriram-lhe até novas virtudes.

No decurso da famosa epidemia de gripe asiática de 1957, a aspirina foi recomendade pelos médicos de todo o Mundo, como sendo a unica droga digna de interesse... a tomar-se com um «grog» bem quentinho. Nesse ano, na América, foram absorvidas quinze biliões de embalagens, cifra jamais atingida; os Ingleses contentaram-se com quatro biliões.

Mas o consumo de ácido acetilsa-

(Continua na 2.ª página)

ANO NOVO

VIDA NOVA

Com Outubro não vem só o fim do Verão e, portanto, o fim das férias grandes que tão bom sabor tiveram para os estudantes. Assim, com Outubro, vem precisamente o começo de um novo ano de trabalhos, de canseiras, de alegrias por vezes, e, quantas vezes, de desilusões.

Todos já fomos estudantes. Sim, já nos sentámos em bancos mais ou menos rijos, diante dum professor que nos transmite a parte «mínima» da sua sabedoria... (quando nos transmite a parte máxima ele é mais do que um professor, é um amigo).

Todos tivemos férias e chegámos a Outubro com pena de que as férias tivessem findado, mas sempre com uma ponta de alegria e de esperança para começar um novo ano.

Até todos já vimos reportagens com que, mais ou menos, os jornais assinalam o início do ano escolar...

Efectivamente, como em todos os anos, ás primeiras horas da manhã, as portas das escolas, dos liceus e das faculdades abrem-se para acolher os novos e os antigos alunos. Para eles, essas portas são incógnitas e, do momento em que elas se abriram para cada um, dependem futuros, depende a felicidade individual, a felicidade de famílias, depende muitas vezes a própria humanidade.

Este ano o repórter que relata mais um princípio de aventura, viu também rostos alegres que saíam de casa em direcção ás escolas. Rapazitos de sete anos que iam pela primeira vez á escola. Rapazitos que corriam pelas ruas, cheios de alegria, agarrados ás mãos das mães, subindo as escadarias de pedra, ao encontro de uma parte da sua vida. Os conselhos das mães acompanham-nos. Rapazitos que já no ano anterior, ou mesmo há mais tempo, encetaram a vida escolar, que vão reencontrar os seus amigos e companheiros.

REPORTAGEM DE
WALDEMAR MONTEIRO

A professora, com um sorriso amável, faz-lhes imensos pedidos: que estudem, que sejam bons. que pensem que têm de recomeçar o trabalho. Neste primeiro dia, as batas mostram-se absolutamente brancas e todos eles são atenção e entusiasmo. Em casa falam, sem descanso, das surpresas que tiveram... da cara do novo professor, dos óculos ou dos bigodes, da sua voz forte, dum novo camarada, dum condiscípulo que é vizinho...

Nos liceus, o primeiro ano é também uma agradável surpresa. Trata-se de um ambiente inteiramente novo e, portanto, surge um entusiasmo diferente.

E' preciso ver sempre as pautas com cuidado, ver o número e saber se um amigo fica na mesma sala, o que sem duvida é agradável. Especialmente os mais velhos comparam o numero do ano passado com o deste ano e não passam sem se lembrar da voz com que certo professor pronunciava o seu numero para a «chamada»...

Os «caloiros» vêm ainda pela mão das mães, mas nem por isso deixam de pagar o seu «tributo»: e esse tributo é baixar o pescoço humildemente e receber alguns «caldos» dos que já são da casa e. portanto, a seu tempo, também sofreram a «tortura»..

Os que se conhecem conversam animadamente, lembram brincadeiras ou jogos que aprenderam nas férias. Alguns correm pelos pátios, outros juntam-se em grupos para trocarem impressões sobre as férias, sobre o novo ano... e talvez sobre os exames do ano que passou.

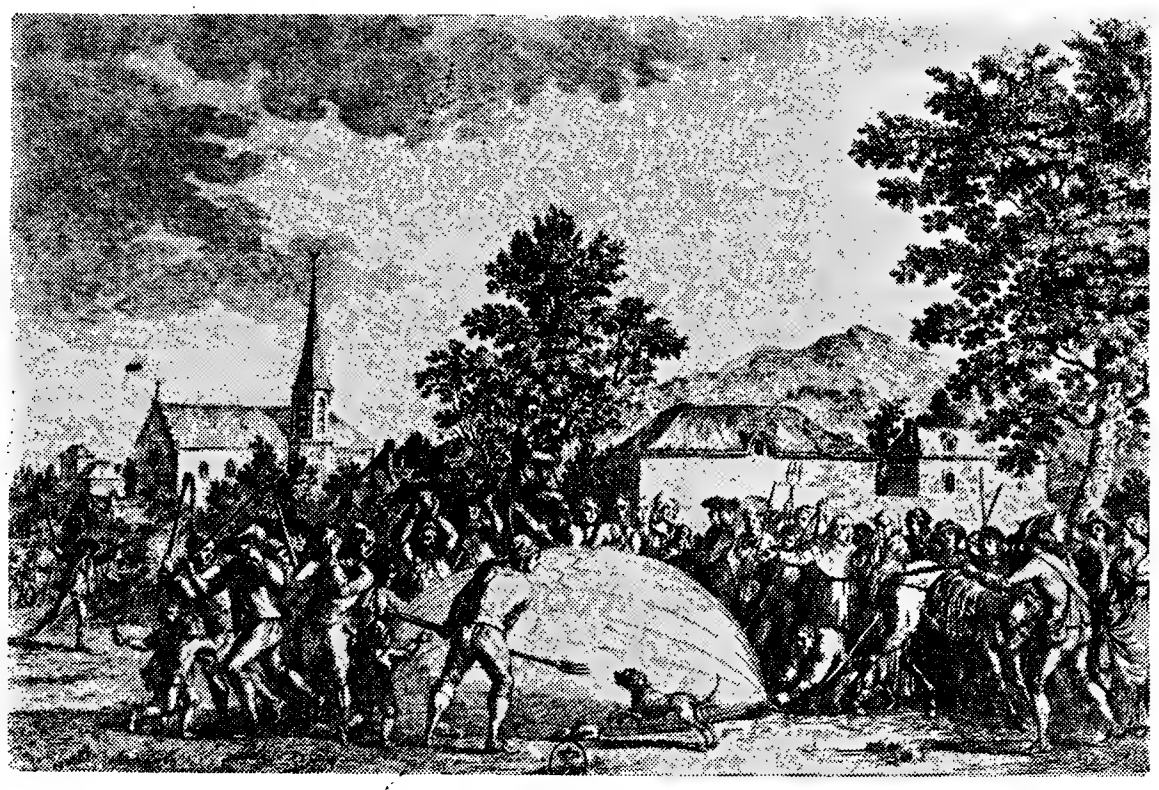
No primeiro dia de liceu, o Reitor faz algumas advertências sobre a maneira como o ano deverá decorrer. E' necessário estudar, serem bons companheiros, fazerem do liceu um grande lar de uma grande família. E' preciso cultivar o desporto e elevar o nível cultural do liceu, com um jornal de parede que seja feito com regularidade e onde cada um mostre as suas qualidades e prove não ser balofo o conhecimento que adquirirá através do estudo.

Nos liceus de raparigas o entusiasmo é igual, ou maior ainda. Com o seu temperamento quase sempre alegre e cativante, erguem as vozes e o riso e o ar enche-se de um vozear agradável e convidativo. A' porta dos liceus param

(Continua na 3.ª página)

CAMILO E A ASTRONAUTICA

Na sua curiosa obra «Noites de Insónia — oferecidas a quem não pode dormir», Camilo escreveu com o título «Vergonhas nacionais» um artigo que hoje possui especial actualidade. Essa é a razão por que o vamos transcrever na íntegra:



É notório que o capitão Vicente Lunardi, natural de Luca e empregado na Embaixada napolitana em Londres, efectuou em Lisboa, na tarde de 24 de Agosto de 1794, uma viagem aérea.

Mas ainda ninguém disse que o aeronauta, antes da ascensão, esteve preso á ordem do intendente-geral da Policia Diogo Inácio de Pina Manique, pelo motivo de vir com tal novidade a Lisboa, onde a Inquisição, por causa idêntica desejara queimar o padre Bartolomeu de Gusmão.

Os documentos que sobrevivem a tamanho opróbio são autógragos, autenticados pela assinatura do famigerado intendente.

Lunardi chegou a Lisboa em fins de Maio de 1794. Nesse mesmo ano, em Janeiro, tinha ele em Madrid subido no seu balão, que desceu na província da Mancha, onde os camponeses o receberam tão benignamente que o levaram em triunfo á igreja paroquial da vila de Orcajo.

Cuidou ele que a família real portuguesa o recebesse com igual agrado ao da corte espanhola.

Logo que chegou a Lisboa, foi intimado a comparecer na corregedoria do bairro, e obrigado a assinar termo de não subir ao ar, sem que a máquina fosse examinada por peritos. Este exame levava em vista satisfazer as suspeitas do publico, receoso de artes diabólicas.

Assinou Lunardi o termo, e entendeu que dava plena satisfação ás autoridades e ao publico, expondo o balão com todos os seus aprestos. E, para isso, construiu uma barraca na Praça do Comércio, e grudou nas esquinas das ruas mais concorridas um cartaz em que minuciosamente explicava o balão exposto, e os mais instrumentos necessários ás viagens aéreas.

Apenas o estirado cartaz apareceu, o intendente-geral da Policia, oficiou ao desembargador Luis Dias Pereira, corregedor do bairro dos Romulares, no teor seguinte, e textual ortografia:

«Vm.ce logo mandará hir seguro á sua presença Vicente Leonardi, Author da Maquina Aerostática, e na presença de um dos escrivães dos Lugares, que vm.ce está servindo, lhe perguntará, com que autoridade fixou os editaes, contra o que se havia determinado no termo que elle assignou perante vm.ce por ordem desta intendência; e não apresentando ordem por escripto, «emanada» (sic) das Secretarias de Estado, ou do seu Real Gabinete, ou Gentil Homem da Camara ou «Garda» (sic) Roupa do Dito senhor; vm.ce o mandará prender, mandando-lhe abrir assento á minha ordem; e dar-me parte do resultado d'esta dili-

(Continua na 2.ª página)

Ver na página 7 a moralidade desta história

O leitor conhece aquela história muito célebre e moralista que diz:

— Ês esperto, mas não caças ratos.

Talvez nunca a tivesse visto com os seus próprios olhos. Eis o que lhe vamos apresentar, portanto.

Os personagens da história são os que devem ser: o gato e o rato.

O gato já leu as fábulas de La Fontaine. Só come gatos por coelho e com receio da indigestão pôs ao lado um frasco de bicarbonato.

Este é o argumento. Como se serve dele, o gato? Parece que bem. Ou não será? A analisar bem a gravura vê-se que o nosso amigo não sabe como pegar na colher. Quer-me parecer que está criticando, com os seus botões, uma civilização que o não deixa servir das garras que Deus lhe deu. Eu tenho um tio — um tio dos bons tempos — que possuia, por sua vez, um gato (também dos bons tempos). Quando eu lhe perguntava (depois de saber da saúde da restante familia):

— Então e o gato?

Meu tio fazia um ar de orgulho e afirmava:

— Está bravo, está bravo!

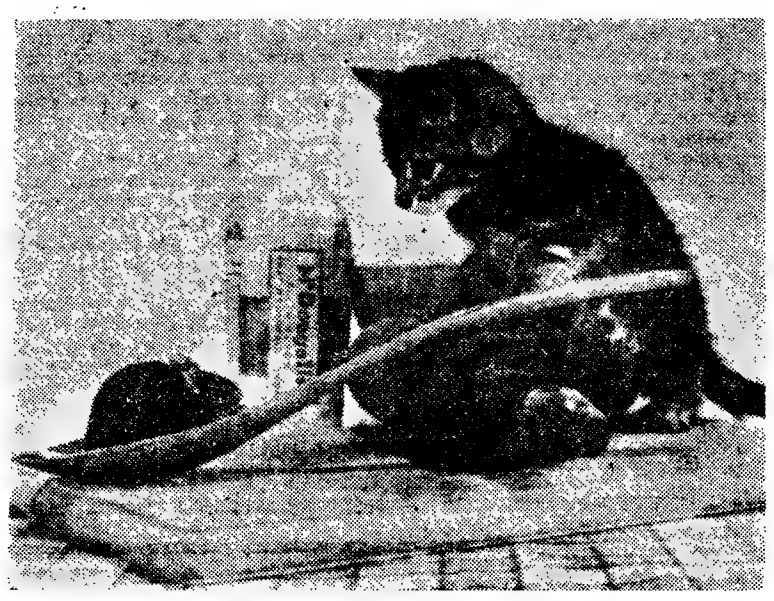
Era essa a nobreza do gato.

Um dia fiz-lhe a mesma pergunta e ele pôs á mostra uma expressão de profunda tristeza:

— Não me fales nisso! Adaptou-se aos tempos que correm. Está um parrana. Um pa-rra-na.

Tudo isto vem a propósito para pedir ao leitor que veja a página sete. E' lá que vem a moralidade da minha história.

Desculpe. E' uma moralidade muito grande, que já não cabia aqui.



CAMILO e a Astronáutica

(Continuação da 1.ª página)

gencia acompanhando o Auto da declaração que o mesmo Vicente Leonardi fizer. Deus guarde a vm.ce Lisboa 10 de Junho de 1794=Diogo Ign.co de Pina Manique=Snr. Dz.or Luís Dias Pereira».

Lunardi, conduzido pelos quadrilheiros ao corregedor, e interrogado, disse que, tendo assinado termo de não funcionar sem que o balão fosse examinado, cuidara dar a máxima prova de boa fé e ciência estreme de sortilégio, exibindo ao exame de toda a gente, a sua máquina.

O corregedor achou-lhe razão. Não obstante, mandou-o esperar, em custódia, novas ordens da intendência, enquanto ele oficiava e a resposta vinha.

Eis a resposta de Manique:

«Vm.ce executará sem exhitação ou duvida alguma, a diligencia que lhe encarreguei em aviso da data de hontem a respeito do estrangeiro Leonardi, author da máquina aerostática; pois me consta com toda a certeza não ter o mesmo Estrangeiro licença de Sua Alteza Real o Principe Nosso Senhor para o referido fim: e vm.ce me dará conta por escripto da execução da sobredita diligência, na conformidade que lhe tinha ordenado. Deus guarde a vm.ce Lisboa 11 de Junho de 1794=Diogo Ign.co de Pina Manique.=Snr. Dz.or Luis Dias Pereira».

Em vista disto, o aeronauta foi conduzido ao Limoeiro; e nesse mesmo dia, o intendente elogiava o corregedor nestes termos:

«Li a conta que vm.ce me deu em que me participava a prisão do estrangeiro Leonardi, o que vm.ce tem executado com todo o acerto; agora porém vm.ce mandará arrancar todos os editais, que o mesmo tinha afixado. Deus guarde a vm.ce. Lisboa 11 de Junho de 1794=Diogo Ign.co de Pina Manique=Snr. Luis Dias Pereira».

Não sei que tempo este o italiano em ferros; mas tendo plausíveis razões para presumir que o principe regente o mandou soltar, pois que, volvidos dois meses foi Sua Alteza que lhe deu licença para subir no balão.

Aos ouvidos do intendente chegaram rumores sinistros. Segredava-se que algumas pessoas, influenciadas pelos frades de mais selvagem ignorancia e acrisolada religião tencionavam despedaçar a máquina e o aeronauta, suspeito de feitiçaria. E, visto que Sua Alteza licenciara a subida do balão, cumpria a ele, intendente, obstar que os fanáticos insultassem o estrangeiro. No entanto, o sagaz magistrado, que tinha mais velhacaria que sintaxe, não queria indispor-se com o povo intimidando-o com o poder armado, nem indispor-se com o príncipe abandonando o aeronauta á ferocidade das turbas. Neste propósito, oficiou assim ao corregedor na véspera da ascensão:

«Vou prevenir a vm.ce que não deve levar official algum de capote amanhã de tarde para hir assistir na Praça do Commercio, nem ainda mesmo os quadrilheiros, e que se não tiver cazaca o dispense a vm.ce e lhe dê positiva ordem para não apparecer na mesma praça ao Commercio: o mesmo também ordenará vm.ce aos Cabos geraes do seu Bairro para não haver alguma confuzão e obviar, que alguns malvados sequeiram mascarar affectando serem officiaes, para levarem as armas a seu salvo.

Recommendo a vm.ce a prudência, procurando não comprometter a authoridade, e respeito da justiça, e só, no caso indispensável que ameace consequências é que deve vm.ce ter o procedimento, pedindo auxílio da tropa para rebater qualquer insulto que se queira praticar: o modo nestas occasiões, e a polidez conduziu muito para se concluir o dia sem que seja preciso praticar procedimento algum, e sem que também se suscitem conflictos de jurisdicção. Tudo isto quer a prudência, que recomendo a vm.ce se pratique como sem hesitação espero: e outro sim que não separe de si os seus officiaes para que não vão fazer acção alguma que não seja por vm.ce regulada. Deus guarde vm.ce Lisboa 23 de Agosto de 1794=Diogo Ign.co de Pina Manique.=Snr. Luis Dias Pereira».

Na página em branco deste ofício, escreveu o corregedor:

Subiu, no dia 24 d'Agosto na real praça do Commercio depois das quatro horas e meia da tarde. Eu o vi subir. Foi pelas oito horas e meia da noite cahir ás Vendas Novas, voando depois a Magaina (?) sem que ele podesse segurar, a qual foi depois cahir a Veiros.

Vicente Lunardi escreveu depois a sua «Viagem aérea», impressa no mesmo mês e ano em Lisboa. Da sua escrita não transpira queixume dos Portugueses. Apenas estas expressões denotam uma alma nobremente magoada: «Os aplausos, com que me tem honrado a nação portuguesa, me fazem esquecer as «minhas passadas desgraças» e me obrigam a dar-lhe, em prova do meu reconhecimento, uma exacta narração de toda a minha viagem aérea, etc.».

Estes «aplausos» consistiram em uns endecassílabos «anónimos», publicados nessa ocasião. Quem quer que fosse, o autor não teve a coragem de assinar os seus aleijados versos. Além disto, numa epístola do padre José Agostinho de Macedo a Stockler; e, sobretudo o «elogio» que lhe consagrou Bocage, em versos esplêndidos que podem aferir-se por esta estancia:

Portentoso mortal, que á suma [altura
Vaes no etéreo baixel subindo [ousado;
Que ilusão, que prestigio, que [loucura
Te arrisca a fim tremendoe de-[sastrado?
Teu espírito insano, ah! que pro-[cura
Pela estrada do Olimpo alcan-[tilado?
Não temes, despenhando-te dos [ares,
Qual Icaro feliz, dar nome aos [mares?

Lunardi, descrevendo os trabalhos que passou até embarcar em Aldeia Galega, conclui, assim, a narrativa da sua viagem:

«Embarquei finalmente ás quatro horas da manhã, e com uma feliz viagem; cheguei ás sete horas da mesma manhã ao Cais do Terreiro do Paço, onde achei grande numero de pessoas que me esperavam, e no meio de vivas de alegria me conduziram á minha habitação.

Estes sinais de verdadeiro contentamento, e o concurso continuo de pessoas ainda das ordens mais respeitáveis, provam assaz, os sentimentos que produziu a minha viagem aérea, que tanto é mais famosa, quanto mereceu os aplausos de uma nação ilustre, que pelo muito que se empenha em hontenha em si nada de extraordirar-me, tem adquirido incontrastáveis direitos ao meu reconhecimento e eterna gratidão.

Esta a narração fiel da minha viagem, e dos meus successos: e posto que ela não connário para os corações indiferentes, deve contudo interessar as almas sensíveis e compadecidas, que saberão estimar em seu justo valor as minhas fadigas e os meus sofrimentos. Para estas pois é que eu escrevo, na certeza de que, se não lhes merecer os seus louvores, conseguirei ao menos a sua compaixão, e o seu afecto, que é toda a minha ambição e o único objecto desta pequena descrição. — Vicente Lunardi».

Seduzido pelas ovações, que alguns poetas e rapazes lhe fizeram no Terreiro do Paço, cuidou o aeronauta que lhe seria permitido renovar a ascensão e auferir dai recursos com que voltar a Inglaterra onde tinha o seu emprego na Embaixada napolitana. Embalado pelas poesias de Bocage e Macedo, lhe sorria a esperança, quando na madrugada do dia 29 de Agosto, cinco dias depois da primeira subida, o acordaram para lhe noticiarem que o seu barracão da Praça do Comércio se derruia esfacelado pelos machados da quarenta carpinteiros, á ordem do corregedor.

Aqui tem o leitor, como coronal deste padrão de vergonha pátria, o oficio do intendente Manique ao corregedor que executou brutalmente a demolição da barraca em que Lunardi gastara os seus poucos recursos.

«Vm.ce logo mandará chamar o mestre carpinteiro Joaquim Pereira, que o foi da praça construida para a machina aereostatica de ordem do capitão Vicente Leonardi, para dar logo princípio a demoli-la e deitá-la abaixo, não lhe admittindo subterfugio algum a este fim, e devendo amanhan sesta feira dar princípio á demolição para o que lhe mandará embargar os carpinteiros de obra branca e de machado, que lhe forem necessários: igualmente mandará vm-ce. notificar o dito capitão Vicente Leonardi para este mesmo fim. Deus guarde a vm.ce, Lisboa 28 de Agosto de 1794. = Diogo Ignico de Pina Manique. — Snr. Luis Dias Pereira».

A estupidez tinha vencido.

Não sei se abriram subscrição ao pobre italiano para o livrarem de Portugal e das presas do Manique. O que sei é que os poucos, que o aplaudiram, apenas podiam dar-lhe... versos.

E, depois, a gente irrita-se quando os estrangeiros nos não enfileiram na vanguarda da civilização!...

Eis o quedizia o nosso Camilo em mil oitocentos e tal.

ASPIRINA

(Continuação da 1.ª página)

licílico é difícil de avaliar, pois entra como ingrediente principal na composição de uma centena de medicamentos diversos.

Em altas doses, a aspirina é perigosa

Até o Outono de 1958, um dos títulos de glória da aspirina era a sua relativa inocuidade. Muitos médicos iam mesmo ao ponto de considerá-la como unico medicamento de confiança, em muitos casos.

Ora, em Outubro ultimo, no céu calmo, soou um trovão: após diferentes pesquisas realizadas no «Central Mindlesex Hospital», em Londres, dois médicos britanicos acusaram a aspirina.

As suas experiências, levadas a efeito em 206 pacientes tendiam a demonstrar que o ácido acetilsalicílico pode provocar lesões do tubo digestivo, por vezes mesmo hemorragias. E mais ainda: a irritação da mucosa gástrica produzida pelo medicamento provocava, em certos indivíduos, ulcerações que desapareciam quando se interrompia a ingestão regular da aspirina.

Claro que certos jornais não deixaram de aproveitar o facto para fazer declarações sensacionais...

(Continua).

Leia

O PREGADOR

obra-prima de ERSKINE CALDWELL

publicada na colecção

CONTEMPORÂNEA

PORTUGALIA EDITORA

BRINCADEIRAS

DE MAU GOSTO

Por BLASCO FERNANDES

Uma observação cuidada dos diferentes tipos de distracção que caracterizam os diversos agrupamentos humanos poderá conduzir-nos a uma panoramica geral da sua mentalidade, da sua evolução, desde o seu início até á decadência, e da sua «moralidade». Se, por um lado, encontramos a diversão sã e edificante de quantos reconhecem a profundidade da vida,, não menos vezes deparase-nos a multiplicidade de divertimentos mórbidos, amalgamados numa confusão desconcertante dos que se perdem em monólogos derrotistas de que não conseguem, na maioria dos casos, libertar-se. Para estes, a vida resume-se no nada, resultante da sua impotência perante os problemas que se lhe surgem, ou de concepções abstractas, circunscritas á sua própria experiência individual e particular. Deste marasmo resulta a série de jogos e passatempos em que a unica finalidade é procurar o esquecimento desta vida misteriosa.

Há, no entanto, uma outra categoria de distracções que definem uma época, uma situação ou mesmo uma fase do desenvolvimento dos grupos respectivos, nos quais seria de todo o interesse enxertar um novo tecido que desse origem a uma moral mais digna.

Na verdade, no tempo em que os agrupamentos humanos venceram o sistema económico do comunitarismo primitivo e se organizaram numa nova ordem — a sociedade esclavagista e, posteriormente, a sociedade feudal, diz-nos a História que os detentores das alavancas de comando, senhores de escravos ou de servos, usavam, amiude, a guerra como distracção por excelência, capaz de desfazer a monotonia dos seus dias ociosos. Este jogo era precedido de uma troca de planos estratégicos entre os «altos comandos» das futuras partes beligerantes, apresentados com toda a minucia, para que não houvesse surpresas desagradáveis e imprevistas. Claro que o conhecimento dos referidos planos não passava dos «teóricos» militares, do tempo, que rendiam as suas homenagens ao senhor-da-terra ou suzerano. As armas da época na mão, os combates, sustentados com toda a energia, travavam-se entre a gente miuda, sujeita á generosidade dos suzeranos, que assistiam aos acontecimentos de pontos resguardados, de modo a não serem surpreendidos por qualquer projéctil perdido. Aí se plantavam, deleitados com o espectáculo viril que se desenrolava diante dos olhos. Se, por um ou outro motivo, tivesse de se introduzir alguma modificação no plano, préviamente elaborado, partiam estafetas á disparada, comunicando ao inimigo a alteração, imposta pela força das circunstancias. Nesses camarotes faziam-se projectos de novos e mais acesos combates, que eliminassem os erros e defeitos deste ultimo e dessem maior requinte ás suas inclinações bárbaras.

A «história» conta e o Mundo acredita... pelo menos por uma questão de comodidade ou porque não surgiu nenhuma oportunidade de pensar melhor no assunto.

Se, porém, recuarmos no tempo, aos Assírios, Persas e outros, verifica-se que todos eles se «distraíam» a guerrear com os vizinhos, sempre que instigados por imperativos de raízes mais fundas, para além de um mero prazer pessoal ou de grupo.

Rezam alguns historiadores que aquelas manifestações não são mais do que a expressão de uma dada característica rácica, de um determinado temperamento ou de um meio geográfico que os impele como uma força oculta, e á qual se tinha de prestar uma obediência servil. No entanto, esses mesmos entendidos no assunto nenhuma explicação apresentam sobre os Egípcios, que se estenderam a um vasto império, limitando-se a oferecer deste povo uma imagem pacífica, desde a sua constituição até á sua decadência, como civilização. A realidade era bem outra e á prosperidade sucedeu a miséria que os lançou fora das suas fronteiras, em busca de novas fontes.

Não há, pois, nestes acontecimentos, uma simples necessidade fisio-

(Continua na 6.ª página)

(Continuação da 1.ª página)

constantemente carros e deles saem raparigas ou rapazes sorridentes, e á entrada aglomeram-se as alunas, as famílias e um ou outro transeunte que passa e pára.

Nas faculdades o caso é mais sério. Outubro não é mês para graças... Há que pensar nos exames de segunda época e que, evidentemente, são decisivos. Embora já não esteja muito calor, não será de admirar que o suor corra abundantemente e que as tradicionais «dores de barriga» se prolonguem fatídicamente da passada época para este Outubro risonho, em que as folhas das árvores, com o seu verde ainda fresco e belo, falam mais ainda da liberdade e do ar livre da rua aos que dentro

—Vai-se rir... Vi ontem «O Tarzan do 5.º esquerdo». Ah! ah!...

—Gostou?

—Oh.. delirei! Obra mais do que prima! Priminha!... Eu, no ano passado, fazia a crítica de cinema no nosso jornal... afixado ali na vitrina. Fiz de «Os Dez Mandamentos». Colossal! Viu?... Aquela deslocação de multidões... e a musica! Fiz também outras...

—O que encontra ser principal no cinema?

—O argumento em primeiro lugar; depois a representação. Não deve ser teatral. Depois a planificação e a cor.

—Vejo que se interessa deveras... Gostaria de ser realizador, não?...

—Talvez...

—Não tem a certeza?... Não tem confiança em si?...

ANO NOVO—VIDA NOVA

das salas de exames as contemplam pelas vidraças e se atormentam. Felizmente que todos esperam uma recompensa... ainda que ela nem sempre se lembre de aparecer...

Ao passar por diversos liceus da capital, o repórter não resistiú, por vezes, á tentação de trocar algumas palavras com os jóvens estudantes.

Assim, conversando no Liceu Camões com um pequeno grupo de alunos do 5.º ano obteve algumas opiniões dignas de registo.

—Só tenciona dedicar-se ao estudo da matéria do 5.º?...

—Não penso noutra coisa durante todo o ano. Uma ou outra vez, talvez leia um romance, mas não demasiado... Tenho muito que estudar para não apanhar um «chumbo»...

Um companheiro ao lado faz um comentário:

—E' um fulano muito pacato.. acredite.

Dirigimos agora a palavra a este.

—E você?... Vai usar o mesmo sistema?

—Hoje, quando chegar a casa também vou dizer isso aos papás... Mas amanhã já estou arrependido e, com certeza, vou cair no cinema.

—Gosta de cinema?

—Que filmes viu ultimamente?

—Não chega dizer que gosto...

—Oh, tenho. Tenho confiança, muita! Mas nos exames foge-me sempre... Conhece algum remédio para isto?

—Não — respondo. — Creio que também sofro da mesma moléstia.

Um outro camarada ao lado tem um livro sob o sovaco:

—Kirst?...

—Sim. «A guerra». Já li «A caserna». Já leu?

—Já. Gosta então de ler?...

—Sim, também gosto de cinema. Mais de cinema.

—Que autores prefere?...

—Green, por exemplo. Li «Um americano tranquilo» e também vi em cinema...

—Só gosta de Green?

—Não. Eu leio o que me vem á mão. A's vezes também leio histórias de quadradinhos. Para variar. Sou eu que desenho as histórias de quadradinhos do nosso jornal...

—Isso também não deixa de ter a sua piada.

No Liceu Maria Amália proporcionou-se, do mesmo modo, um colóquio significativo com algumas simpáticas alunas

Duma maneira geral observa-se que as jóvens têm uma predilecção muito especial pelo cinema e pelos livros. O livro mais citado é «O monte dos vendavais».

Despertou a atenção uma pequena que trazia na mão um livro de André Gide.

—Perguntei:

—Qual o curso que pretende seguir?...

—Medicina.

—Uma futura médica.. Vai montar um consultório e depois aproveitarei para que me receite, gratuitamente, comprimidos para a gripe.

Ela ri.

—Não... Preferia dedicar-me a investigações.

—Por exemplo?

—A causa do cancro... e tantas outras doenças que estão ainda por conhecer...

—Mas para isso é necessário observar doentes..

—Mas não é preciso consultório. Os doentes podem ser observados sem pagar consultas . sem serem explorados..

—Já vejo que é altruista e que vai viver por amor á profissão. Ainda bem.

Num grupo á-parte, fala-se de ballet. A rapariguinha mais entusiasmada é uma loura duns quinze anos, com uma trança que lhe cai sobre o ombro. E esta trança vem tanto mais a propósito, pois uma das companheiras lhe afirma:

—Tu não podes continuar no «ballet» e com essa trança. Isso deve ser muito incómodo... e fica-te mal.

—Eu não acho — opina uma outra.

—Isso fica! Tenho a certeza de que ficavas muito melhor, se cortasses o cabelo «á Lucia Bosé».

Mas deixemos a trança da menina sobrepor-se á beleza e á estética do «ballet», e vejamos uma outra que nos fala de um livro que acabou de ler e que se chama «Histórias dos Mares do Sul» de Somerset Maugham.

—Diga-me se gostou do livro para comparar com a minha opinião. Já o li também.

Certamente que ela não nasceu em nenhuma ilha do Pacífico; mas não há duvida de que fala com tanto calor sobre essa região, como se se tratasse da sua própria pátria.

—Acho que o Somerset descreve admirávelmente os ambientes e tem um colorido, uma linguagem de entontecer. Parece cinema... parece mesmo verdade...

—E não notou que há nesse livro qualquer coisa que todos desejamos, não lhe parece que algumas das personagens acharam qualquer coisa que nos faz falta?

—Sim.., sim... Estou a lembrar-me da maneira como ele descreve um pôr-de-sol na frente de um homem... Eu

(Continua na 7.ª página)

GANHE 100 ESCUDOS COM UM SORRISO NOS LÁBIOS

O prato desta semana foi óptimamente cozinhado e óptimamente servido. Podemos queixar-nos do preço. Na verdade por cem escudos já se pode comprar um peru. Mas isso é outra coisa. O senhor Vitor Augusto Serras Pereira (Av. Luisa Todi, Setubal) é que não tem nada que ver com o caso. Ele não quer «cair como um patinho»; não perdoa a centenária.

Diz o vencedor desta semana:

PATINHO é o maior paradoxo que se conhece: em vez de ser pequeno é um grande pato; além disso, sendo ave, só se sente bem depenado; tendo asas, está sempre a cair; possuindo, por direito próprio, duas patas, anda sempre com a mala... pata; finalmente, só o é depois de ser.

Exacto! Podia até arranjar uma nova adivinha muito folclórica:

QUAL E' A COISA QUAL E' ELA QUE DEPOIS DE SER JÁ O E'?

O sr. Vitor Nunes da Silva (Lisboa-5) é de opinião que

Patinho é um género de ave muito apreciado pelas «gansas», por cair sempre como o dito.

Suponho que o nosso prezado leitor não viu bem as coisas. Os patinhos não são apreciados apenas pelas «gansas»; os «gansos» gostam deles que se pelam.

O mesmo concorrente garante que o

Patinho cora sem ir ao lume.

Conforme. Na maioria dos casos, nem tem tempo para isso. Por isso se diz:

Olha que tu cais que nem um patinho, «não foi»?

O sr. E. Lass (Coimbra), considera que

Patinho é o mais próximo parente do frango.

Parente, sim; mas são bastante diferentes. Basta que frangos, dão-se e patinhos não

Mais certas são estas lapidares afirmações:

Patinho é uma ave que é gosada e... guisada. E também o animal a quem «dão o arroz» para a... cabidela.

E é ainda o bicho das pata... coadas. E das pata... ratas.

O sr. Manuel Mota foi muito franco connosco. Diz que se fartou de dar voltas «ao miolinho da minha pobre «tete». Naturalmente ficou tete.., não caias. No fim, porém, lá nos arranjou uma data de belas definições:

Patinho é um animal racional que, só depois de depenado, reconhece que o é.

Não estou de acordo, claro. O patinho nunca reconhece que o é, pois, de outra forma, passava a passarão.

Alguns — afirma o mesmo leitor — usam barrete. Quando assim é, um simples vigésimo viciado chega para o depenar.

Outros há de cartola e de «espada». Para estes a depilação é ainda mais fácil: uma «trufa» do aquário dos Estoris é quanto basta para os depenar até á ultima... sem pena.

Com isto, o sr. Manuel Mota queria depenar-me uma centenária. Como vê o meu caro amigo é que veio buscar penas e ficou depenado. Foi... canja, não acha? E de pato.

O sr. Jorge Teixeira (Lisboa-4) esclarece que

Patinho é uma ave aquática que, apesar de ter asas, prefere nadar geralmente em seco. Acaba, em regra, nadando em molho de manteiga, com arroz, ou, não menos substancialmente, em fitas de Walt Disney.

Um leitor que se identifica como Jauro Dámero?) manda-nos um longo tratado que termina da seguinte forma verdadeiramente genial:

Este tratado sobre o patinho é um trabalho de antecipação e como tal deve ser relido.

E o que vou fazer e para a semana darei opinião.

Entretanto, para a semana fica a palavra.

Galinha

Respostas até ao dia 16 de Outubro, para Magazine, R. Luz Soriano, 41 a 48.

Filha de uma mulher que morreu no cadafalso acabou por se sentar no trono da mãe

Maria Stuart quis fazer recuar a História; foi, porém, vencida na luta de morte que travou com Isabel

O primeiro Roberto era casado

VIMOS no numero anterior que em 15 de Janeiro de 1559 Isabel I é coroada rainha de Inglaterra, extraordinário acontecimento que vem, de subito, pôr termo á sua juventude infeliz e sobressaltada por perigos de morte. Também vimos que, dez dias mais tarde, em 25 de Janeiro, o Parlamento pede-lhe respeitosamente que se case, de forma a garantir a sucessão do trono.

A resposta da jovem soberana começou por arrepiar a coluna vertebral dos honestos parlamentares: num estilo solene como um dobrar de carrilhões e aliviado com braçados de inflorescências gongóricas, Isabel confessa-lhes o mais ardente propósito da sua primeira juventude: ficar virgem. Os parlamentares entrecruzam olhares cheios de interrogações; os mais versados em mitologia apelam em sonhos para um daqueles galãs do Olimpo que se entretinham a fertilizar recolhidas vestais com casalinhos de Rómulos e Remos; entretanto a ruiva soberana vinha ressarci-los do susto: se prouvesse a Deus afeiçoar-lhe um esposo a seu gosto, ela sabia bem dos seus deveres e dispôr-se-ia a afrontar o sacrifício matrimonial... Ouviu-se por toda a sala um esvasiar de fole — o que bem denunciava a simultaneidade dos suspiros que se libertaram da ansiosa massa de parlamentares. Tinham rainha e mulher para enfrentar as difíceis conjunturas da época; não tardaria que o trono inglês somasse um bom par de herdeiros.

Isabel I veio a morrer em 1603, quarenta e quatro anos depois de subir ao poder: durante este longo prazo de tempo, a estranha comédia repetir-se-á: periódicamente o Parlamento rogar-lhe-á que se case; outras tantas vezes Isabel iludirá a questão e só deixará de o fazer quando, velha demais, a utilidade do seu matrimónio se perdeu.

Deve dizer-se que a soberana não deixou de fazer aturadas diligências para seleccionar um esposo dentre o sortido de pretendentes que se lhe ofereceram. O primeiro foi Filipe de Espanha, viuvo de Maria Tudor, irmã de Isabel, como sabemos; o reizinho de França, Carlos IX, também esteve na «bicha» e quando casou, seu irmão, o duque de Anju, até aí suplente á mão da rainha inglesa, passou a efectivo. Este duque de Anju levou tão a sério o seu papel que se deslocou a Londres para tornar o namoro mais instante. Nessa altura Isabel era já mulher madura, recebeu o cachopinho com mostras de favor e, conforme era seu hábito, pôs-lhe uma alcunha. Chamava-lhe «sua rã», prenuncio de que não admitia que ele um dia viesse cantar de galo nos espaldares do trono inglês.

Porque razão não se casou Isabel? — eis a pergunta milhares e milhares de vezes formulada por historiadores, fraldiqueiros da História, dramaturgos, romancistas, psicólogos, psiquiatras e simples paisanos. Em vida da soberana decerto que muita gente a teria igualmente feito. E resposta certa?

Até hoje ninguém a encontrou, nem porventura a encontrará alguma vez. Anomalia fisiológica? Obstáculo físico que considerasse intransponível? Inibição nervosa, consequência das brutais brincadeiras com Tomás Seymour e dos choques nervosos que sofreu no decorrer da sua dramática juventude?

Uma unica circunstancia se pode garantir: a rainha amava os homens e vários foram os que tiveram a honra de ser distinguidos por ela. Durante anos seguidos manifestou inequívoca paixão por Roberto Dudley, conde de Leicester. Possuiam a mesma idade e haviam-se conhecido muito jovens. Roberto era o tipo do grande senhor da Renascença: espadachim consumado, de boas letras, instruído, protegendo as artes (ele próprio tinha um grupo teatral). Era de rara beleza. Na sua presença, diante de toda a corte o coração de Isabel rendia-se: serões inteiros bailava com ele aquelas danças italianas que tanto eram de seu gosto; depois dava-lhe o braço e assim se abismavam nas sombras do parque. Só um obstáculo havia ao seu casamento com Roberto: ele era casado. Um dia chega á corte uma estranha notícia: lady Dudley fora encontrada morta na escadaria do seu castelo. As más línguas badalaram insinuações. A verdade sobre a morte da mulher de Roberto nunca se soube. De qualquer maneira, a rainha manteve as suas galantes relações com lord Duddley, mas não o desposou, embora, vida fora, o tratasse com particular favor e real estima.

O segundo Roberto tinha menos 33 anos do que ela

Tal favor não cessou nem mesmo no dia em que Isabel se apaixonou irresistívelmente pelo jovem conde de Essex, também Roberto, de nome. A rainha atingira os 53 anos e o mancebo ainda não assomara aos 20. Possuia as mesmas virtudes do anterior valido: instruído, distinto, de bravura fulgurante. Para a soberana, tratava-se duma segunda edição de lord Dudley, mas vinte anos mais nova.

Entretinham-se com longas conversas, davam grandes passeios a cavalo ou a pé pelos bosques e parques; á noite reincidiam nas conversas e risos; depois deliciavam-se horas a fio tocando musica, ao ponto de toda a corte se ir deitar e ficarem apenas os dois. Até de madrugada jogavam ás cartas ou outro qualquer jogo. As más línguas criaram o seguinte aforismo:

Milord só regressa a casa quando as aves matutinas recomeçam a cantar.

A rainha amava, na verdade, este mocinho como nunca amou homem algum; mas por isso a sua paixão era repuxada por dois impulsos opostos: por um lado comprazia-se em submeter-se em «sentir-se fraca» junto do jovem Essex; por outro, seu finíssimo faro polícia punha-a alerta contra o perigo que tal rendição representava para o trono. A estas contradições juntava-se a irritação que ambos sentiam ante a impossibilidade de amores normais entre uma mulher já velha e um moço no verdor da idade. Surgiam as querelas, o mau-estar.

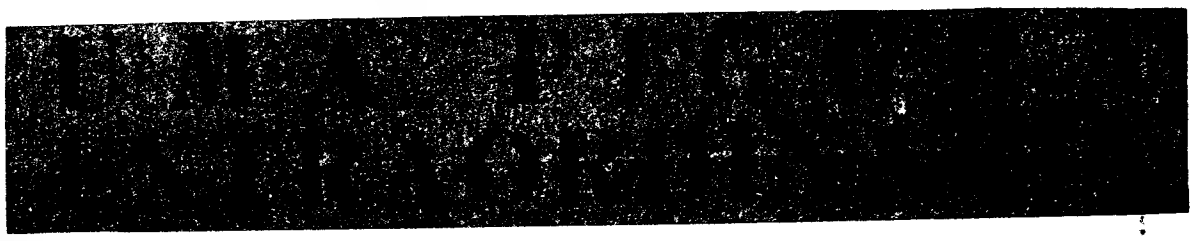
O casamento de Roberto Essex constituiu uma falta imperdoável para a rainha; mas não seria a ultima decepção que dele receberia: por razões para nós ainda bastante confusas, Roberto entra numa conspiração contra o trono. O secretário de Estado Cecil, que o perseguia com um ódio feroz, não deixou escapar a ocasião e conseguiu arrastar a soberana ás decisões capitais. Preso com os seus cumplices, julgado em 19 de Fevereiro de 1601, Essex sobe ao cadafalso no dia 25 do mesmo mês. «Com sua alta estatura e estonteante beleza; de cabeça descoberta, com seus cabelos louros derramados sobre os ombros, face ao mundo, de pé, pela ultima vez», antes que o carrasco descarregasse o fatal machado, ele gritou:

— Deus salve a rainha!

Aparentemente nada mudou, na corte. Isabel I era sempre esta velha senhora vestida de trajos fantásticos e brocados borrifados de pérolas, decotada até á indecência, com seu carão pálido coroado de cabelos pintados de ruivo, com seu nariz cortante, olhos de expressão acerada e dentes amarelos. Trabalhava, dançava, assistia ás comédias de Shakespeare ou de Marlowe, semeava aqui e ali a sua graça rude tão parecida com a de seu pai, Henrique VIII. Mas tratava-se de aparência, apenas. Na realidade passava horas seguidas, sózinha, a repetir, sem descanso, o nome de Essex. Seu feitio tornava-se cada vez mais avinagrado e caprichoso. Mal comia.

Por fim, as forças trairam-na. Indiferente ás suplicas, recusou deitar-se e deixou-se cair em cima dum coxim. Ai permaneceu quatro dias e quatro noites, sem falar nem coisíssima nenhuma, até que, finalmente, a demoveram a levá-la para a cama. Aí morreu na fria madrugada de 24 de Março de 1603, aquela a quem a Inglaterra deveu o século mais prodigioso da sua História e que, justamente, mereceu o título de «era isabelina».

Isabel I—uma das mais maiores figuras reinantes que a História conhece



Campismo

Por FERNANDO DE ALMEIDA

QUANDO da nossa ultima conversa em que te evocava os primeiros passos do campismo português, interrompi o diálogo precisamente na altura em que tu, amigo, me perguntavas:

— *Mas esse primeiro congresso de campismo resultou de facto?*

PARA te falar com a maior franqueza, o tal congresso organizado pelo jornal «Os Sports» (Belas, Setembro de 1940) serviu apenas para os campistas de então se conhecerem. Reuniu 216 pessoas, na maioria de Lisboa, e entre essas havia os que praticavam com regularidade o campismo, e os que gostavam muito de falar (e só falar) sôbre essa magnifica actividade — mas não a praticavam...

Estes, foram os oradores. Estes, foram os homens das várias comissões. Estes, eram os menos indicados para lançar em grande escala o campismo.

No entanto, foram eles que puseram a bola de neve em movimento...

Em 1941 constituia-se o Clube Nacional de Campismo, onde se reuniram três centenas de praticantes activos. A bola de neve foi crescendo.

Através de exposições de propaganda, de palestras, de artigos espalhados em muitos jornais e de vários acampamentos colectivos, levou-se o conhecimento do campismo a muita gente, que se aglutinava em novos agrupamentos espalhados por todo o País.

Houve que transformar a organica, passando a existir a Associação de Campismo de Lisboa, a do Porto, etc. Em 1944 efectuava-se o 1.º Acampamento Popular, em Rio de Mouro, onde se pôde avaliar bem a larga expansão que o movimento representava.

— *Como receberam os poderes publicos essa nova actividade?*

O campismo foi recebido com certas hesitações, precisamente por ser uma novidade... Mas acabou por integrar-se na Direcção-Geral de Desportos — como, aliás, sucede noutros países.

Essa oficialização originou, como era natural, a esperança na obtenção de facilidades que permitissem a prática do campismo em condições ideais, pedindo-se ás entidades competentes a criação de parques.

INICIOU-SE, portanto, há 19 anos (!!!) a *batalha* dos Parques de Campismo.

É curioso recordar-te, amigo, que já em 1940 o Congresso de Belas proclamava na sua 10.ª conclusão:

«O I Congresso Português de Campismo Desportivo entende que a construção de «parques de campismo» no nosso País contribui bastante para a resolução do problema dos locais de acampamento e até para a divulgação e expansão do campismo, constituindo simultaneamente factores importantes do desenvolvimento turístico do País. E tendo conhecimento de que o Secretariado de Propaganda Nacional se propõe construir «parques de campismo» no nosso País, assegura desde já, áquele organismo oficial

Pequenas distracções dos grandes homens

Charles Sturm, que foi um grande matemático do século passado, caminhava certo dia pela rua fora muito absorvido pelos seus problemas quando se lhe deparou pela frente um disco preto a tentar o pedaço de giz que sempre trazia no bolso. Tratava-se do tempo de um barril de água. Sturm nao resiste e começa a enchê-lo de complicadas operações, apagando-as de vez em quando com a ponta da sobrecasaca. O carregador bem volta va o barril a encher os seus baldes; isso, porém, não impedia Sturm de continuar os seus cálculos perante o espanto dos circunstantes.

Mas se o nosso bom aguadeiro e os seus amigos se admiraram, mais admirada iria ficar certa dama carregada de luto quando um dia foi visitar o sábio na sua residência. No decorrer da visita Sturm mostrou-se visivelmente preocupado fixando com muita insistência a saia negra da visitante. De repente a dama viu, com grande surpresa, a mão de Sturm estender-se e o mesmo giz riscar o seu vestido negro como no tampo do barril.

Era um problema que Sturm procurava resolver.

* * *

Sir Isaac Newton, a quem a astronomia e a física moderna devem tanto, lia um dia «Proibus et Cressida» a uma jovem. A certa altura, fechou o livro para carregar e acender o seu cachimbo. Tirou algumas bafuradas de fumo, hesitou alguns segundos, levou o cachimbo de novo á boca e chegou-se mais á jovem. Houve uma pausa embaraçosa.

Evidentemente que o sábio ia fazer a sua declaração.

A jovem baixou os olhos envergonhada. O filósofo pôs-se a fumar e procurou a pequena e delicada mão da jovem, muito emocionado. Esta estava cada vez mais embaraçada. Chegara o momento solene...

Sir Isaac aperta essa mãozinha cada vez mais, procura entre os dedos da sua jovem enamorada o dedo indicador, puxa-o suavemente e vai metê-lo no cachimbo. A pequena solta um grito de dor e foge.

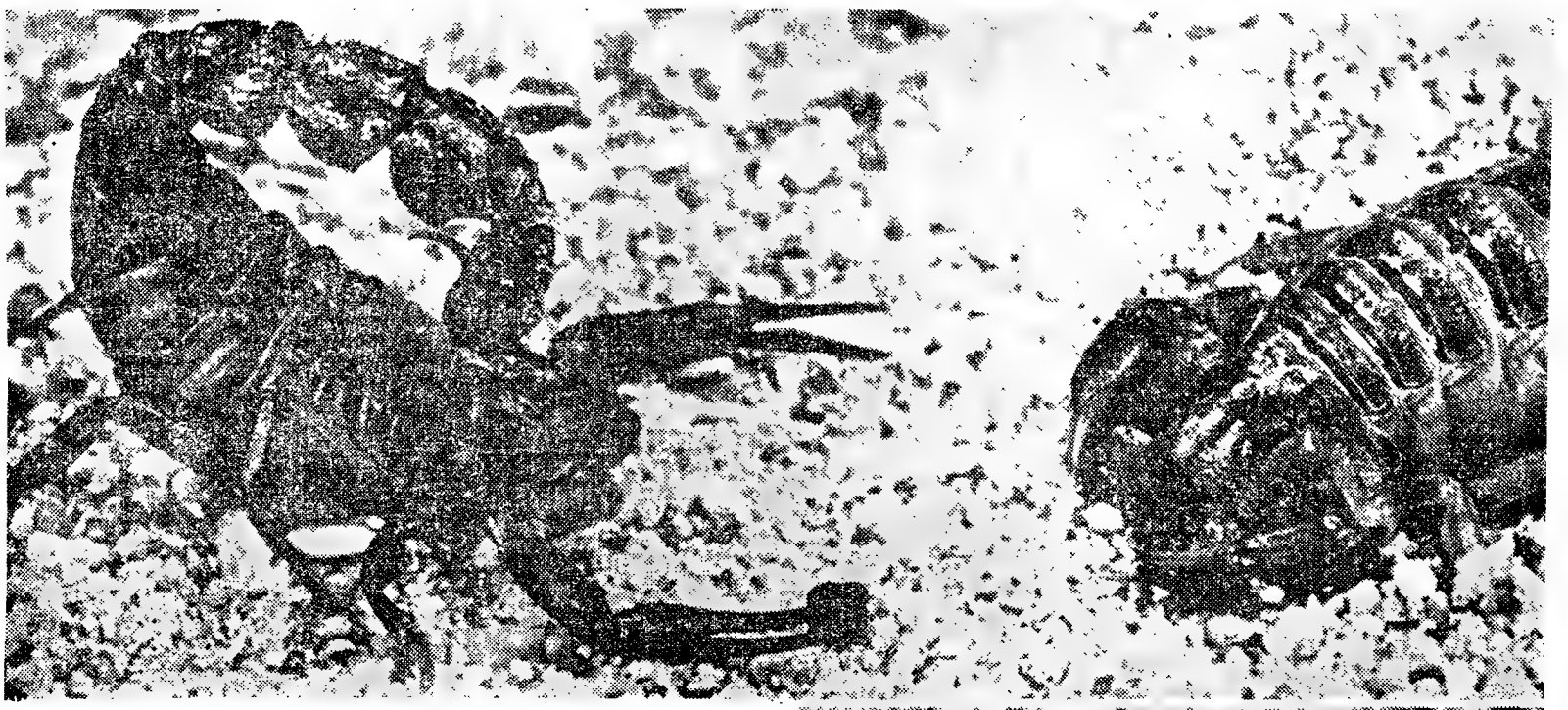
Que se passara? Simplesmente isto: na sua distração o filósofo dez do delicado dedo da sua amada o esgravatador do seu cachimbo.

Mas é mais que certo que a pequena não guardou rancor a Newton, pois mais tarde ela seria sua mulher.

o aplauso, o apoio e a colaboração dos campistas desportivos portugueses».

O Secretariado de Propaganda Nacional — hoje S. N. I. — nunca chegou a concretizar esse ambicioso plano que, afinal, não carecia de verbas elevadas. Só agora, o assunto parece merecer um especial cuidado, auscultando-se o parecer de Camaras Municipais e prometendo-se um auxílio para fomentar a ampla rede de parques tão necessária aos campistas portugueses e estrangeiros.

FABRICAMOS
Avenida Almirante Reis, 50-A



FOI ELE O PRIMEIRO HABITANTE DA TERRA?

AS DIETAS E A FACILIDADE ALIMENTAR DE UM POVO

Como é do conhecimento dos nossos leitores, os poetas, os romancistas, os pintores, os musicos, os industriais, os comerciantes e funcionários publicos e privados há milhares de anos que se quexam da mulher.

Dizem os Franceses:

Souvent la femme varie
Bien fol est qui s'y fie

E os Italianos:

La donna é mobile
qual piuma al vento
muta d'accento
e di pensiero

SÓBRIO, do ponto de vista fisiológico, em tantos aspectos, como vimos, exemplo de virtudes, neste aspecto, com que o «lacrau humano» muito terá que aprender — o escorpião possui um contraste desconcertante: é guloso como um frade medieval. Pode fazer-se uma ideia do sesto do bicho lembrando que é capaz de ingerir quantidades de comida iguais, em volume, ao seu abdomem... Não lhe é dificil pratos abundantes e variados — aranhas, baratas, gafanhotos e... lacraus. Veja-se a extraordinária cena fotografada por uma cientista oportuno. Em primeiro lugar, um escorpião negro abeira-se dum escorpião amarelo (ou gladiador) que parece dormir a sono solto depois duma ramboiada nocturna. Na foto seguinte vemos o recem-vindo fazer, com uma das pinças, uma apalpação de mau agoiro no lombo do adversário. A ultima foto põe-nos em frente dum resultado inesperado: o gladiador, que fingia dormir, dobra-se numa cabriola subita e de alta ginástica e crava o aguilhão no flanco, sem defesa, do atacante. R. I. P.: o lacrau amarelo vai ter uma óptima refeição.

O veneno do lacrau é tão eficiente que os seus próprios produtores, apesar de duzentas vezes mais resistentes do que uma cobaia, não conseguem resistir-lhe. Nos lacraus humanos sucede o mesmo: também eles sucumbem ás teias de intrigas com que se rodeiam. Hamlet morreu com o veneno da sua indecisão, por exemplo. De resto está provado qeu o homem e o lacrau são os mais venenosos dos seres, á superfície da Terra. Um outro sucesso o demonstra: o amor.

Os lacrauzinhos-bebes pertencem assim á classe dos que antes de ser já o eram: *ainda não passavam de hipóteses e já eram orfãos. Nunca eles conhecerão afagos ou a voz da experiência paterna, a não ser através das tais reservas nutritivas que a mamã ingurgitou e que lhes transmite a eles, quando eles não são mais do que ovos no seio materno.*

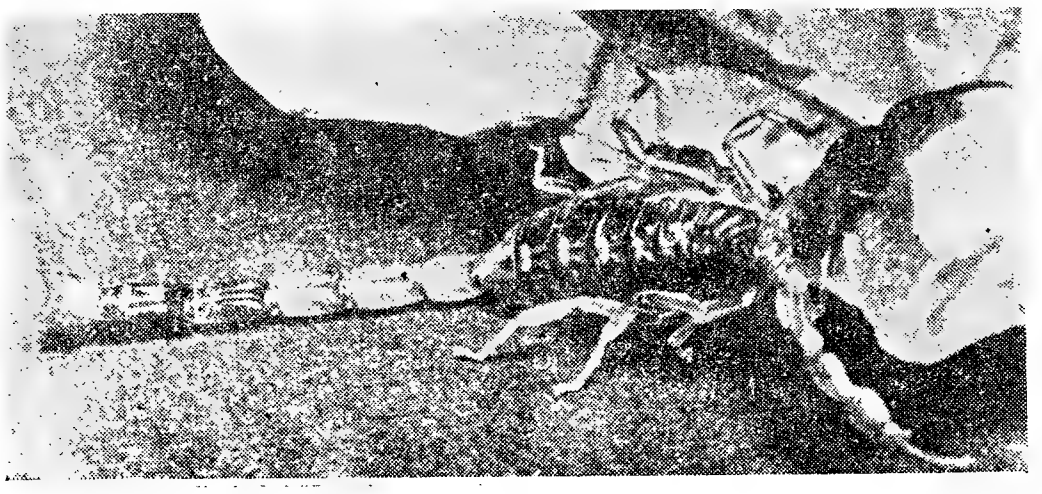
O sistema de educação dos lacraus começa pois, no oro. Também aqui o escorpião é mais radical que o homem: leram, com efeito, até ás ultimas consequências o principio pedagógico segundo o qual de pequenino é que se torce o pepino.

Ao desapartarem o oro, os lacrauzinhos são uns bichinhos tranparentes, insignificantes que logo trepam ao tejadilho materno e aí se aconchegam uns aos outros. Tal como os seres humanos, os bebes-lacraus também andam ao colo, isto é as costas da mãe, tal como os pretinhos, por exemplo. Com uma diferença, todavia, e, esta, desfavorável ao homem: o sistema escorpionico é mais perfeito: é um sistema colectivo de transportes filiais.

O tejadilho materno serve também de creche — forma inteligentíssima de os lacraus se subtraírem á desregrada ambição dos senhorios e ás rendas altissimas que pedem por qualquer par de casas assoalhadas.

Durante sete mudas de pele os meninos viverão as costas da mãe e serão alimentados por ela, não com leite mas com restos da ceia engendrada pela activa dona de casa.

Que extraordinária história a destes bichos — um dos mais antigos habitantes da Terra!...



PEQUENA ANTOLOGIA DO FANTASTICO E DA FICÇÃO CIENTÍFICA

Fredric Brown é, indubitávelmente, o grande humorista da ficção científica americana. Os leitores portugueses já conhecem esse humorismo, por vezes violento e sempre inesperado, através das traduções de «What mad universe» («Universo em loucura») e «Martians, go home» («Os marcianos divertem-se»). A sua especialidade é a «short short story», o pequeno conto de uma ou duas páginas que concentra em poucas linhas, uma ideia humorística de choque. O conto que se segue é absolutamente característico desse seu estilo e da sua forma tão pessoal de narrar.

A EXPEDIÇÃO

por Fredric Brown

— A primeira expedição marciana — disse o professor de história — aquela que se seguiu á exploração preliminar por astronaves de reconhecimento com um só homem a bordo, e que tinha por fim estabelecer uma colónia permanente no planeta, criou um grande numero de problemas. Um dos mais embaraçantes era: de quantos homens e quantas mulheres se devia compor a equipagem de trinta pessoas que partiria para Marte?

«Três teorias se apresentaram a esse respeito.

«Segundo a primeira, a astronave devia levar quinze homens e quinze mulheres, donde, sem duvida alguma, a maior parte encontraria reciprocamente um companheiro ou companheira e, assim, a colónia tomaria um rápido desenvolvimento.

«Conforme a segunda, devia haver vinte e cinco homens e cinco mulheres (todos dispostos a assinar uma renuncia a qualquer veleidade de monogamia) pela razão de que cinco mulheres poderiam fácilmente ser suficientes para vinte e cinco homens e que vinte e cinco homens seriam muitíssimo satisfatórios para cinco mulheres.

«Finalmente, os defensores da terceira teoria declaravam que a expedição se devia compor de trinta homens porque, nessas condições, os homens se concentrariam mais eficazmente no trabalho que os esperava. E acrescentavam que, visto que uma segunda nave interplanetária seguiria um ano depois e que poderia conter principalmente mulheres, não seria cruel demais fazer os homens suportar o celibato durante esse intervalo. Além de mais, já estavam habituados; as duas Escolas de Cadetes do Espaço, uma para homens e outra para mulheres, não admitiam qualquer infracção á separação de sexos.

«O director das Expedições Interplanetárias resolveu a questão mediante um expediente simples. Decidiu... Que é, menina Ambrósia?

Uma rapariga, no meio da aula, acabara de levantar a mão.

— Senhor professor, essa expedição era a que foi comandada pelo capitão Maxon? Aquele a quem chamaram Maxon o Campeão? Pode-nos dizer donde lhe veio esse cognome?

— Já lá vamos, menina Ambrósia. Nas classes inferiores contaram-lhe a história da expedição, mas não «toda» a história. Agora já é suficientemente crescida para a conhecer.

«O director das Expedições Interplanetárias resolveu a questão, cortou o nó górdio, anunciando que os membros da expedição seriam escolhidos á sorte, sem consideração de sexo, entre os alunos das classes finalistas das duas academias do Espaço. Não havia duvidas que era pessoalmente a favor de vinte e cinco homens e cinco mulheres, pois a escola masculina contava aproximadamente quinhentos alunos finalistas e a feminina apenas cem. Pela lei das probabilidades, a proporção de escolhidos deveria ser de cinco homens para uma mulher.

«Apenas acontece que a lei das probabilidades não é aplicável a pequenos casos particulares. E aconteceu que na lotaria que nos interessa, vinte e nove mulheres tiraram um bom numero, contra «um unico» homem.

«Toda a gente, excepto as felizes escolhidas, bem entendido, protestou veementemente, mas o director conservou-se inabalável; a tiragem á sorte fora honesta e ele recusou modificar fosse o que fosse na lista estabelecida. A sua unica concessão destinada a aplacar os rancores masculinos foi designar Maxon, o unico homem, como comandante. A astronave partiu e a viagem foi excelente.

«E quando a segunda expedição desembarcou em Marte, encontrou a população duplicada. Exactamente duplicada: cada mulher membro da primeira expedição tinha tido um filho e uma delas tivera gémeos, o que fazia um total de trinta crianças.

«Sim, menina Ambrósia, vejo a sua mão pronta a levantar-se, mas deixe-me terminar. Não, não há nada de sensacional no que lhe disse até aqui. É claro que muita gente pode achar que a coisa não foi muito moral, mas não há grande dificuldade para um homem, se lhe dão tempo, em ter filhos de vinte e nove mulheres.

«O cognome do capitão Maxon vem do facto de que os trabalhos de construção da segunda astronave foram muito mais rápidos do que se previra e a segunda expedição chegou não um ano, mas apenas nove meses e dois dias mais tarde.

«Dará esta explicação resposta á sua pergunta, menina Ambrósia?

UM HEROI DO NOSSO TÉMPO

Não julgue o leitor que se trata do celebérrimo romance de Miguel Lermontov — heroi a que um crítico francês chamou o James Dean de há cem anos.

Os nossos leitores que vejam se são capazes de descobrir quem seja.

Eis os elementos para se pronunciarem:

1 — Não se penteia, mas tem cabelo (e muito).

2 — Não se lava, mas tem corpo e água (e muita).

3 — Não estuda, mas anda a estudar.

4 — Diz asneiras, mas sabe dizer outras coisas.

5 — Finge que é fera, mas tem medo dum rato.

Qual é coisa qual é ele?

(Ver no próximo numero)

SOPA PROVENÇAL

1 quilo de tomates, cortados em pedaços, cebolas, alhos e salsa.

Cozer tudo em fogo brando durante 1 hora, deitando o azeite, sal, pimenta, açafrão.

Passar pelo passa-puré. Ligar o puré obtido com uma colher de sopa de farinha de arroz ou de maizena se não tiver aquela. Juntar água quente até obter a consistência que preferir e levar ao lume ainda por meia hora. No momento de servir, deitar algumas gemas de ovos e deixar cozer.

Servir com quadrados de pão frito e ligeiramente esfregado com alho.

CORQUETES DE BATATA

Para 4 pessoas.

Cozer, em água e sal, um quilo de batatas com casca. Quinze minutos depois da cozedura reduzi-las a puré. A' parte, picar 200 gramas de cebolas e cozê-las em manteiga sem deixar alourar. Juntar ao puré, ao mesmo tempo que três colheres de salsa picada. Dividir a preparação em pequenos croquetes iguais. Passá-los por farinha e fritar em óleo bem quente. Escorrer, logo que estejam bem dourados.

Servem para acompanhar carne assada.

CARNE ASSADA COM MOLHO DA BAIRRADA

Preparar um bom pedaço de carne da seguinte maneira: com a faca abrir na carne uns golpes que encherá com tiras de toucinho alto. A' parte reduzir a massa homogénea 60 gramas de toucinho, 60 de banha e três dentes de alho, colorau e sal. Barras bem a carne, por todos os lados, com esta massa. Regar com um decilitro de bom vinho branco. De vez em quando regar com o molho, de forma a não deixar secar.

Brincadeiras de mau gosto

(Continuação da 3.ª página)

lógica. Estas diversões ultrapassam o ambito da biologia. Se os Egípcios, considerados um povo pacífico, se expandiram no glorioso império a que deram o seu nome, se os Assírios foram essencialmente um povo guerreiro, se os Germanicos «manifestam» uma veia bélica que, de tempos a tempos, exige uma expansão, escudada pelos diferentes rótulos, desde a superioridade rácica até ao «espaço vital»,, os motivos residem, por um lado, nas limitações da exploração da natureza, e, por outro, numa das manifestações típicas do sistema em que se enquadram, baseada numa falsa concepção do homem.

O tipo de «brincadeiras» que encontrámos na Antiguidade penetra-se pela Idade Média e pelas idades moderna e contemporanea.

Assim, hoje em dia acham-se, do mesmo modo, grupos que aparentemente se distinguem pelo seu desejo de se implicarem com os outros. Nada há a fazer, dizem os oradores conceituados, porque está-lhes na massa do sangue. Contrariá-los seria retirar-lhes a satisfação dessa necessidade inata, desse prazer sádico. Uma análise consciente aponta-nos razões mais objectivas que explicam a existência dessas hecatombes que tantos prejuizos têm causado á Humanidade e que estão na base daqueles «divertimentos», normalmente apresentados no «écran» com o acompanhamento de musicas excitantes a preencherem as horas de inactividade, parques de diversão em que as fardas são os reis da festa, bailes em que os participantes se podem distrair «á parva»... até que uma bala certeira os atire ao charco num uivo de dor sufocado pela lama dos pantanos.

De facto, no século XIX, por exemplo, a Inglaterra travou com os Chineses a chamada «Guerra do Opio», como mero pretexto de entrar naquele território e armar as suas tendas de comércio mais rendoso.

Em 1914-18 eno período, ainda recente, de 1939-45, os grandes países europeus rivalizavam-se pela conquista do chamado «espaço vital», decorrente da saturação não só dos seus recursos, distribuidos do modo irracional, como do seu mercado de consumo. Criavam, deste modo, uma situação grave e séria, cujo rastilho, ao menor pretexto, se poderia incendiar. Foi o que aconteceu, como se sabe, em ambos os períodos históricos apontados.

Depreende-se, pois, do que acabámos de dizer, que as causas por vezes citadas como sendo a origem desses choques entre os homens são erradas e só servem para encobrir a realidade dos factos a que nos referimos.

Uma explosão que liquidou um império

Durante a primeira metade do século XVI os espanhóis construiram no continente americano um imenso império, que viriam a perder totalmente três séculos depois.

Têm sempre os seus lados sombrios as histórias das construções de impérios, e esta não fugiu á regra. Os conquistadores espanhóis, aventureiros sem sombra de escrupulos em busca de um legendário «El Dorado», agiram no novo continente com uma crueldade bem notável. Dois capitães, principalmente, Hernando Cortés e Francisco Pizarro, que tomaram de sua conta as florescentes civilizações Maya, Azteca e Inca, as duas primeiras instaladas nos planaltos do México e a ultima no Peru, notabilizaram-se por uma ilimitada crueldade. A tal ponto, que os próprios reis de Espanha se viram forçados a pôr fim á razia organizada pelos conquistadores, substituindo-os nos seus postos por governadores reais e promulgando leis em defesa dos indígenas. Mas as sementes de violência dão sempre maus frutos, e a revolta latente dos povos subjugados, depois de ter esperado quase três centenas de anos pelo momento mais favorável, acabou por explodir e levar de vencida os ocupantes.

Novas ideias procedentes da Europa tinham, entretanto, penetrado no império colonial espanhol. A revolução francesa, as Declarações dos Direitos do Homem e a Independência dos Estados Unidos agiram como importantíssimos estimulos, mas foram os invasores napoleónicos a causa imediata da independência sul-americana.

Com efeito, quando Carlos IV, e depois Fernando VII foram forçados a abdicar, para que José Bonaparte se tornasse rei da Espanha e das Indias, umas das numerosas juntas patrióticas nascidas do movimento insurreccional contra a ingência francesa, a de Sevilha, pediu á América latina o reconhecimento de Fernando VII e demais contribuições para a causa espanhola.

Fernando VII foi formalmente proclamado rei no México, Caracas, Bogotá, Chuquisaca e Buenos Aires; por toda a parte se formaram juntas revolucionárias que proclamavam a sua fidelidade ao rei de Espanha e, ao mesmo tempo, depunham os vice-reis que os governavam sob pretexto de governar directamente em nome do seu senhor.

E o incendio não tarda em deflagrar. Um cura, Miguel Hidalgo, dá o sinal, sublevando índios e mestiços do México, em 1810. Apesar do fracasso, pois Hidalgo foi preso e fusilado, o exemplo é amplamente seguido. Dois grandes capitães, Simon Bolivar e José de San Martin, conseguem organizar exércitos libertadores e derrotar os experientes guerreiros espanhóis. Argentina, México, Columbia, Venezuela, Uruguai, Chile, Peru, Bolívia, todo o continente sul-americano se liberta, por fim, do jugo espanhol.

Sòmente em Cuba, dada a sua situação insular, os espanhóis conseguiram manter-se teimosamente. Mas a conservação da ilha a todo o custo deixara de ser para os espanhóis um problema de posse material para tomar um aspecto de detenção jurídico-simbólica. Renunciar a Cuba não seria já perder esta ou aquela parcela do império, mas o império como tal. Foi em defesa da ficção de um império que os espanhóis lutaram tão encarniçadamente e se sujeitaram a aceitar a guerra com uma grande potência.

E' sabido que os heróis da emancipação sul-americana tinham contado, desde sempre, com o mais caloroso apoio da América do Norte. A célebre declaração de Monroe afirmava, de maneira inequívoca, essa solidariedade inter-americana. Ora, no ano de 1898, quando a luta entre cubanos e espanhóis estava mais acesa, já os Estados Unidos se haviam tornado uma grande potência industrial em busca de expansão económica para além das suas fronteiras. Alguns espíritos mais acerbamente críticos acrescentavam mesmo á célebre fórmula

Por ALFREDO BRÁS

de Monroe — «A Américas para os americanos» — mais duas palavras: «do Norte». E á natural solidariedade inter-americana acrescentava-se a circunstancia de os Estados Unidos terem feito grandes investimentos nas plantações de cana do açucar.

Foi justamente no começo desse ano de 1898 que o Governo norte-americano resolveu enviar para Cuba, a pretexto de proteger os yanquis ali residentes, uma unidade da sua Marinha de Guerra E, assim, o «Maine», couraçado de 5.000 toneladas, entrou nas águas de Havana no dia 22 de Janeiro. Vinte e um dias após a sua chegada, a 15 de Fevereiro, ás 21 horas e 40 minutos, o poderoso navio americano afundou-se, em consequência de uma ou de várias explosões. Pereceram no sinistro duzentos setenta e dois tripulantes. Mas nesse dia histórico não foi só o «Maine» que se afundou. Tambem com ele soçobrou o pouco que ainda restava do grande império espanhol das Américas.

Quando se deu o desastre do «Maine» estava em grande actividade nos Estados Unidos a facção dos que desejavam a todo o custo uma intervenção militar em Cuba, e o próprio presidente MacKinley era suspeito de encorajar esse belicoso grupo. Seria, assim, muito difícil que o sinistro não fosse aproveitado para se acusar os espanhóis de um horrendo assassinato colectivo, procurando depois sacar do caso as naturais consequências diplomáticas e militares.

Os norte-americanos nomearam uma comissão de inquérito constituida por vários técnicos militares, enquanto a Espanha, em salvaguarda da sua honra, enviava outra comissão, sob a presidência do comandante Peral, que não achou no porto de Havana rasto algum de cabos, nem de minas, nem nada que pudesse justificar a tese de uma explosão provocada do exterior do navio. Mas a comissão norte-americana havia actuado muito mais depressa e, antes mesmo que os espanhóis dessem por terminados os seus trabalhos, já ela tinha enviado um informe ao seu Governo, declarando que a explosão fora provocada «do exterior» do navio (documento de 25 de Março).

Era bem notória a invalidade dos elementos em que se baseava o relatório enviado ao Governo norte-americano. O «Maine» estava afundado a cerca de vinte e sete braças de profundidade, e ninguém ainda tinha pensado em trazê-lo á superfície para examinar-lhe o casco. Além de que, mesmo aceitando como boa a conclusão da comissão norte-americana, restava provar a responsabilidade dos espanhóis na explosão. E como aceitar que se seja, ao mesmo tempo, juiz e parte na mesma causa? Porque não se pensou a tempo em entregar o inquérito a uma comissão constituída por pessoas não interessadas no assunto?

Tudo leva a crer que a decisão norte-americana de auxiliar por todos os meios a «libertação» de Cuba estava tomada mesmo antes do afundamento do «Maine», e sabe-se que, três dias após a fatídica explosão, os Estados Unidos exigiram que Cuba lhes fosse vendida pela quantia de trezentos milhões de dólares. O negócio falhou e deu-se então a guerra. A Espanha vencida teve de reconhecer, pelo tratado de Paris (8 de Dezembro de 1898), a independência de Cuba, além da cedência de Porto Rico e das Filipinas.

A martirizada Cuba colonial dos quatrocentos mil escravos negros tornara-se suficientemente livre para que os investimentos «yankees» nas plantações da cana do açucar se fizessem com a maior segurança. Mas a explosão do Maine? Confirmou-se, realmente, a culpabilidade espanhola no caso?

Quando em 1911 se pôs a flutuar o casco avariado do couraçado norte-americano, o general Bixley, encarregado da inspecção, declarou que o afundamento fora devido á explosão dos depósitos de munições e «que nenhuma outra explosão externa teria podido produzir idênticos resultados». Sigsbee, membro da antiga comissão acusatória, publicou, também, uma verdadeira rectificação Era este um desagravo platónico e tardio, porque o grande império espanhol das Américas havia sido definitivamente liquidado com a explosão do «Maine».

Pequenas distrações dos grandes homens

Na Escola Politécnica, Ampère ao fazer alguma demonstração no quadro, era raro não a terminar apagando os numeros com o lenço de assoar e guardando no bolso o trapo do giz depois de se assoar a ele.

Eram tais as suas distracções que o seu amigo e colega Arago resolveu fazer-lhe uma partida: um dia fez-lhe anunciar a breve chegada de uma nobre dama estrangeira de cujos conhecimentos de astronomia se diziam ser muito extensos.

— Ela propõe-se visitá-lo! — diz ele.

Efectivamente, alguns dias depois, Ampère via chegar a sua casa uma dama velada. Depois de uma hora de conversação transcendente, num francês difícil, esta sábia estrangeira retirou-se deixando em Ampère a mais alta ideia das suas capacidades. Pois a tal sábia não era outra senão o próprio Arago, maquilhado e vestido de uma maneira disfarçada, sobretudo para um homem tão distraido como era o seu eminente confrade.

Moralidade da história da página 3

Não é com colheres que se apanham ratos. Ás vezes sucedem coisas destas

ANO NOVO—VIDA NOVA

(Continuação da 3.ª página)

também desejei ver com os meus olhos, sentir esse pôr-de-sol...

—De que contos gostou mais?

—Da «Chuva»... e «Vermelho»... e outros

No Liceu Filipa, também se agrupavam alunas á entrada e, assim, houve oportunidade de cavaquear um pouco, como convinha.

Desta vez, não foi uma loura, a nossa interlocutora, mas uma morena, bastante queimada do sol da praia e que nos falou das suas férias.

—Tive umas óptimas férias. Quinze dias em Madrid e dois meses na Costa.

—Com pena de acabarem?...

—Sim. Agora um ano inteiro prisioneira, a estudar...

—Não gosta de estudar?

—Gosto... não muito... ás vezes, é um bocadinho aborrecido.

—Tirou boas notas o ano passado?

—Umas boas, outras más...

—Tenciona tirar algum curso superior?

—Não. Eu acho que os homens é que devem estudar...

—Ora aí está uma graça que, certamente, nem todos os seus colegas do sexo masculino gostam de ouvir.

—Eu prefiro o ar livre. Jogo «basket» cá no liceu...

—Espero que passe a gostar um pouco mais do estudo e que obtenha sempre melhores resultados. São os meus votos. Ah! e que ganhe sempre ao «basket»!...

Os nossos encontros não findaram aqui: mas já nos vamos alongando. Apesar disso, aqui está patente o espírito da juventude que encara com a maior naturalidade o prólogo da sua tarefa

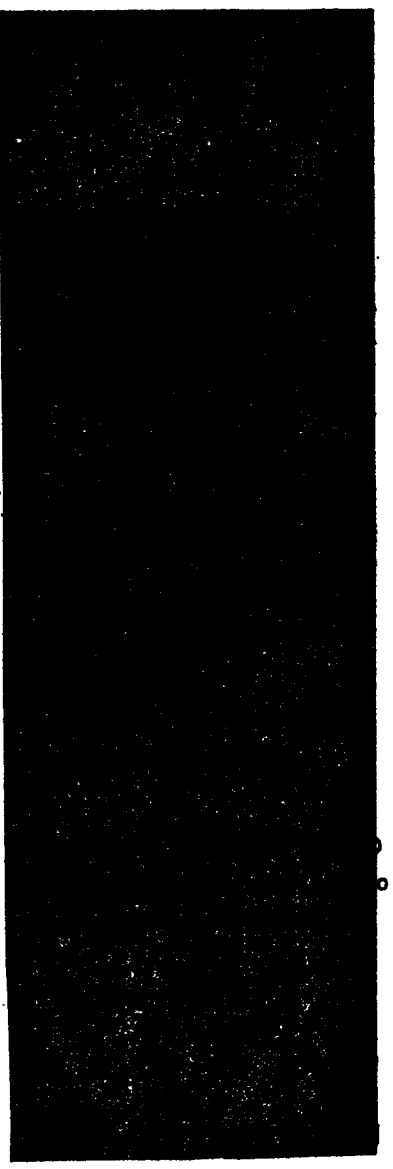
Ficámos a saber muito a seu respeito. Vimos que, se os programas elaborados nem sempre são bem feitos e de molde a possuirem interesse para os alunos, nem por isso a sua curiosidade se deixa entorpecer. Pelo contrário, eles buscam fora da rotina do ano escolar, o tanger com meios, actividades e objectivos que estão á altura de compreenderem e de transformarem e renovarem.

Tanto os novos como os veteranos têm de comum um rosto confiante, capaz de se sobrepor ás dificuldades temporãs

Isto pode levar á vitória. O seu espírito manifesta-se através de todos os actos publicos. Onde faltar a juventude falta a alma, a decisão, o vigor másculo, falta a vida inteira dum país. Eu creio sinceramente na nossa juventude, apesar de a ver, muitas vezes, com um aspecto apreensivo, demasiado amadurecido e já senhor de uma experiência invulgar, prematura. Mas, aqui e além, em todos os lados pulsa o sangue dessa juventude e a sua vivacidade. Como aqui se viu, todos, mais ou menos, procuram um objectivo, embora nem sempre essa procura nos pareça visível. O seu ar alegre, sereno, quase despreocupado, confiante, ao entrar no novo ano, faz-nos, por instantes, esquecer os escolhos que nos envolvem, para lhes desejarmos, alegremente, boa sorte!

Nesse instante, o fogo da juventude também pulsa em nós.

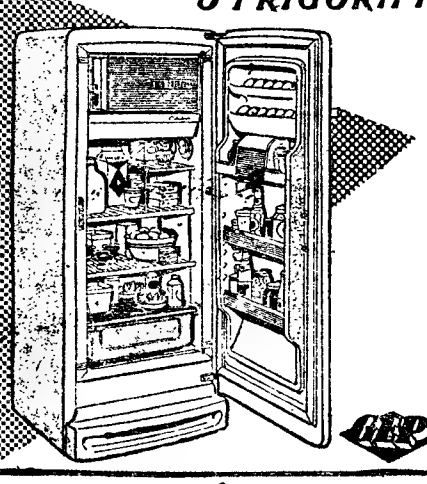
WALDEMAR MONTEIRO



GElado começa por GE

GENERAL ELECTRIC

O FRIGORIFICO PARA TODA A VIDA



- FECHO MAGNÉTICO ETERNO
- MOTOR SILENCIOSO
- PRATELEIRAS METÁLICAS INOXIDÁVEIS
- GAVETA PARA VEGETAIS
- CONGELADOR A TODA A LARGURA
- PRATELEIRA PARA OVOS
- MANTEIGUEIRA

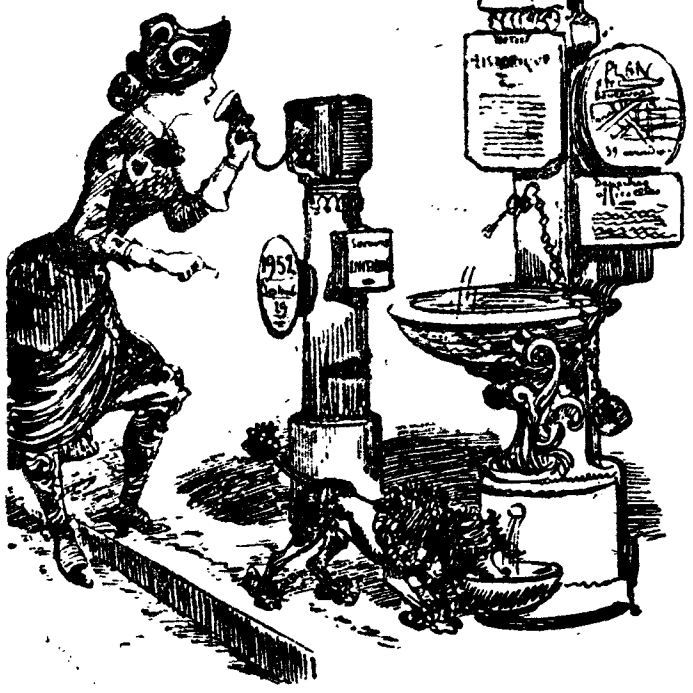
A VENDA EM TODO O PAÍS NOS AGENTES DA GENERAL ELECTRIC PORTUGUESA

Robida

UM PR[illegible]ETA DE[illegible]EMPOS P[illegible]NTES

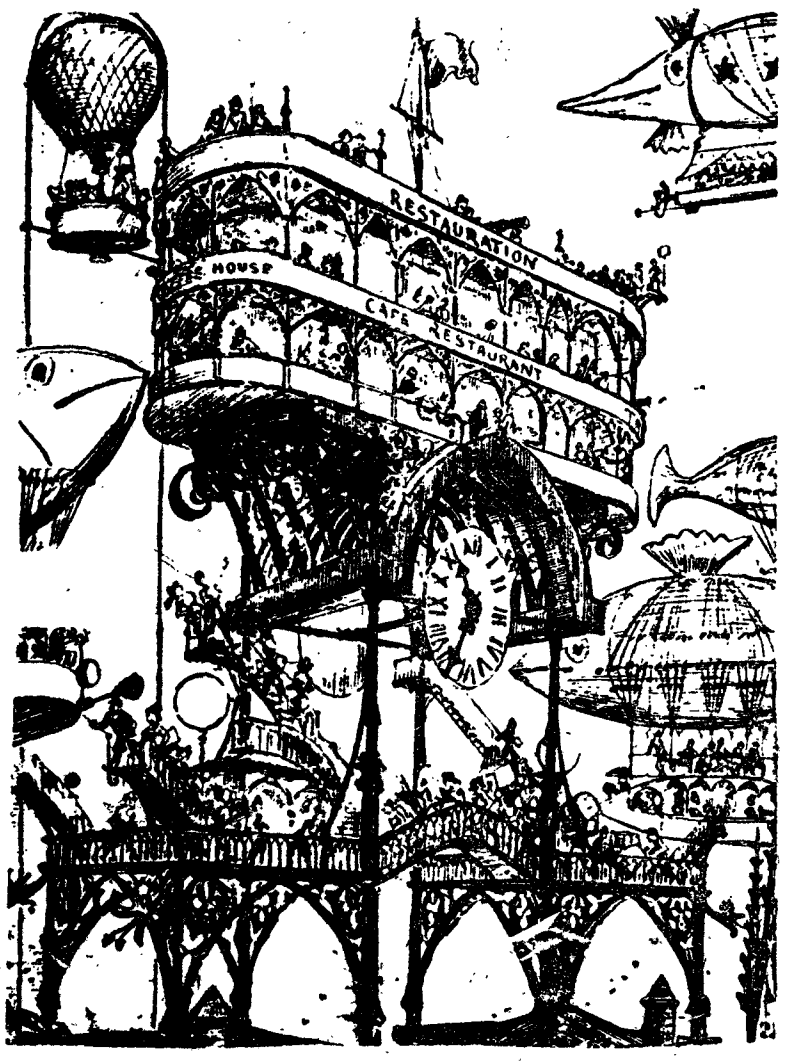
Robida imaginou que as mulheres seriam um dia optimos advogados Acertou. Só os trajos variaram

por JOAQUIM CAMPINO



Telefone publico, imaginado por Robida. Fala-se e ouve-se, simultaneamente, por uma espécie de funil. O aparelho permitiria também chamar os bombeiros. Para o abrir era preciso usar uma chave, mas não seria necessário chamar o polícia para isso...

VESTIDOS DE NOITE: Esta moda prevista por Rolida para 1952 era um exagero da moda de 1882, mas sem duvida ela faz lembrar a de 1925 e o Frencha-Can Can, carregado e ornamentado de folhos, laços, e tufos



NOTRE-DAME, Gare Aérea: A gare é constituída por um restaurante. Embarca-se no meio duma buliçosa desordem a bordo de estranhas aeronaves para os paises mais longínquos, como nos movimentados aeroportos de hoje

AGORA que a ciência e a técnica do nosso tempo tornaram em realidades presentes as mais arrojadas previsões do século passado, vamos recordar o famoso escritor-desenhador. Robida, que com Julio Verne e Wells formam, sem duvida, um trio de homens verdadeiramente extraordinários, não apenas pelas suas espantosas antecipações científicas que fizeram deles autênticos profetas dos tempos novos, mas sobretudo pela mensagem que se desprende das suas obras, mensagem de confiança no homem — o mais precioso dos capitais — e na marcha triunfante da Humanidade.

Robida foi mesmo, sob certos aspectos, o mais clarividente de todos os escritores de antecipação. No seu livro «O século XX», publicado em 1882 ele previu com uma precisão notável (com alguns erros á mistura, evidentemente) as principais invenções do século que vivemos. O escritor marcava o limite de 1952 para a realização dessas descobertas e invenções que ele descrevia com toda a minucia, acompanhando-as com expressivos desenhos cheios de curiosidade como se pode observar pelas gravuras.

Alguns destes desenhos surpreenderam, então, os homens de ciência que os viram, mas a verdade é que se Robida pudesse vir de novo ao Mundo ficaria verdadeiramente espantado com as conquistas actuais da ciência. De facto a sua extraordinária imaginação não chegou a prever tudo quanto a ciência e a técnica têm realizado. Ele não previu nem os raios X, nem a célula fotoeléctrica, nem o metropolitano, nem sequer a luz eléctrica e a fotografia a cores. Não previu o automóvel que revolucionou a vida moderna, nem o avião, nem a existência dessa maravilha chamada ondas, que permitiu o nascimento da T. S. F., da Rádio, do Radar e da Televisão.

Ignorou a penicilina, não sabia que era possível fazer a enxertia da córnea a fim de dar vista aos cegos, etc., etc.... e menos ainda previu que um foguetão construído pelo homem fosse capaz de vencer a atracção terrestre e atingir a Lua num ponto determinado, apenas com um atraso de 1 minuto e poucos segundos do horário previsto.

Mas, evidentemente, que Robida, tal como Julio Verne e Wells, não era um sábio nem sequer um inventor. Era, sim, um artista, mas um artista extraordináriamente intuitivo.

Hoje são os técnicos e os homens de ciência que respondem ao nosso Robida com a materialização daquilo que foi nele o fruto de uma rica e fértil imaginação.

Diario de Lisbôa

De uma semana para a outra

REVISÃO HEBDOMADARIA DE FICURAS E FACTOS

DIA 3

EM PORTUGAL — O ministro da Educação inaugurou os salões de educação artística da Mocidade Portuguesa. ✻ Tomou posse o novo comandante da Escola Prática de Infantaria, em Mafra. ✻ Em Queluz foi comemorado o Dia da Unidade do Regimento de Artilharia Antiaérea Fixa.

NO ESTRANGEIRO—De Washington sugere-se o mês de Janeiro para à conferência em alto nível. ✻ Do Cairo dizem que a embaixada da Republica Árabe Unida em Pequim se encontra cercada. ✻ Ao largo da Virgínia está em chamas um navio atingido pelo furacão Hannah. ✻ Argelinos do Parlamento francês manifestam-se a favor da integração. ✻ O rei Balduino da Bélgica chega a Balmoral em visita á rainha Isabel. ✻ O Governo do Líbano pediu a demissão.

DIA 4

EM PORTUGAL—O Presidente da Republica inaugurou em Monte Real nova base aérea portuguesa. ✻ No campeonato nacional de futebol o Sporting, no Porto, venceu o Porto por 4-1. ✻ Chegou a Lisboa o ministro das Finanças da União Sul Africana. ✻ No concelho de Esposende foram inauguradas quatro escolas primárias. ✻ Em Bragança foram comemoradas as bodas de prata episcopais do bispo da diocese. ✻ Em Almada, a Incrível Almadense comemorou o 111.º aniversário.

NO ESTRANGEIRO—Os Russos lançaram novo foguetão lunar para colocar um satélite em torno da Lpa. ✻ O ministro dos Estrangeiros de Portugal, dr. Marcelo Mathias visitou Nuremberg. ✻ Em Washington aventa-se a hipótese de outros chefes de Governo participarem da conferência de alto nível, além dos «Quatro Grandes». ✻ Nikita Kruchtchev foi a Vladivostok conferenciar com dirigentes norte-americanos.

DIA 5

EM PORTUGAL — A data do aniversário da Proclamação da Republica, foi comemorada com romagens espontaneas á campa dos precursores. ✻ Esteve muito concorrida a Feira Anual de Vila Franca de Xira. ✻ Esteve em Lisboa e fez um voo de demonstração o mais moderno avião de passageiros norte-americano — o «Boeing 707 — Intercontinental. ✻ A população da aldeia da Laje, perto de Soure, teve de abandonar as casas, devido a fendas abertas no solo e nas paredes por deslocação de terras.

NO ESTRANGEIRO — No Tribunal Internacional da Haia o advogado Maurice Bourquin apresentou a ultima alegação de Portugal no caso de Damão. ✻ O dr. Marcello Mathias, ministro dos Estrangeiros de Portugal, partiu da Alemanha Ocidental a caminho de Paris e Lisboa. ✻ Anuncia-se que Nikita Kruchtchev continua em Vladivostok.

DIA 6

EM PORTUGAL — O ministro da Educação presidiu ao encerramento do Curso de Férias para Religiosas. ✻ Regressou ao seu país o ministro das Finanças da União Sul Africana. ✻ Entrou no porto da Beira (Moçambique) o navio de guerra norte-americano «Jonas Legrân». ✻ Por Lisboa passou o pedreiro de Moçambique que cegou e que vai ser operado na América do Norte ✻ A Luanda chegou o general Monteiro Libório, novo comandante militar de Angola. ✻ Foi criada a Comissão Internacional de Segurança.

NO ESTRANGEIRO — Nas Nações Unidas o dr. Vasco Garin apresentou a posição portuguesa como inteiramente alheia a qualquer disseminação racial. ✻ O foguetão russo ultrapassou a Lua em 7 mil quilómetros. ✻ O secretário de Estado americano Christian Herter afirmou numa conferência á Imprensa que a tensão internacional diminuira em virtude das visitas de Nikita Kruchtchev aos Estados Unidos.

DIA 7

EM PORTUGAL — Chegou a Lisboa o almirante Wright, comandante supremo da N. A. T. O. no Atlantico. ✻ Chegou a Lisboa o cardeal-arcebispo de Nápoles. ✻ Foi publicada nova reforma do Ministério do Exército. ✻ Chegou a Lisboa o romancista Erskine Caltwell. ✻ Nos Açores, o ciclone Hannah causou grandes prejuizos.

NO ESTRANGEIRO — O satélite «Lunik III» continua a afastar-se da Terra. ✻ Em Roma morreu o tenor americano Mario Lanza. ✻ Nas Nações Unidas o dr. Sócrates da Costa disse que a O. N. U. reconheceu Portugal como Estado unitário e indivisivel ao votar a sua admissão ✻ Reuniu em Washington o Conselho dos «Cento», antigo pacto de Bagdad. ✻ Em Bagdad foi cometido um atentado contra o primeiro-ministro Kassem, que ficou ferido. ✻ Entre o general Grivas e o arcebispo Makários registou-se acordo geral.

DIA 8

EM PORTUGAL — O almirante Wright proferiu conferências na Academia Militar e na Escola Naval. ✻ Reuniu o Senado Universitário de Lisboa. ✻ A Lisboa chegou uma missão comercial suiça. ✻ O ministro das Comunicações ofereceu um jantar em honra da direcção-geral dos correios da Suiça. ✻ Partiu para Viena o novo embaixador de Portugal na Austria, dr. Abílio Pinto de Lemos ✻ Regressou a Lisboa o eng. Guimarães Lobato, vice-presidente da C. M. L. ✻ O Vaticano nomeou um administrador apostólico para a diocese do Porto.

NO ESTRANGEIRO — Os conservadores ganharam as eleições gerais inglesas ✻ Em Paris o ministro dos Estrangeiros de França ofereceu um almoço ao dr. Marcello Matias. ✻ O parlamento francês reabriu os seus trabalhos depois das férias. ✻ O primeiro-ministro da India, Nehru, declarou que os enclaves portugueses de Dadrá e Nagar-Aveli não foram incorporados na India.

DIA 9

EM PORTUGAL — Ao almirante Wright foi oferecido um almoço no Governo Militar de Lisboa. ✻ O almirante Wright partiu para os Estados Unidos. ✻ O general Dário de Oliveira foi condecorado pelo Governo dos Estados Unidos.

NO ESTRANGEIRO — O presidente Eisenhower invocou a lei Taft-Hartley para a greve dos estivadores. ✻ Na Haia recomeçaram as audiências na contenda entre Portugal e a União Indiana. ✻ Nikita Kruchtchev partiu da Sibéria de regresso a Moscovo. ✻ Anuncia-se em Londres que o novo governo será também conservador.

A FIGURA DA SEMANA

Sir Winston Churchill

De todos os candidatos ás eleições inglesas, nenhum tem a celebridade mundial de que goza o antigo chefe político que foi primeiro-ministro da Grã-Bretanha durante a guerra e na política do seu País desempenha, há sessenta anos, papel destacado. Foi á volta de 1900, em plena guerra anglo-boer, que ele iniciou a sua carreira que, ininterruptamente, seguiu com filiações e alternativas diversas. Churchill, que começou filiado no partido conservador, transitou deste para o velho Partido Liberal em cujas fileiras militou durante mais de quinze anos, regressando depois da primeira guerra mundial ao seu partido de origem no qual seu pai, Lord Randolph, ocupou elevadas funções na era vitoriana.

Apesar da sua idade avançada — completará oitenta e cinco anos no próximo mês de Novembro — tem pela política uma paixão que o levou a apresentar-se mais uma vez a disputar os sufrágios do eleitorado no seu círculo habitual. Embora não tenha uma acção militar, tem na evolução da política britanica o seu conselho, como se viu durante a crise que se seguiu ao episódio do Suez, continua a ser decisivo quando se trata das grandes resoluções, quer no plano estritamente partidário, quer no plano nacional e internacional em que a sua longa experiência lhe empresta especial autoridade para se fazer ouvir.

Entre 1940, data em que assumiu o cargo de primeiro-ministro, numa altura em que as perspectivas da derrocada militar se perfilavam no horizonte como uma temerosa ameaça e 1954, durante catorze anos em que a guerra atingiu a sua fase culminante, a sua intervenção nesse fenómeno do pós-guerra decidiu, mais de uma vez, no curso dos acontecimentos mundiais na guerra como na paz. Essa intervenção, que constitui um capítulo sensacional da história do nosso tempo, justifica as mais diversas apreciações mas é impossível não a ter em conta para um balanço fundamentado dos sucessos espantosos a que assistimos.

Normas convenientes

para o perfeito convidado

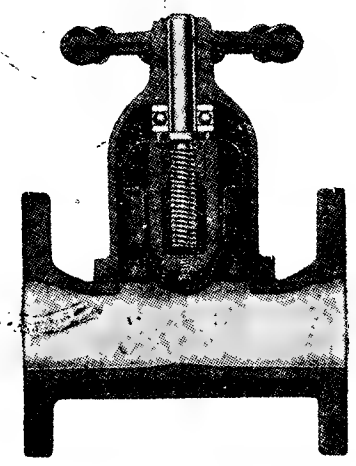
Julio Camba dá as seguintes normas para o perfeito convidado: «Se aparecer na mesa um prato inferior aos outros, deve elogiá-lo porque é obra pessoal da dona de casa. Quando não puder tragar alguns dos pratos, defenda-se com uma dieta suposta. Se tem dificuldade em tirar a casca dos frutos, defenda-se com a teoria de que as vitaminas estão nas cascas».

Ingersoll-Rand, Limitada

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS E DEPOSITÁRIOS DAS

VÁLVULAS «SAUNDERS»

PARA INSTALAÇÕES MARÍTIMAS E TERRESTRES APROPRIADAS PARA **VACUUM, AR, ÁGUA, GAZES** E TODOS OS LÍQUIDOS CORROSIVOS, ACTUALMENTE EMPREGADAS PELA CONSTRUÇÃO NAVAL DE VÁRIOS PAÍSES, COM OS MELHORES RESULTADOS, EM **NAVIOS DE GUERRA, PETROLEIROS, ETC.** SÃO AINDA TAMBÉM USADAS NAS MODERNAS CONDUTAS DE **FUEL-OIL, GASOLINA** E **PETRÓLEO.**

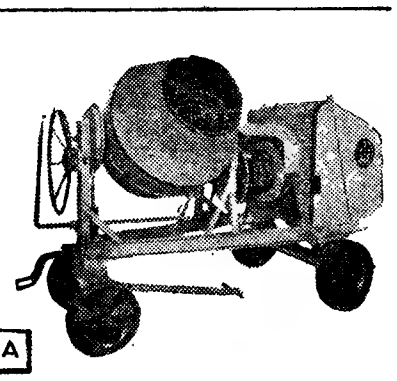


LARGO DO CORPO SANTO, 28-2.º
TELS. 29671-23212 - TELEGRAMAS: «INGERSOLL»

BETONEIRAS

SIMPLES OU COM GUINCHO DE 180 E 210 L

ACCIONADAS POR MOTOR PETTER DIESEL OU PETRÓLEO



A MARCA DE CONFIANÇA

30 UNIDADES AO SERVIÇO DE UM SÓ CLIENTE

ALFREDO ALVES & C.ª (FILHOS)

E FÁBRICAS VULCANO E COLARES

RUA ACADEMIA DE CIÊNCIAS, 5 — LISBOA — TELEFONES: 317 10/8/9

STAND DE EXPOSIÇÃO: BOQUEIRÃO DO DURO, 38 — LISBOA — TELEF. 66 47 88

AOS ESTUDANTES

PAPEL PLÁSTICO

TRANSPARENTE E OPACO

PARA FORRAR CAPAS DE LIVROS E CADERNOS ● PARA EMBRULHAR ● LANCHES ● FATOS DE GINÁSTICA ● RÉGUAS E TODOS OS ARTIGOS ESCOLARES ● HIGIÉNICO ● IMPERMEÁVEL ● NÃO-TÓXICO

SOCIEDADE INDUSTRIAL DE CARTONAGENS, LDA.

RUA JOÃO SARAIVA, 7-A

Telef. 760140 — 760149 — 770187

À VENDA NAS BOAS PAPELARIAS E TABACARIAS

DIZ O MÉDICO...

(Continuação da 1.ª página)

exame das estatísticas dos Hospitais Norte-Americanos, sendo, como é natural, mais elucidativas as dos Hospitais da cidade de New York, a grande metrópole da vida e da morte. As estatísticas mais recentes revelaram que nos Estados Unidos, apesar dos antibióticos de curto e longo espectro, são tratados por ano com sulfamidas dez a quinze milhões de enfermos.

Nos últimos vinte anos, e depois da introdução, na prática médica, das sulfamidas e dos antibióticos, tem morrido menos gente. É, pois, consolador para o investigador e para o médico o estudo e o exame dessas estatísticas. Gelmo, em 1908, e Eisenberg, em 1913, deram os primeiros passos, mas só em 1932 Miltsch e Klarer registaram algumas sulfonamidas, entre elas a sulfonamida-crisoidina, conhecida pelo nome de «prontosil».

Três anos mais tarde, Levaditi e Vaisman (ruboazol II), Tréfouel e colaboradores certificaram os resultados das primeiras experiências. Foram eles os autores da teoria da clivagem, da divisão, dentro do organismo, da droga prima.

Vários autores, em seguida, confirmaram esta teoria: Forneau, Colebrook, Buttle e O'Meara (1936), e Fuller, Long e Bliss (1937), entre outros. A sulfanilamida entrou imediatamente no formulário do médico e na rotina do receituário moderno e diário: passou a estar presente em todas as salas de operações, e serviços de urgência.

Um ano antes da sensacional descoberta de Domagk, Grutz, em 1934, publicara uma monografia sobre o prontosil. Os trabalhos de Grutz, apesar de confusos, marcaram uma época na história da terapêutica moderna.

Só mais tarde o valor do prontosil e do ruboazol II foi confirmado no tratamento das erisipelas, do empiema e da febre puerperal.

Em 1938, um pouco antes de Munique, Ewins, Phillipis e Whitby prepararam e introduziram a sulfapiridina e, no mesmo ano, Landon, Sjögren, na Suécia, Fosbinder e Walter, Lott e Bergheim, nos Estados Unidos, procederam à síntese do sulfatiazol, mais activo do que a sulfapiridina no ataque das afecções estafilocócicas, estreptocócicas e meningocócicas.

Em 1940, em plena guerra, Marshall, Bratton, White e Litchfield introduziram a sulfaguadinina no tratamento das doenças do tubo digestivo.

A sulfadiazina e a sulfamerazina foram preparadas no mesmo ano, e a sulfomezatina em 1942, por Roblin e colaboradores. O «irgafene» e o «marfanil» vieram a ser estudados mais tarde. A «promina» e o «promizol» não são sulfonamidas, mas sulfonatos, utilizados, então, no tratamento da tuberculose e da lepra. Os primeiros trabalhos publicados são de Ellman, Lawrence e Cummings. A «diazona» foi igualmente ensaiada.

As sulfonamidas não estimulam a produção de anticorpos. Só em concentrações extremamente altas (mortais para o homem), são bactericidas. Actuam inibindo por um mecanismo especial o desenvolvimento dos germes. Bacteriostásticas, aumentam as defesas do organismo. Resume-se a acção das sulfas da seguinte maneira: 1. Estimulam as defesas normais, a fagocitose e a imunidade; 2. Diminuem a vitalidade dos germes, entregando-os ás defesas normais do so à sulfamidoterapia. Depois de um longo período de esquecimento, e mercê de novas descobertas, voltaram a ser utilizadas pelo médico.

Continuam indicadas no tratamento das estreptocócias, pneumocócias, colibaciloses, cancro mole, doença de Nicolas-Fabre, bruceloses, lepra, entre outras enfermidades, e nas intervenções cirúrgicas.

Só devem ser usadas quando o médico assistente as indicar, tal como sucede com os antibióticos. Não são inofensivas. Podem provocar complicações graves, além de cefaleias, astenia profunda, gastralgias e vómitos, cianose, polinevrites, modificações da fórmula sanguínea, leemia hemolítica, leucopenia, agranulocitose, eritemas, enantemas, eczemas e mais lesões da pele. Urbach (1946) descreveu múltiplas complicações alérgicas e fotossensibilização, aconselhando os doentes a evitar o Sol.

Contam-se entre as complicações mais vulgares: icterícias, acidose, perturbações neurovegetativas e choque histamínico.

Como todas as drogas que o médico maneja, as sulfas têm indicações e contra-indicações, devendo o seu emprego ser condicionado.

Consola saber que são hoje menos tóxicas do que em 1938. Prestaram grandes serviços na última guerra, antes da produção em massa da penicilina, fazendo parte do equipamento do soldado norte-americano.

A descoberta da penicilina e, mais tarde, a dâ estreptomicina, assim como dos restantes antibióticos (a terramicina, a acromicina, a neo-acromicina, a sigmamicina, o cloranfenicol, a catomicina, a critromicina, e tantos outros, que atingem algumas centenas) destronou as sulfas.

Os casos de intolerância, registados últimamente, com o uso e abuso dos antibióticos, especialmente a penicilina, chamaram a atenção para as bisulfamidas, que permitem o estabelecimento de uma fraca posologia, longos intervalos entre as doses (oito a dez horas), possuindo excelente tolerância geral e gástrica, devido à boa solubilidade e à dos seus produtos de degradação.

Mesmo em presença de um pH fortemente ácido, não se torna necessária a administração de sais alcalinos.

As sulfamidas de posologia reduzida e com largos intervalos de administração, práticamente sem reacções secundárias, acham-se indicadas nas pneumonias, broncopneumonias, bronquiectasia, otites, infecções das vias urinárias, piodermites, impetigo, erisipela, furunculose e feridas infectadas.

Estão contra-indicadas nas afecções cardíacas e renais, edemas e insuficiência renal, lesões do parênquima hepático e nos casos de comprovada intolerância.

Novas composições serão ainda descobertas e estudadas, a introduzir no quotidiano médico.

Aquelas salvaram milhões de vidas. Possuem indicações e contra-indicações. Podem fazer bem e mal, pelo que não devem ser empregadas levianamente.

Na Inglaterra e nos Estados Unidos só podem ser adquiridas por receita médica. Deveria suceder o mesmo em todos os países civilizados.

Muito se tem caminhado depois da grande descoberta de Domagk. A quimioteterapia voltou à cena. Nunca deveria ter sido menosprezada.

A. d'E.

Policlínica do Intendente

AV. ALM. REIS, 27, 2.º — T. 45587

Dr. Abel Alves—Ouv. nariz e garganta 14 h

Dr. Anastácio Gonçalves—Doenç. olhos, 18 h

Dr. Armando Valle—Anál. clin. e vacinas, 11 h.

Dr. Armando Luzes—Rins e vias urinárias, 14 h.

Dr. Bernard Guedes—Raios X, 16 h.

Dr. Camara Leme—Boca e dentes, 10 ás 13 e 17 ás 19 h.

Dr. E. de Miranda Rodrigues—Doenças nerv. mentais (2.ª, 4.ª e 6.ª), 16 h.

Dr. Formigal Luzes—Ag. Físicos, 15 h.

Dr. Fernando Castro Amaro—Med. geral, 14 h.

Dr. João Marques Pinto—D. das crianças, 18 h.

Dr. Juvenal Esteves—Doenças da pele e sifilis (2.ª, 4.ª e 6.ª), 14 h.

Dr. Mário Rosa—Cl. méd. est. e intest. 15 h.

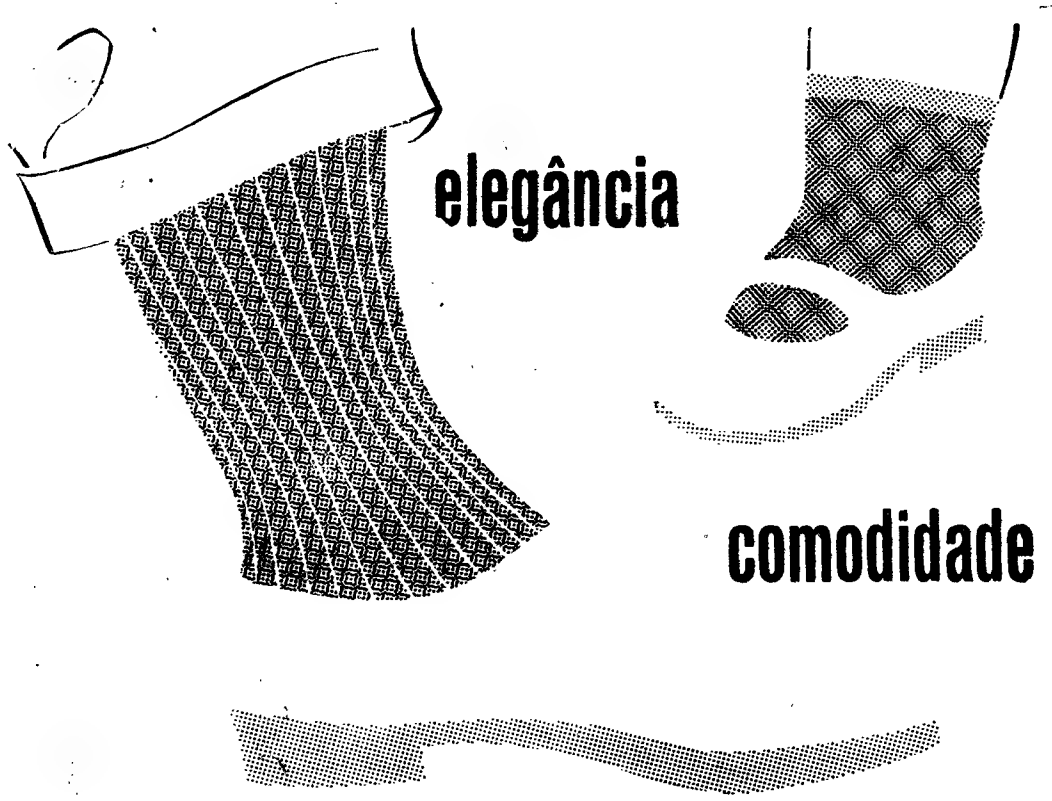
Dr. Souto Soares—Cirurgia geral, ortopedia, operações, 14 h.

Dr. Pedro da Cunha—Partos e doenças das senhoras (3.ª, 5.ª e sáb.), 15 h.

Dr. Vasco de Lacerda—Cl. méd., coração e pulmões, 18 horas.

CAFÉ CORUJA
Restaurante típico
Coruche — Telefone 114
Pratos regionais
Caldeirada á Sorraia
Ensopado de Enguias
Lampreia com arroz á moda da casa
Filetes a Marisqueira
Lombo de Porco no Espeto
Frango de Caril á Coruja
Bifes de Vaca na Caçola
Cabrito á Moda da Casa
Todos os domingos ranchos folclóricos e fandanguistas da região (6 anos)

GABARDINES
Novos modelos, novas cores. As melhores qualidades, preços sem concorrência.
CASA MAX
R. D. ESTEFÂNIA, 193-F



Extraordinária elasticidade, resistência fantástica, imunes à traça — estas são algumas das qualidades reunidas nas peúgas e meias fabricadas com o fio-espuma "HELANCA". As propriedades porosas do fio "HELANCA" garantem uma regulação de temperatura ideal: frescura no verão, calor no inverno. As meias e peúgas em que figure a etiqueta "HELANCA" acompanhando a marca do fabricante, oferecem aderência e perfeição. Nunca descaem nem se amarrotam, e a pele respira livremente. As melhores marcas de fabrico usam "HELANCA". Por isso exija também e sempre a etiqueta "HELANCA".

® É a marca registada de Heberlein & C.º A. G. Watwill (Suiça) que concede a etiqueta designação de "HELANCA" sòmente àqueles artigos confeccionados com este fio-espuma e segundo as suas próprias prescrições e normas de qualidade rigorosamente controladas.

FIO Helanca ®

HAVAS-L

PEÚGAS E SOQUETES
PARA HOMEM E CRIANÇA
FABRICADOS COM FIO
Helanca
VEJA TAMBÉM AS NOVIDADES EM PEÚGAS DE LÃ, DE ADMIRÁVEIS PADRÕES!

C.D

PUBLICAÇÕES

«Mundo Motorizado»

Foi publicado o n.º 47 da revista quinzenal técnico-desportiva «Mundo Motorizado», que se reveste do habitual interesse, inserindo artigos sobre aspectos muito oportunos do automobilismo.

«O Volante»

Com a costumada e sempre atraente variedade de assuntos, publicou-se o n. 1.073 da conhecida revista para os automobilistas «O Volante».

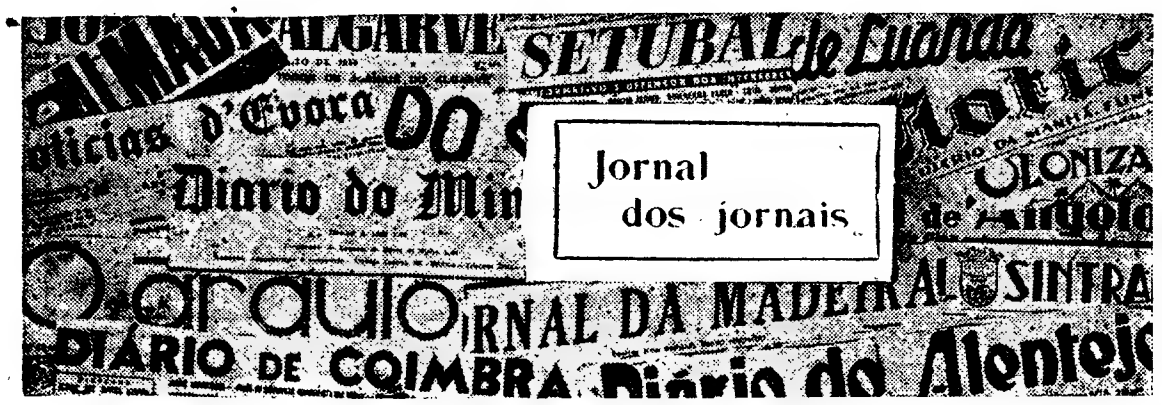
PIANOS
Verticais e de Cauda
ALUGAM-SE
Est. Valentim de Carvalho, L.da
95, Rua Nova do Almada, 99
LISBOA

FEIRAS A REALIZAR

Para as estações que servem as localidades onde se realizam, no decorrer do mês de Outubro, as feiras que a seguir se indicam, a C. P. vende em algumas das suas estações, bilhetes a preços reduzidos.

Santarém — Feira da Piedade, nos dias 11 a 18. *Évora e Leões* — Feira de São Cipriano, em Évora, nos dias 12 a 15. *CastroVerde-Almodóvar* — Feira Anual, nos dias 17 a 19. *Tomar* — Feira de Santa Iria, nos dias 19 a 21. *Fundão* — Feira Anual, no dia 20.

Os cartazes anunciadores destes serviços especiais podem ser consultados nas estações.



Cinema para crianças

Louvável, a todos os títulos, a iniciativa tomada, em boa hora, pelo Cine-Clube local, no sentido de proporcionar á gente miuda uma sessão inteiramente preenchida por filmes próprios para crianças.

E dizemos louvável, porquanto esta é a verdade, por mais que se pregue, escreva, proteste, as nossas casas de espectáculos continuam a oferecer, semana após semana, espectáculos para gente adulta, enquanto as crianças continuam a ter de ocupar os seus fins de semana com outros divertimentos que não os que o cinema lhes poderia proporcionar.

E tanto, tanto, senhores, que se poderia fazer neste sector!

Lembramo-nos, por exemplo, de termos assistido, há um ano, quando gozámos férias na vizinha União Sul-Africana, a algo verdadeiramente curioso. Foramos passar a manhã á Biblioteca e Galeria de Arte da cidade onde, então, nos encontrávamos — Durban — e, de repente, vimo-nos rodeados por bando garrulo e traquinas de pequenada. Passaram por nós, rindo, conversando até que todos, garotos e rapariguinhas, se enfiaram para uma vasta sala onde depressa tomaram lugar em bancos dispostos paralelamente. Chegámo-nos para ver o que se passava. Alguém — que supomos ser um professor — subiu a um estrado, falou das florestas do Canadá, das suas belezas, dos seus produtos, das suas riquezas, e, quando a sua exposição — sucinta e em linguagem chã, perfeitamente acessível aos pequenitos — findou, a sala escureceu e as florestas do Canadá, desfilaram, num filme de 16 mm., ante os olhos curiosos e deslumbrados da juvenil assistência. E quando terminou o filme das florestas do Canadá assistiu-se a outro sobre a vida dos castores e a um terceiro, ainda, sobre qualquer coisa de que nos não lembramos, precedidos, todos, pelas explicações do mestre.

Nunca mais esquecemos esta cena que deveras nos encantou. E recordamo-la agora, ao mesmo tempo que lançamos a pergunta: não seria possível fazer-se algo no género, de quando em quando, aqui, para as nossas crianças?

Tirando o honrosissimo exemplo dado pela Secção Feminina da Sociedade de Estudos com as suas tardes culturais, é agora esta primeira sessão infantil do Cine-Clube e, pouco, mesmo muito pouco mais há a registar no que toca a sessões cinematográficas para crianças, nesta Lourenço Marques. E é pena, há que concordar e reconhecer.

(«Notícias», de Lourenço Marques).

Pereira florida

ANÇÃ — Numa propriedade denominada Montepinhoso, pertencente ao sr. António Maria Simões Beato, desta vila, encontra-se uma pereira completamente coberta de flor, o que tem causado a admiração das gentes.

Na verdade não é vulgar uma pereira florir no princípio do Outono, pouco tempo depois de ter dado os seus frutos da época normal. — (C.).

(«Diário de Coimbra», de Coimbra)

Novo hotel da praia da Rocha

Espera-se que comecem este mês as obras de construção do novo hotel da Praia da Rocha que se designará, segundo nos dizem, de Hotel Infante de Sagres. Trata-se de uma bela unidade hoteleira que se erguerá sobre vergonhosas ruínas que durante tantos anos nos vexaram aos olhos dos que nos visitam.

Com esta louvável iniciativa ficará muito valorizado o turismo algarvio que, apesar de tudo, ainda está no período da primeira dolorosa dentição. Mas, enfim, acreditemos no bom senso e na inteligência dos homens!

(«Jornal do Algarve» de Vila Real de Santo António).

ANEDOTAS DE HOMENS CÉLEBRES

LABICHE

Este glorioso escritor, mestre do teatro cómico, que escreveu 157 peças, ficou na história teatral como um modelo inultrapassável da fantasia e fecundidade.

Parisiense da gema, Labiche viveu 73 anos. Era um curioso espectador da vida e das pessoas. Tinha sempre uma frase a propósito de tudo e de todos.

Extinguiu-se há setenta anos, mas o seu nome não deixa de figurar ainda nos cartazes de todo o Mundo.

Até em Portugal, uma das suas peças—«O chapeu de palha da Itália» — foi representada no extinto Teatro Apolo. Antes do triunfo dessa peça, que se representou em vários idiomas, o director do «Palais Royal», chamou-lhe, durante os ensaios, uma «peça idiota».

E Labiche respondeu: «Talvez .. mas só depois da primeira representação se pode ter uma ideia definitiva...».

E assim foi. Deu-se a «première» e um dos espectadores riu tanto que teve um ataque de apoplexia. A peça fora um êxito extraordinário.

* * *

O general de Gaulle, ao receber ultimamente uma missão de diplomatas estrangeiros, ofereceu-lhes, no programa de acolhimento festivo a representação de uma das peças mais divertidas de Labiche: «La poudre aux yeux». Teve, na verdade, razão para isso. E que o festejado escritor pintava, com imensa graça, os burgueses da época em que viveu e, se as suas peças ainda hoje fazem rir, é que os burgueses, com todas os seus defeitos e virtudes, são de todos os tempos.

* * *

Aos 22 anos de idade, Labiche viu quase subir a sua primeira peça — um drama — á cena do Teatro Panthéon. A peça foi «in extremis» recusada, mas o escritor não desistiu. E algumas semanas depois, entregava humildemente ao porteiro do Teatro Palais Royal, um original em um acto intitulado «L'homme infiniment poli».

A peça entrou em ensaios e a sua representação foi um êxito. De então para cá, a vida de autor de Labiche tornou-se fácil. Começou a escrever incessantemente, quase sempre com o mesmo êxito. «L'Avocat pedicure» um dos seus grandes triunfos, ainda há pouco se representou com geral agrado.

* * *

Um dia, um jornalista encarregado de fazer um inquérito entre os autores dramáticos franceses, procurou, como era natural, o comediógrafo Labiche, perguntando-lhe como conseguia fazer uma peça de êxito.

A resposta veio rápida: «Quando não me aparece uma ideia, costumo roer as unhas e invocar a Providência. Quando tenho a ideia, invoco a Providência com menos ardor, porque julgo poder passar sem ela. Uma peça é uma especécie de animal que deve caminhar sempre. Se diminui a marcha, o publico boceja. Se pára, o publico pateia».

Dentro da sua forma pitoresca de expressão o autor tinha razão.

* * *

Com os seus direitos de autor, Labiche comprou uma propriedade fora da cidade, onde passou, segundo ele dizia, «os melhores dias da sua vida». E acrescentava:

«Cada vez me convenço mais de que a vida feliz não está em Paris. Está no campo. Não quero morrer sem ter escrito uma peça agrícola. Primeiro acto: o adubo. Segundo acto: o cultivo. Terceiro: o granizo. Quarto: o Sol e a chuva, que são sempre indispensáveis. Quinto: o triunfo da agricultura».

Não sabemos se ele chegou a pôr em prática a sua ideia. A verdade é que só no Inverno regressava a Paris, onde comia com invulgar apetite. Dizia ele que o «riso vem do estômago»...

* * *

Oito anos antes da sua morte, resolveu candidatar-se á Academia. Foi eleito e, quando o alfaiate lhe vestiu a farda verde, colocando-lhe, ao lado, a espada de académico, sorriu, dizendo:

«É a primeira vez que uso uma espada e confesso que nunca tive tanto medo...».

Após a sua eleição, recebeu vários convites para jantares, que satisfizeram a sua gula. Evidentemente não rejeitou nenhum, por delicadeza e por apetite, achando que era uma sorte pertencer á Academia, pois não sabia que se era assim tão bem alimentado...

O teatro de Labiche põe de acordo as mais contraditórias opiniões. Os revolucionários entendem que ele descreveu, á maravilha, o egoismo burguês, e os conservadores fazem o elogio da sua franqueza e do seu bom senso. Por isso o seu teatro é eterno.

L. R.

CONCURSO R-T-P

SABER OU SORTE

NOME .....

.....

MÓRADA .....

LOCALIDADE ..... TELEF. .....

ATENÇÃO — Serão eliminados os boletins que não forem cortados pela linha ponteada, que não venham completamente preenchidos, com letra bem legível, ou se apresentem colados a bilhetes postais, papeis ou cartões.

Repetimos hoje a publicação do boletim do concurso «Saber ou sorte» promovido pela Radiotelevisão Portuguesa. Com ele, os nossos leitores poderão habilitar-se aos valiosos prémios do interessante concurso.

GRANDE PEREGRINAÇÃO

FÁTIMA

12 e 13 de Outubro — Esc. 100$00

ITINERÁRIO — PARTIDA AS 8.30 HORAS, DO LARGO MARTIM MONIZ por CALDAS DA RAINHA, S. MARTINHO DO PORTO, NAZARÉ, ALCOBAÇA, BATALHA, FÁTIMA, TOMAR, CASTELO DO BODE, SANTARÉM, VILA FRANCA DE XIRA e LISBOA

Todos os peregrinos têm autorização para ocuparem os seus lugares no autocarro mesmo durante a noite

N. B. — Temos parque privativo no melhor e mais central local de Fátima

FÁTIMA (MISSA)

TODOS OS DOMINGOS

PARTIDAS ASSEGURADAS COM QUALQUER NÚMERO DE PASSAGEIROS

PROGRAMAS, INSCRIÇÕES E INFORMAÇÕES NA

AGENCIA DE VIAGENS

RODARTE

RUA DA PALMA, 159-A—TELEFONE 861214—LISBOA

Grande peregrinação ao Santuário de Fátima, em Outubro

Visite Fátima por ocasião das cerimónias que se realizam em Outubro, aproveitando:

— os preços reduzidos que a C. P. concede nos bilhetes de ida e volta, os quais estarão a venda nas estações com validade para ida de 11 a 13 de Outubro e para regresso até ás 24 horas do dia 14 do mesmo mês;

— a comodidade de ter assegurado, de 11 a 14 de Outubro, o seu transporte em autocarros entre a estação de Fátima (antiga Chão de Maçãs) ou Leiria e o Santuário pelo preço de 15$00 por cada passageiro adulto e viagem de ida ou de volta. Este preço é reduzido a metade para crianças de idade igual ou superior a 4 e inferior a 10 anos.

Alguns exemplos de preços de bilhetes de *ida e volta* de várias procedências para a estação de *Fátima* (antiga Chão de Maçãs) e para a estação de *Leiria*.

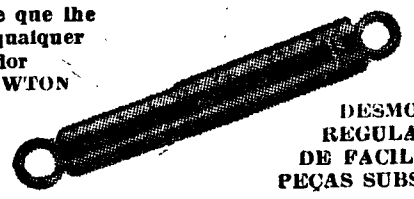
Ida e volta

	FATIMA			LEIRIA		
	1.ª classe	*2.ª classe*	*3.ª classe*	*1.ª classe*	*2.ª classe*	*3.ª classe*
Lisboa (Rossio)	—	—	—	83$90	79$70	58$70
Lisboa (St. Apolónia)	83$90	79$70	58$70	—	—	—
Santarém	36$50	34$70	25$60	—	—	—
Coimbra	57$70	54$80	40$40	53$20	50$50	37$20
Figueira da Foz	58$90	56$00	41$30	35$90	34$10	25$10
Aveiro	92$20	87$60	64$60	87$10	82$70	61$00
Viseu	120$40	114$40	84$30	115$20	109$50	80$70
Guarda	165$20	156$90	115$60	160$70	152$70	112$50
Porto (São Bento) ...	134$40	127$70	94$10	130$00	123$50	91$00
Braga	170$90	162$40	119$70	166$40	158$10	116$50
Viana do Castelo ...	189$50	180$00	132$70	185$00	175$80	129$50
Chaves	265$00	251$80	185$50	260$50	247$50	182$40
Elvas	117$80	111$90	82$50	—	—	—
Evora	130$60	124$10	91$40	185$00	175$80	129$50
Beja	154$90	147$20	108$50	208$70	198$30	146$10
Faro	274$60	260$90	192$20	294$40	279$70	206$10

NEWTON PRODUCT

O MELHOR AMORTECEDOR

Não deixe que lhe vendam qualquer amortecedor Exija NEWTON



DESMONTAVEIS
REGULAVEIS
DE FACIL AFINAÇÃO
PEÇAS SUBSTITUIVEIS

Representante:
AUTO-TRIUNFO — Rua de Santa Marta, 56

MORADIA

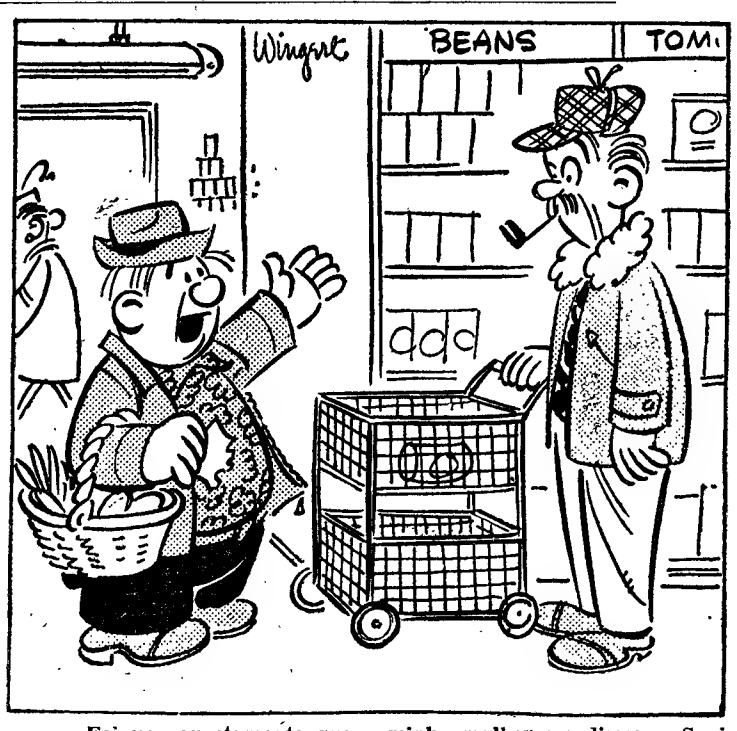
LINHA DO ESTORIL

Óptima construção, todas as madeiras exóticas no meio de pequeno parque, com pinhal, entre a Estrada Marginal e linha férrea com ou sem mobília, vende o próprio.

INFORMA TELEFONE 41848

O RISO DA SEMANA

Os bons maridos



— Foi isso exactamente que a minha mulher me disse: — «Se julgas que compras melhor e mais barato do que eu, trata de ir ás compras!»

COMO SE EMPOBRECE

Eu era milionário. Tinha dinheiro, quintas, herdades, mas um dia tive uma doença na família e comprei os medicamentos necessários e fiquei pobre.

O meu farmacêutico comprou as minhas quintas e as minhas herdades e pôs o meu dinheiro no banco em nome dele.

Agora vou ver se arranjo a ser farmacêutico mas é um bocado difícil porque já não herdades, nem quintas. Só há sextas-feiras da paixão.

Dificuldades

Os ordenados são pequenos, especialmente os dos funcionários aposentados, que não tiveram o mais insignificante aumento:

Dois deles encontram-se e lamentam-se:

— Não sei como hei-de viver. O ordenado não me chega.

— Nem a mim, diz o outro, especialmente naqueles ultimos 28 dias...

Boas contas...

Aqueles dois comerciantes discutiam as ultimas medidas governamentais e concordaram que as coisas iam mal.

E então um deles desabafou:

— Se isto assim continua recolho a um asilo e digo que as coisas vão muito mal.

E o outro completou:

— Se isto assim se mantém, qualquer dia só declaro ás finanças aquilo que realmente vendo.

No restaurante

— Não acha que uma casa como esta devia ter saca-rolhas?

Bons tempos

— Que pena tenho de que a guerra tenha acabado! Naquele tempo ao menos só havia um tipo com a mania de ser Hitler!...

O nome do menino

Aquele menino, por mais esforços que o professor fizesse, não era capaz de escrever o seu nome.

O professor zangava-se e parece até que dava o seu tabefe no pobre do menino que, para tudo o mais, era um anjo, um verdadeiro anjo.

E o menino ralava-se e chorava, até que um dia revoltado disse para o professor:

— Eu vou mas é pedir ao meu pai para me dar outro nome, porque este não consigo escrevê-lo...

O bêbado

O bêbado ao ver o polícia explica:

— Ó senhores guardas, eu bebi uns copos e agora não sei o caminho de casa.

— Você está tão bêbado que até vê duas pessoas onde só está uma, disse o guarda. Eu vou pô-lo em casa.

— Não senhor guarda, se realmente eu vejo as coisas a dobrar, desisto de ir para casa. Safa! Que eu tenho lá uma mulher é já é demais.

HOMEM AO MAR

O homem atirou-se ao mar e foi salvo por outro que ali estava a pescar.

— Eu queria dar-lhe cinquenta escudos mas só tenho uma nota de cem. Você tem troco?

— Não, não tenho, mas o senhor pode atirar-se segunda vez...

Fugir do Paraíso

Com o avanço da ciência melhoram-se as condições de vida e torna-se, como é lógico, mais agradável viver. O Mundo de hoje é melhor do que o de há cem anos. As doenças de hoje, embora sejam mais do que há um século, dominam-se com mais facilidade e morre-se menos; as vidas são mais longas, e os antibioóticos fazem autênticos milagres. A cirurgia já dá facadas no coração, que era uma coisa de que dantes se morria e de que se vive agora. Os médicos pelo menos vivem disso.

Não há duvida nenhuma de que estamos de regresso ao Paraíso Terreal, só com a diferença de que a maçã que a serpente deu de mão beijada a Adão e Eva, custa hoje um dinheirão e tem bichos, coisa que não acontecia no Paraíso.

E é quando se atinge esta magnífica perfeição que o homem não pensa senão em evadiar-se da Terra para a Lua, onde, ao que consta, há mais poeira que na Avenida da Republica.

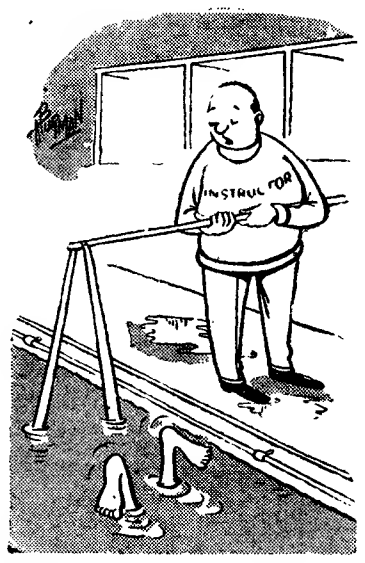
É claro que na Lua sempre haverá uma compensação: a Lua é deserta e não tem Rádio com locutores a largar paulitadas todos os dias; não há apertos, não há bichas, não há intrigas, não há guerras, não há atropelamentos, não há metropolitanos que não andam, não há autocarros onde a gente ande a quebrar os ossos com os solavancos, não há carros eléctricos que só têm lugar onde não é lugar de viajar.

A semelhança da Terra com a paz bíblica do Paraíso é tanta que metade da Humanidade já anda de tanga — a tanga dos que não têm vintém e a tanga das que têm vintém mas não têm vergonha.

E é assim que, quando isto aqui está tão bom, toda a gente quer ir para a Lua.

Nós só queremos saber, quando começar o êxodo, quem é que será capaz de regularizar o transito na Estrada de S. Tiago.

Professor de natação



— Isso mesmo — deite os pés para fora.

Cortina de ferro

A cortina de ferro é uma perfeita invenção dos tempos modernos. Aquilo não é de ferro e nem sequer é cortina. A prova é que Kruchtchev passou de lá para cá e Eisenhower vai passar de cá para lá.

Aquilo é mas é uma ponte levadiça que nunca está em cima. Passa-se por ali como o Sol pela vidraça da cantiga. As caravanas passam e a marmelada é sempre a mesma...

A idade dela

Aquela senhora vaidosa tinha muito boas relações com o astrónomo:

— Sabe, sr. Pigmalião, eu faço hoje 80 anos.

— Anos-luz?, perguntou ele...

Conversa surrealista

— Adeus, Pá, come tá tu?

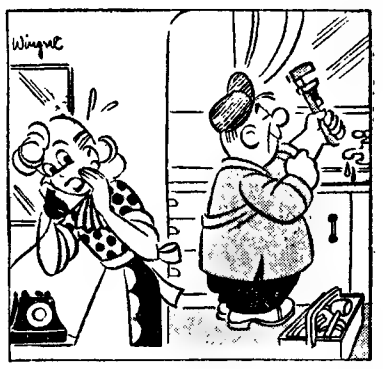
— Bem. E tú? Como tu tá?

— Eu hoje estou muito principalmente.

— Tem graça, também eu não obstante.

Um camião que passava atirou uma chapada de lama (lama e todos os sucedaneos) ás ventas dos interlocutores e lá se foi todavia com um sorriso cor de respiração de vaca

Bela expectativa



— Alô, canalizadores? Estejam preparados para atender rápidamente a uma chamada de emergência dentro de meia hora.

O CAMINHO DA PAZ

O chefe do Governo soviético tinha manifestado desejo de obter vários helicópteros idênticos áquele em que Eisenhower e Kruchtchov foram a Camp David, em 25 de Setembro. — (F. P.).

Temos a Paz garantida
(Paz eterna, universal!)
Pois toda a gente entendida
Não quer guerra fratricida
Que p'ra todos é fatal.

É tudo isto o resultado
Dum completo entendimento
Que visa, de lado a lado,
Conforme foi estudado.
Acabar co'o armamento.

Já ninguém mais faz segredo
Dos seus inventos de guerra
Pois que todos têm medo
De que, mais tarde ou mais cedo,
Deixe de haver Paz na Terra.

E até já o senhor Kruchtchov,
Passada a fase colérica,
Uns grandes empenhos move
P'ra que lhe mandem a nove
Helicópteros da América.

É mesmo assim que se faz,
Se os homens não são uns potros
E a ambos eles apraz
P'ra garantia da Paz
Irem no bote uns dos outros!...

A. F.

O amor e o leite

O amor é como o leite, que muito mexido, dá a manteiga. Se não for agitado azeda e chama-se casamento. Para este ainda há um remédio: o divórcio. O leite não tem remédio nenhum. Chamam-lhe «Yogurt» mas aquilo é para disfarçar, porque só lá vai com muito açucar.

Cantinho sentimental

(com licença dos modernistas)

Toma lá colchetes de oiro
Aperta o teu coletinho.
Coração que é de nós dois,
Quer-se bem apertadinho

Vicente Arnoso

Comodidade e estupidez

Aquela senhora muito estupida tinha um marido muito rico, muito «snobe» e também muito estupido e ela então contava:

— O meu marido adora as suas comodidades e gosta muito de jogar o «bridge», mas como é muito rico, tem um criado especial só para jogar por ele...

Ruído estranho

— Hubert, sabes o que foi o «Bum»! que te pareceu ser um jacto ultrapassando a barreira do som?

Juventude e a Ciência

II — CIÊNCIA E TÉCNICA

por RUI FAURE DA ROSA (15 anos)

Vejamos, agora, em traços gerais, o que é a Ciência e, a par dela, encaremos a Técnica, com a qual tantos pontos de contacto tem e a que tantas vezes anda ligada completando-se ambas para a realização de certos fins. Há porém que evitar confundi-las.

Não iremos dar definições de uma e de outra e compará-las ponto por ponto. Seria difícil dar essas definições e não teria para o nosso caso grande interesse, por serem considerações mais de ordem filosófica.

Analisemos, pois, factos concretos para nos ser mais fácil o estudo. Há certos casos em que se torna difícil distinguir até que ponto vai a Ciência e onde começa a Técnica. Vejamos a Medicina: será uma ciência? Será uma técnica?

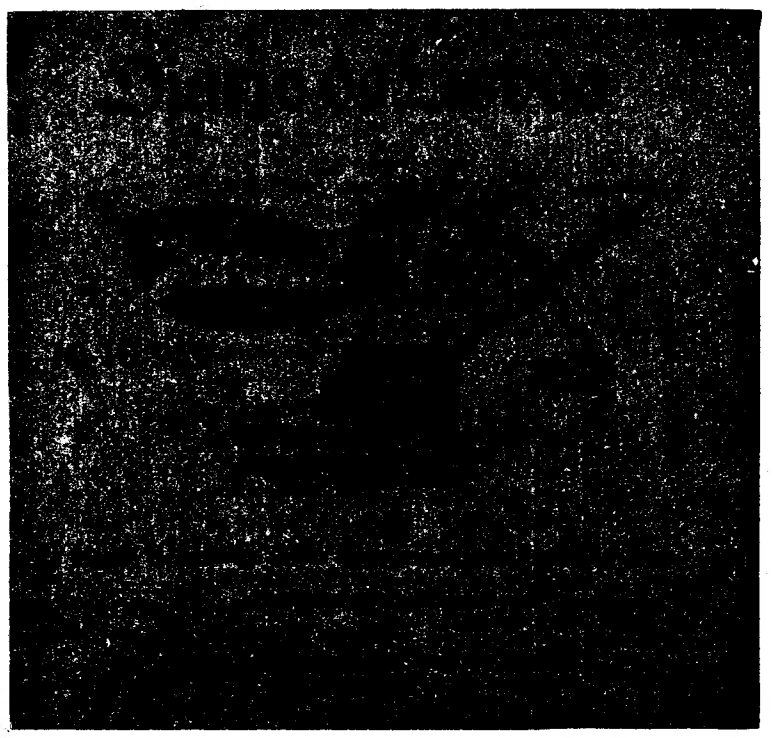
Poderíamos chamar-lhe talvez um pouco grosseiramente uma ciência na medida em que ela é um estudo método, analisando objectivamente os factos e procurando determinar as causas que os regem; mas não existem em medicina leis; embora existam casos semelhantes não se pode afirmar com rigor que «as mesmas causas nas mesmas circunstancias produzem os mesmos efeitos» e sem leis não pode haver ciência.

Temos ainda que a Ciência deve ser desinteressada, limitando-se a analisar factos, descobrir uma causa, procurando a máxima generalidade e estabelecendo princípios e leis, mas sem visar fins. A aplicação das leis no campo prático, para qualquer finalidade, pertence á Técnica. De entre as principais classificações das ciências só a de Ampére considera a Medicina uma ciência, a par das Ciências Naturais no grupo das cosmológicas da matéria viva. As classificações posteriores ás de Wunt e Comte não a consideram bem como estes, uma Ciência. Não será, pois, errar se afirmarmos que a medicina é uma técnica baseada nas Ciências Físico-Químicas e Biologia, embora nos choque tal ideia por se tratar de algo de tão grande valor humanitário; mas não é de modo nenhum diminui-la o afirmá-lo.

Passemos agora a outro aspecto: a Técnica industrial. E' na realidade, enorme a projecção desta técnica nos nossos dias. Tudo está hoje mecanizado desde a agricultura, a contabilidade, até muitas das actividades domésticas. A máquina realiza o trabalho, quer mental, quer manual, de muitos homens. Mas essa máquina que tantos serviços presta é a aplicação de uma série de leis físicas, químicas e mecanicas que harmonizando-se produzem um determinado efeito utilizado das mais diversas formas. Enquanto umas máquinas utilizam trabalho transformando-o em energia, essa energia é aproveitada posteriormente por outras máquinas para produzir trabalho diversamente aplicável. Uma determinada industria ao produzir aparelhagem cada vez mais perfeita permite a outras industrias, e mesmo a si própria, um aumento de rendimento.

E' a Ciência que criando leis, estabelecendo princípios, esboçando mesmo um sistema elementar neles baseado permite á Técnica aperfeiçoá-lo construindo as grandes máquinas, algumas das quais irão fornecer á Ciência meios melhores para estudos mais perfeitos e rigorosos.

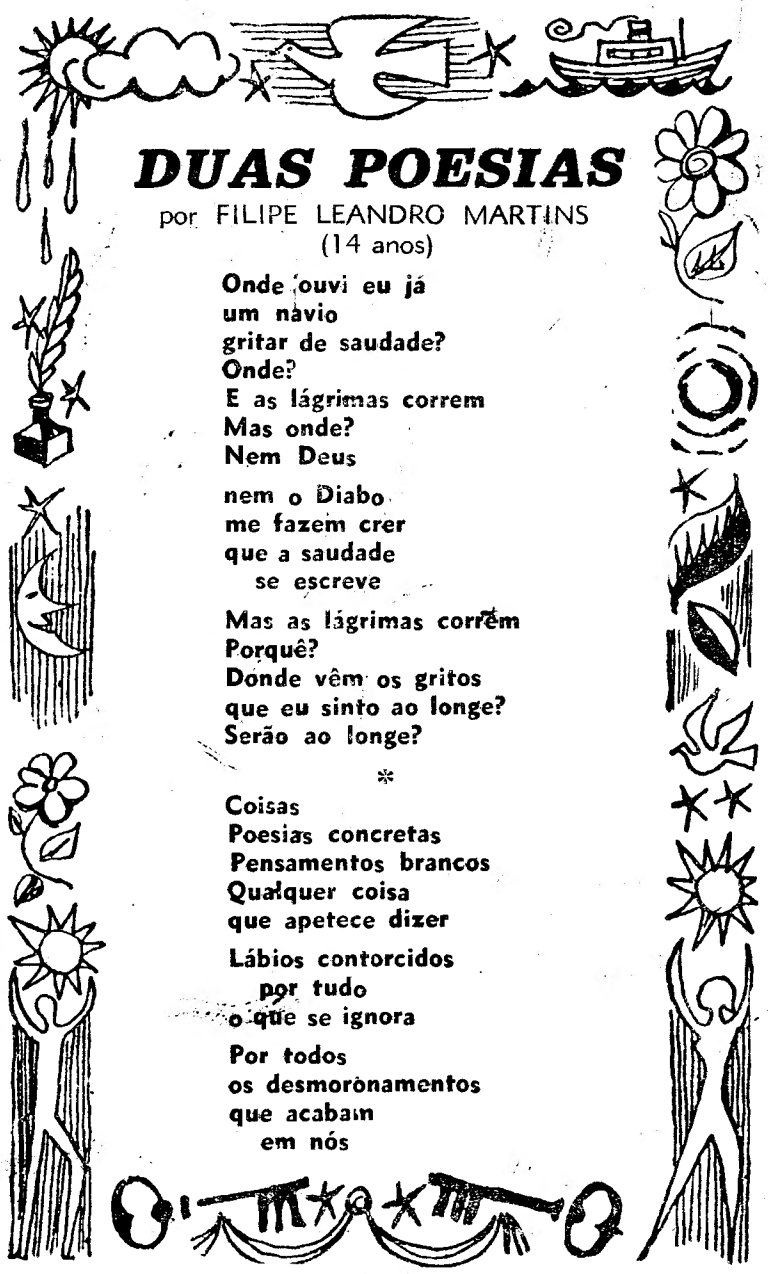
Vemos que tudo se realiza num ciclo perfeito, em admirável harmonia. Há pois uma reciprocidade de contribuições entre Ciência e Técnica e esta é a obreira da industria, existindo assim uma técnica industrial. A par do cientista necessita-se do técnico e este tem um papel não menos importante em qualquer ramo de actividade. A técnica é pois uma sólida ponte entre a Ciência (estudo teórico experimental) e as grandes realizações práticas.



Na noite calma

Na noite calma
As horas param
Subjectivamente
Na loucura
Da vida
Que o meu cérebro
Não dirige
Porque não pode
Sem ter ideias.
E a culpa é tua
Meu amor
Mais os teus olhos
Grandes e negros
Única imagem
Da minha razão
Que sofre
Por não saber
Quem és tu?
Quem sou eu?
Nós todos, afinal,
Quem somos?
Fantasmas de Deus
Ou do diabo?
Simples mortais?
Tudo é loucura
Meu amor
Os meus sentidos
E os teus também
Que se amam
Na loucura da vida

por ARMANDO TABORDA



DUAS POESIAS

por FILIPE LEANDRO MARTINS
(14 anos)

Onde ouvi eu já
um navio
gritar de saudade?
Onde?
E as lágrimas correm
Mas onde?
Nem Deus
nem o Diabo
me fazem crer
que a saudade
se escreve

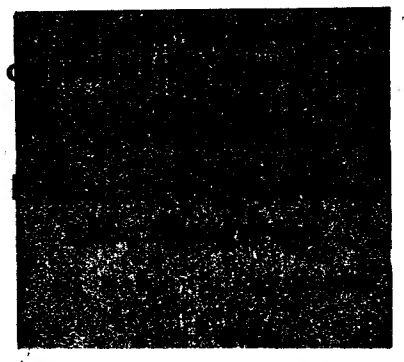
Mas as lágrimas correm
Porquê?
Donde vêm os gritos
que eu sinto ao longe?
Serão ao longe?

*

Coisas
Poesias concretas
Pensamentos brancos
Qualquer coisa
que apetece dizer

Lábios contorcidos
por tudo
o que se ignora

Por todos
os desmorónamentos
que acabam
em nós



Um bom artigo, o do José Carlos de Morais. Consegue comunicar-nos, num trabalho bem realizado literàriamente, ideias vigorosas de jovem do seu tempo, na verdadeira acepção desta expressão.

Realmente, o Progresso pode considerar-se um produto da Produção e da Comunicação. Talvez não de uma adição, mas sim da integração total desses dois factores. Produzindo, o homem corresponde a uma necessidade, ao mesmo tempo que se aperfeiçoou e se encaminha para o tão desejado fim — a liberdade. Verdade que a produção está na razão directa da cooperação e que, portanto, o homem isolado não produz. Mas não creio que ele esteja de tal modo determinado pela sociedade que não imprima um certo cunho pessoal ao seu trabalho. Em cada degrau ganho pelo Progresso, a Humanidade deixa gravada a sua personalidade dessa época. Ao dizer que o indivíduo desempenha o papel que a sociedade lhe destina, o José Carlos de Morais acrescenta que o faz «mesmo contra vontade». Essa sua revolta, ainda que só interior, indica que o homem não está dominado tão inconscientemente como o artigo quer provar, e que esse domínio não lhe tira toda a possibilidade de reagir. E essa sua reacção ao meio também é positiva, também dela pode resultar Progresso.

Realmente, a técnica não será os grilhões do ser humano enquanto a olharem como um meio e não como um fim. Mas creio que há um perigo na civilização moderna: não estará a dar-se uma inversão

(Continua na ultima página)

Que culpa tenho eu?

EXCURSÃO DO PLANETA MARTE

Por AGOSTINHO DE BRITO MACEDO

O jardim, em frente ao hotel, era o sítio onde tínhamos combinado encontrarmo-nos com Elly, o nosso amigo de Marte...

Tínhamos chegado havia uma semana e aquele era o ultimo dia que tínhamos para visitar o encantador planeta Marte. Sentámo-nos num confortável banco, no jardim. O nosso aspecto deveria ser horrível. O meu amigo Castro pediu-me que lhe aliviasse um pouco a fivela do seu reluzente fato espacial. Olímpia, a governante de Castro, que nos tinha acompanhado naquela excursão, olhava com receio para as plantas que molengamente comiam os insectos, que ousavam tocar as suas encantadoras e convidativas folhas e flores. Nunca a «pobre» Olímpia se poderia acostumar a ver as árvores comerem insectos, apesar de Elly. lhe ter assegurado que as árvores não comiam pessoas, nem animais corpulentos. Na verdade, para quem não está acostumado, metiam impressão. Mas coitadas das plantas, apenas comiam insectos. Eram uma gulosice para elas. Logo que qualquer planta nascia, começava a comer todos os insectos que passavam perto delas...

O rapaz de cabelo louro que se aproximava era Elly. Levantámo-nos para o cumprimentar. O meu fato espacial estava um pouco pesado. Talvez o sentisse assim, porque havia uma semana que só o tirava para dormir. O ar de Marte, se bem que com uma composição boa para a respiração dos Marcianos, para nós, habitantes da Terra, era um veneno.

Para dormir em Marte havia hoteis com quartos próprios para os habitantes de cada planeta. Assim, nós dormiamos em quartos, cujo ar, durante a noite era da mesma composição que o da Terra...

—Bem, então querem comprar umas lembranças do nosso planeta? —perguntou Elly.

Olímpia ficou radiante. Era a vez dela dar largas ao vício que a maior parte das mulheres tem, quando vão a qualquer planeta estrangeiro. Acham sempre que os tecidos de Marte ou de Mercurio são sempre mais baratos e de melhor qualidade que os da Terra...

—Castro, não te esqueças da máquina fotográfica em cima do banco, disse eu, que já seguia um pouco mais á frente, com Elly.

—Não vejo máquina nenhuma— berrou o Castro.

Olhei para o banco e realmente

(Continua na página central)

ESTAVA ENTRE NÓS O TRAIDOR

CHEGADOS ao alto da torre barbacã, Henrique parou e, enchendo o peito de orgulho, ofereceu ao hóspede, num gesto solenissimo, a surpreente paisagem que dali se avistava. Lançarote ficou mudo ante a soturna aridez que escorria das montanhas, entre penedos e precipícios, até morrer, já sem força, na verde concavidade do vale. «A morte e a vida lado a lado! — pensou — Como isto é belo!». E ficou absorto. De si para si ia dizendo que ali estava a morada ideal para um cavaleiro — na pureza e na força invencível das alturas, estendendo sobre a amplidão do vale, os fracos e os oprimidos uma bênção paternal e salvadora. Quem nasceu para velar pelo bem dos outros devia viver assim: nas alturas. Deu dois passos para se abeirar das ameias quando á frente se lhe atravessou um braço.

— Vedes? — perguntou uma voz que veio atrás do braço.

Lançarote estremeçeu e fitou Hendrique. Acabou por sorrir ao deparar com uma face resplandecente de alegria.

— Eis os meus domínios! — apontou o outro.

— Belos domínios, propícios á meditação e ao culto da bondade.

— Ah, com certeza, com certeza. Aqui sentimo-nos mais perto de Deus.

— Mas não mais longe dos homens, estou em crer...

— Não? Olhe, se quer que lhe diga ás vezes sinto-me próximo deles, outras vezes distante, distante, como se nem pertencesse a este mundo. Mas vê aquelas aldeias? São da minha família desde tempos que já nem se descobrem onde começam.

Disparava o dedo para uma extensíssima planície que só lá no cabo do mundo esbarrava de encontro a um muro de montanhas.

— Que grandes domínios! — exclamou Lançarote. E aquele lado também é vosso?

— Ali? Não! Toda essa banda pertence a meu tio, o senhor de Bath.

— Dizem-me que soís agora o seu herdeiro...

— Infelizmente. Quando, após a morte de meu primo e herdeiro de todos aqueles domínios, fiz as pazes com meu pobre tio, ele disse-me: «Ora aí está onde acabam todos os ódios deste mundo. Andáveis, tu e o meu filho, como dois renegados e agora que ele morreu, tu e ele são uma e a mesma pessoa, tu estás no lugar dele, dirás as palavras que ele deveria dizer e fazer o bem ou o mal que ele teria de cumprir neste mundo». E meu tio tinha razão: as guerras e os ódios são inuteis, o que se ganha com eles não aproveita.

— Desconfiais de quem matou vosso primo? Quem teria razões para o desejar morto?

— Quem? Sois vós que mo perguntais? Isso desejaríamos nós todos saber. Houve um tempo em que todos nós, fidalgos do condado, nos olhávamos com desconfiança. Suspeitávamos que entre nós estava o traidor e só confraternizávamos quando, unidos pela necessidade, corríamos lado a lado, ás cegas, no negrume da noite, atrás dos cavaleiros malditos que lançavam o desassossego entre nós. Desesperado, cheguei a gritar a meu primo: «É's tu, brigão, a ovelha ranhosa que anda a desonrar o juramento de cavaleiro que fizemos! «Ele acusava-me a mim e, dementado, eu dizia por toda a parte, aos camponeses ou aos fidalgos, que o Cavaleiro do Diabo era meu primo.

— Não! — protestou Lançarote.

— Sim! — insistiu o outro, com os olhos vidrados. Disse essa coisa terrivel vezes sem conto. Ao princípio, ninguém me ouvia; mas as minhas palavras, hoje uma amanhã outra, iam acamando nos ouvidos deste e daquele: e quando surgia, os camponeses afastavam-se com os olhos baixos, as mães bradavam pelas crianças e as crianças fugiam mal o avistavam e ficavam-se a espreitá-lo como se espreita um animal, por entre as moitas. Quis desafiar-me para um duelo; quis medir-se comigo num torneio e um de nós teria acabado ás mãos do outro se o triste senhor de Bath não se interpusesse entre nós. Veio falar comigo. Disse com voz magoada: «Então, Hendrique, é verdade que o Senhor nos mandou a provação de entre nós vermos repetir-se a parábola de Abel e de Caim?» Desde essa altura eu prometi nunca mais me referir a meu primo e cumpri. Mas não nos falávamos, embora ambos, por mim o digo e tenho a certeza de que com ele se dava o mesmo, sentissemos saudades do tempo em que o mundo não tinha divisões para nós. Essa saudade dava-nos uma raiva indomável que nos mantinha prontos a lutar noites e noites seguidas, pelos campos, com os fantasmas dos cavaleiros malditos. Eu disse fantasma, senhor? Nunca confessei isto a ninguém, mas muitas vezes me pergunto se não se trata de fantasmas. Como é que eles surgem a nosso lado sem darmos por isso? Como é que nunca os vemos carregar sobre nós? Como é que desaparecem de subito?

— Mas disseram-me que, uma vez, tínheis conseguido haver um deles ás vossas mãos. Só vois podereis dizer se era um fantasma ou se era um homem.

— Homem era, se por homem pensamos um ser com carne e ossos: mas como são feitos os fantasmas? Vezes sem conto tenho dirigido esta pergunta a frades e bispos e a letrados e todos emudecem. Como são os fantasmas? — eis o que pergunto.

— Mas acreditais em fantasmas?

— Se quereis que vos diga não sei. Mas sei que aquela gente não é gente como nós. Diabos ou fantasmas — tudo o que quiserdes de maléfico ou de infernal — mas não filhos de Cristo.

— E como era o que tivestes entre mãos?

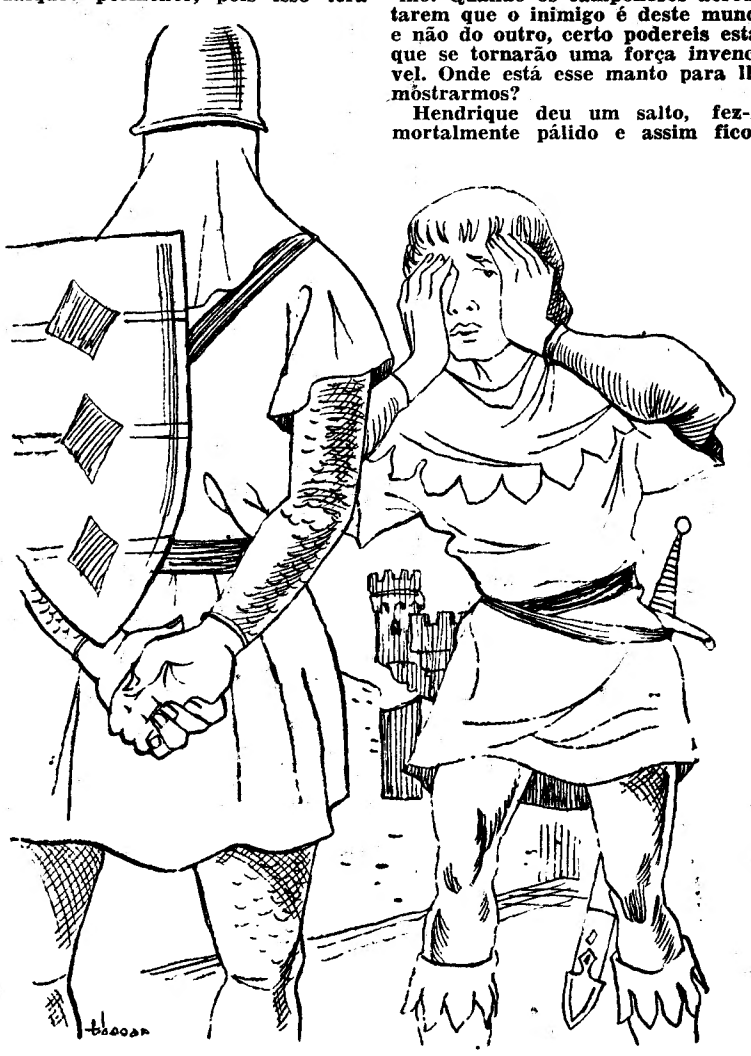
— Como era?

— Sim! Não tinha consistência humana como qualquer de nós?

Cresceu entre os dois um silêncio. Hendrique olhava um ponto no horizonte, com o cenho carregado. Depois sacudiu a cabeça e murmurou:

— Não me lembro de nada. Não sei de nada. A's vezes duvido se tudo isso não foi um sonho.

— Veja se consegue recordar-se de qualquer pormenor, pois isso terá ou poderá ter a maior importancia! Os camponeses dizem que o desconhecido deixou entre as vossas mãos uma capa suja, esburacada, tresandando a enxofre e que os buracos eram o resultado de queimaduras, E' isto verdade? Veja se se lembra! Faça um esforço!



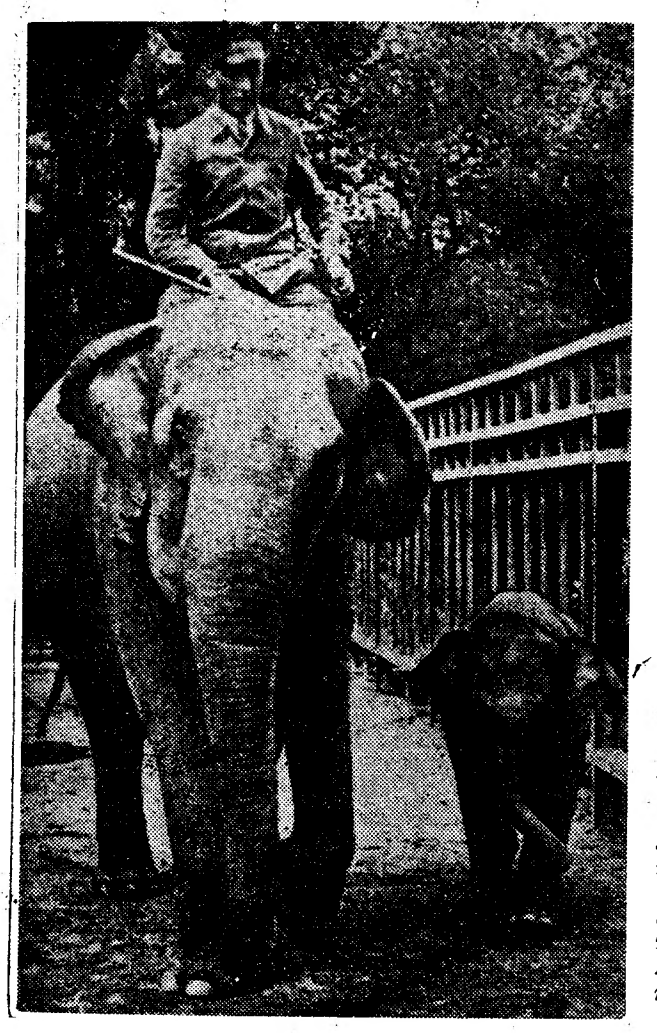
— Os camponeses estão sempre prontos a arquitectar fábulas — reagiu Hendrique com violência. Enxofre! Enxofre! Por que vêm eles com essa crendice do enxofre? Acaso o viram ou cheiraram?

— Então se é crendice demonstrai-lho! Quando os camponeses acreditarem que o inimigo é deste mundo e não do outro, certo podereis estar que se tornarão uma força invencível. Onde está esse manto para lho mostrarmos?

Hendrique deu um salto, fez-se mortalmente pálido e assim ficou, por momentos como uma estátua de pedra. Depois começou a tremer, a tremer e tapou os olhos com as mãos.

(CONTINUA)

O ELEFANTE ZANGOU-SE



O elefante é, por natureza, um animal calmo e pacífico. Na verdade, entre eles raras são as disputas, vivem em boa sociedade uns com os outros, passeando calmamente a sua paquidérmica figura por entre as árvores e através os bosques.

Se com o tempo se tornaram desconfiados e aguerridos, a culpa é só do homem.

Atacam quando qualquer mal os apoquenta, ou por medo ou por dor — puro instinto de defesa. Em geral é a fêmea mais aguerrida que o macho, talvez, porque tendo filhos fáceis de ser caçados, são forçadas a defendê-los.

O elefante sendo pouco rápido na corrida, não percorre mais do que trinta quilómetros por hora, desloca, no entanto, uma pesada massa que muitos estragos provoca. Conta-se que, há tempos, em Kandy, um dos elefantes brancos que fazia parte do cortejo religioso budista anual e que seguia calmamente, se tornou, de repente furioso, lançando-se sobre a multidão. Imagine-se, agora, o que seria um elefante enfurecido, rugindo por entre uma multidão compacta de fiéis, sem sequer um pouco de espaço livre para pôr os pés! Deste embate resultaram alguns mortos e milhares de feridos.

O que motivou esta cólera repentina e mortífera deste pacífico elefante, habituado já a estas vagarosas procissões?

Muito simplesmente, no seu caminho, ele pisou sem querer, algumas brasas incandescentes que restavam de uma fogueira em honra de Buda.

O elefante é um animal venerado na religião budista e com dificuldade poderiam privar-se dele. Tanto mais que, segundo velha crença, o próprio Buda se tranformou num elefante branco, tendo na tromba prateada uma flor de Lotus...

MARIA HELENA DA COSTA DIAS

ANIMAIS. ESSES DESCONHECIDOS

Soluções dos Concursos do *Juvenil*

I — «Gigantes de Portugal»: Alexandre Herculano

II — «Qual é a coisa qual é ela?»: a panela

VENCEDORES

1. — Amigo n.º 1 — Maria Isabel Sander Guerra (Lisboa).

2. — Amigo n.º 99 — Maria Cristina Bentes Ferreira (Lisboa).

3. — Amigo n.º 205 — Manuel Bravo Pestana Gil (Lisboa).

4. — Amigo n.º 775 — Maria Teresa Romano Ventura (Lisboa).

5. — Amigo n.º 1378. — Maria Manuela Cambon Avim (Lisboa).

6. — Amigo n.º 1694 — Isabel Maria das Neves de Azevedo (Lisboa).

7. — Amigo n.º 415 — Mário Jorge de Almeida Beato (Figueira da Foz).

8. — Amigo n.º 1734 — Lídia Leal Lopes (Amadora).

MELHOR TRABALHO SOBRE ALEXANDRE HERCULANO

9. — Amigo n.º 962 — Maria Alzira Semião Seixo (Moita do Ribatejo).

ARTIGO MAIS VOTADO NO N.º 125

10. — Amigo n.º1743—Joaquim Magalhães (Faro).

ARTIGO MAIS VOTADO NO N.º 124

11. — Maria José Vieira Lisboa (Lisboa).

PRÉMIOS

1. — «RATOS E HOMENS» — Livros do Brasil, Lda.

2. — «A EVOLUÇAO DA FISICA» — Livros do Brasil, Lda.

3. — «A FLECHA NEGRA» — Portugália Editora.

4. — «A NEGRINHA A' PROCURA DE DEUS» — Livros do Brasil, Lda.

5. — Idem.

6. — «MUSICA AO LONGE» — Livros do Brasil, Lda.

7. — «AVENTURAS DE TOM SAYER» — Portugália Editora.

8. — «A REVOLUÇAO NA ARTE MODERNA» — Livros do Brasil, Lda.

9. — «MOLEQUE RICARDO», e «OS CARDOS DE BARAGAN» — Livros do Brasil, Lda.

10. — «A BARCA DOS SETE LEMES» — Alves Redol, Publicações Europa-América.

11. — «O MOINHO A' BEIRA DO RIO» — Portuália Editora.

NOTA: — Todos os prémios devem ser levantados na Avenida de Roma, 78, 2.º - esq., em Lisboa, cinco dias após a sua publicação. Os livros que não sejam levantados no prazo de um mês, reverterão para novos premiados. Os livros destinados á província, seguirão pelo correio.

Viagens aos mundos longínquos

por K. GULZINE

Cap. I — Um sonho audacioso

Vivemos uma época extraordinária! Sonhos milenários de domínio do homem sobre a natureza estão a realizar-se e a realizar-se diante dos nossos olhos, o que é maravilhoso e nos traz grandes responsabilidades. O mais velho sonho da humanidade, pelo qual uma infinita multidão de olhos sentidos tem fitado o céu desde que o homem é homem — esse sonho, a Paz, tornou-se agora uma irresistível verdade. Os jovens podem crescer os braços para todas as tarefas quevenham semear felicidade; e, sentindo os pés seguros, avançam resolutamente para novas conquistas da ciência, conquistas que permitirão ao Homem explorar inifinitamente as riquezas naturais da Terra e... E que mais? O grande sábio **Constantino Tziol-Kovski,** de quem adiante será forçoso falar muitas vezes, escreveu, um dia, estas palavras que agora já não nos custa repetir cheios de confiança:

O que hoje é impossível amanhã tornar-se-á possível.

De facto, nós, que tivemos a felicidade de herdar um planeta cada vez mais domesticado — nós poderemos acaso duvidar que esteja próxima a realização do sonho audacioso do homem de voar no espaço cósmico?

Que sonho tão velho, este! Remonta á mais profunda antiguidade. Abrindo um caminho entre os liames da floresta virgem, o homem primitivo não podia deixar de invejar as aves que voavam no céu sobre as suas cabeças. Muitas lendas nos recordam essa velha aspiração.

Uma delas, nascida há mais de 3.000 anos, inspirou o genial filho do povo tadgique (1), Firdusi, que lhe dedicou um poema. Aí conta a tentativa feita pelo soberano persa Caícau, para se guindar aos céus. Conquistara todo o mundo conhecido, o monarca resolveu tornar-se senhor do céu. Mandou construir um carro de madeira extremamente leve e ordenou que a ele engatassem quatro águias, jovens e fortes, para tal fim capturadas pelos caçadores. Armado da cabeça aos pés, o soberano tomou lugar no seu «avião» e mandou que libertassem as águias. Procurando agarrar um naco de carne que fora fixado á sua frente, as águias despediram voo, arrastando no céu o carro com o «aviador». Depressa, porém, os motores vivos se fatigaram, verificaram que se tratava dum jogo destituído de senso e, então, desiludido, o conquistador infeliz regressou á terra.

Outra lenda é a de Icaro, filho de Dédalo, que, tendo ascendido aos céus com umas asas de penas coladas com cera, se aproximou imprudentemente do sol e desta maneira encontrou a morte. A sorte de Icaro pode ser também a dos futuros viajantes interplanetários em rota para Mercurio, caso o piloto incorra no mínimo erro de orientação...

Durante milhares de anos não foi possível tornar realidade este sonho. O homem, rei da natureza, não era capaz de voar. Aprendeu a vogar ao sabor das ondas, a construir barcos, domesticar as superfícies marítimas da terra — mas o céu continuava para ele inacessível. Habitava o fundo do maior oceano do mundo, o «oceano aéreo», e por isso todas as épocas e povos está cheia de lendas baseadas no voo ás estrelas. Elas celebram a audácia de homens corajosos.

A' medida, porém, que se desenvolvia a ciência da estrutura do universo e do nosso sistema solar, os sonhos de viagem ás estrelas começaram a tomar outro aspecto. Hoje, quando falamos de viagens interplanetárias, nós considera-mo-las, acima de tudo, como feitos científicos.

Na realidade, a realização dum voo interplanetário assumiria excepcional importancia para o desenvolvimento da ciência. Durante o voo, ou á superfície da Lua ou de outros planetas, poder-se-ia fazer observações científicas multiplas e variadas, impossíveis na Terra. Não há duvida que tais voos levariam á descoberta de inumeros segredos da natureza, ergueriam a ciência a um mais alto nível; nova era se iniciaria para muitos ramos da ciência: as naturais, como a astronomia, a física, a química, a geologia e a biologia sofreriam um considerável desenvolvimento e ver-se-ia surgir novas ciências.

Que mundo misterioso, emocionante, extraordinário se abriria aos olhos dos habitantes terrestres que atingissem pela primeira vez a Lua, Marte, Vénus! Lá, poderiam descobrir novas formas de vida vegetal e animal desconhecidas na Terra. Um dia virá em que os viajantes terrestres atingirão planetas povoados por seres pensantes que, provávelmente, serão diferentes de nós.

Mas não são apenas as possibilidades de notáveis descobertas científicas que nos atraiem para os voos cósmicos. **Nós não estudamos a Natureza apenas pelo interesse de a estudar** — eis um princípio que sempre devemos ter presente — **mas para a pôr, cada vez mais por inteiro, ao serviço do homem.** Os voos interplanetários abririam, neste caso, perspectivas novas verdadeiramente grandiosas.

(continua)

MAIS NOTÍCIAS!

Depois dos famosos

TRÊS MOSQUETEIROS

de ALEXANDRE DUMAS (Pai)' a PORTUGÁLIA EDITORA acaba de publicar na sua

BIBLIOTECA DOS RAPAZES

mais um romance célebre

OS MERCADORES DE PELES

de BALLANTYNE

Não esquecer, na mesma colecção,

O CAPITÃO FRACASSE

de TEÓFILO GAUTHIER

Obra de um grande escritor francês do século passado

Memórias de uma árvore

por MARIA MANUELA CAMPOS AVIM (15 anos)

«No silêncio da floresta repercutia o bater seco e cadenciado dos golpes do machado, derrubando, implacável, as velhas árvores, minhas companheiras de toda a vida, que tombavam com um gemido prolongado, galvanizante, arrastando na sua queda algumas mais pequenas, que nem tempo tiveram de gozar a vida que começava agora para elas.

Vida! Agora que sei que está a chegar a minha vez, mais te admiro. E' delicioso viver! E' custoso morrer...

Sim, eu, o velho pinheiro, que durante tantos anos me ergui altivo e sobranceiro, sei que vou tombar irremediavelmente. Sinto-o. E' como que uma espécie de arrepio que me percorre o corpo, e me dá a certeza da minha morte. Tantas vezes olhei a paisagem, outras tantas me consegui salvar do carrasco, e hoje, neste precioso minuto, estou a admirar pela ultima vez os campos, as casas, o Mundo!

Eles, os lenhadores, aproximam-se. Oiço as suas vozes grossas, alegres, despreocupadas, ignorantes do drama que se passa no meu coração. Lá vai outro pinheiro. Pobre árvore! Pobre irmão! Vítima inocente do incansável machado que continua a golpear ritmadamente, sem descanso.

Cada vez se aproximam mais. Pela primeira vez em toda a minha existência tenho medo. Um medo atroz que também se pode chamar pavor, que atinge as raias da loucura. Como será a morte? Sofrer-se-á muito? Não quero sofrer! Quero viver! Sou cobarde! Devia pensar: nasci para ser util, vivi para ser util, morrerei para ser util. Mas não consigo. E' contra a minha vontade, o meu desejo. Os meus irmãos gritam ao cair. Sentirão alguma dor, além daquela de abandonar o Mundo, a Vida? Só eles o sabem.

Pergunto: «Vocês sofrem?» Só o vento me responde. O vento e os seus lamentos. Neste transe da existência para o vazio, não me dão atenção.

Os minutos passam. A distancia entre mim e os meus assassinos é cada vez menor. Revolto-me contra a Humanidade que continua a viver enquanto eu morro. A minha amiga, a papoila, teria sentido o mesmo sentimento que eu? Sim, aquela florzinha que foi nascer entre as minhas raizes feias, tristes e duras. E com o seu aparecimento, deu-lhe um tom de admirável encanto, ternura e singeleza. A tal singeleza que só a papoila nos mostra.

Que tristeza profunda quando um garoto antipático a arrancou do pé de mim. Mas ela, pobrezinha, não me quis abandonar, e deixou que as suas pétalas se soltassem. O miudo, aborrecido, atirou-a novamente para junto de mim, com um gesto cheio de desdém. Ali ficou abandonada, morta, enquanto as petalazinhas rubras, como que envergonhadas da sua fraqueza, as petalazinhas que eu tanto amei e admirei, fugiam levadas pelo vento...

Olhei-me a mim próprio. O tronco coberto de uma casca grossa e escura tinha um sítio mais claro. Ali tinham dois namorados gravado um coração e as suas iniciais, numa promessa de amor eterno. Só eu não sou terno, como esse amor. Nem imortal, como um deus!

Os lenhadores estão debaixo de mim. Chegou a minha vez.

O machado ergueu-se para logo cair duramente no meu tronco. Senti o golpe até ás entranhas do meu corpo. Não me doeu muito. Deito um ultimo olhar sobre os meus dominios. Já não tenho medo. Não sofro. Deus é grande, vela por todos. Inclusivamente por mim.

Cada vez mais as forças me abandonam. O machado continua a golpear, quase com uma espécie de furor. Empenha-se a sério na luta contra a Natureza. Mais uns minutos e tudo estará terminado. Continuam a ouvir-se os golpes; estou a oscilar. Já não me seguro bem.

Vou cair. Adeus, vida! Como os outros também vou gemer...

... ...

E deixou-se cair, com estrondo, fazendo tremer o solo.

AMIGO N.º 1378

QUE CULPA TENHO EU?

(Continuação da 1.ª página)

não vi a máquina fotográfica. No chão também não estava. Foi então que eu, o Castro e a Olímpia vimos uma planta que com aspecto terrivelmente guloso estava ao lado do banco... Elly compreendeu as nossas suspeitas:

—Não — disse ele, quase furioso — a planta não foi. Estas plantas só comem insectos...

A planta calmamente estendeu a folha mais, para que um insecto que passava se tentasse a pousar. E mal ele tocou a folha, esta, com uma rapidez horrivel, enrolou-se e depois desenrolou-se. O insecto tinha desaparecido... Era de suspeitar da planta, dada a sua proximidade do banco onde estávamos.

—Não percebo por que é que deixaste a máquina á vontade em cima do banco, sem sequer reparar que estava aqui uma planta destas — disse eu, furiosamente, ao meu amigo Castro.

—Porque as máquinas não têm pernas. Como é que eu ia adivinhar que a malvada planta ia sugar a máquina. Aliás, quem trazia a máquina eras tu. Não disseste nada...

—Eu não trazia máquina nenhuma. Tu é que...

—Trazias, sim, senhor — disse o Castro, terrivelmente encolerizado. — Eu deixei-ta á porta do meu quarto, no hotel...

—Bem, pronto, não falem mais nisso — disse Olímpia, ao ver que estávamos a chegar a uma intensidade furiosa evidente em demasia.

Acalmámo-nos mais. Elly continuou a afiançar-nos pelo dia fora que a planta não poderia ter comido a máquina. Eu, também, consegui convencer o Castro de que a culpa tinha sido dele.

—Está bem, a culpa foi minha— disse ele por fim. — Vou comprar outra máquina...

Regressámos, já era quase noite, ao hotel, e o Castro trazia bem agarrada a máquina que tinha comprado, para substituir a primeira que tinha sido comprada por nós a meias. Fomos pedir a chave dos quartos á recepção do hotel e o empregado, atenciosamente, disse-me:

—O senhor esqueceu-se da sua máquina fotográfica em cima do balcão... está aqui...

—Muito obrigado — agradeci tremendo...

...A unica maneira de calar o Castro foi comprar-lhe a máquina fotográfica, que tinha comprado no planeta Marte... e eu que não gosto nada de tirar fotografias...

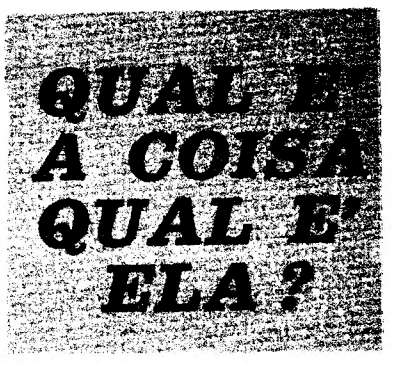
A CONVERSA DA SEMANA

OS ARTIGOS PREFERIDOS

Eis os artigos mais votados no numero anterior:

Preludio	*219*
A juventude e a ciência	*181*
Protesto	*154*
A Ponte	*127*
Animais, esses desconhecidos	*105*
Os cavaleiros da Távola Redonda	*97*
O que pensam os jovens do nosso País	*63*

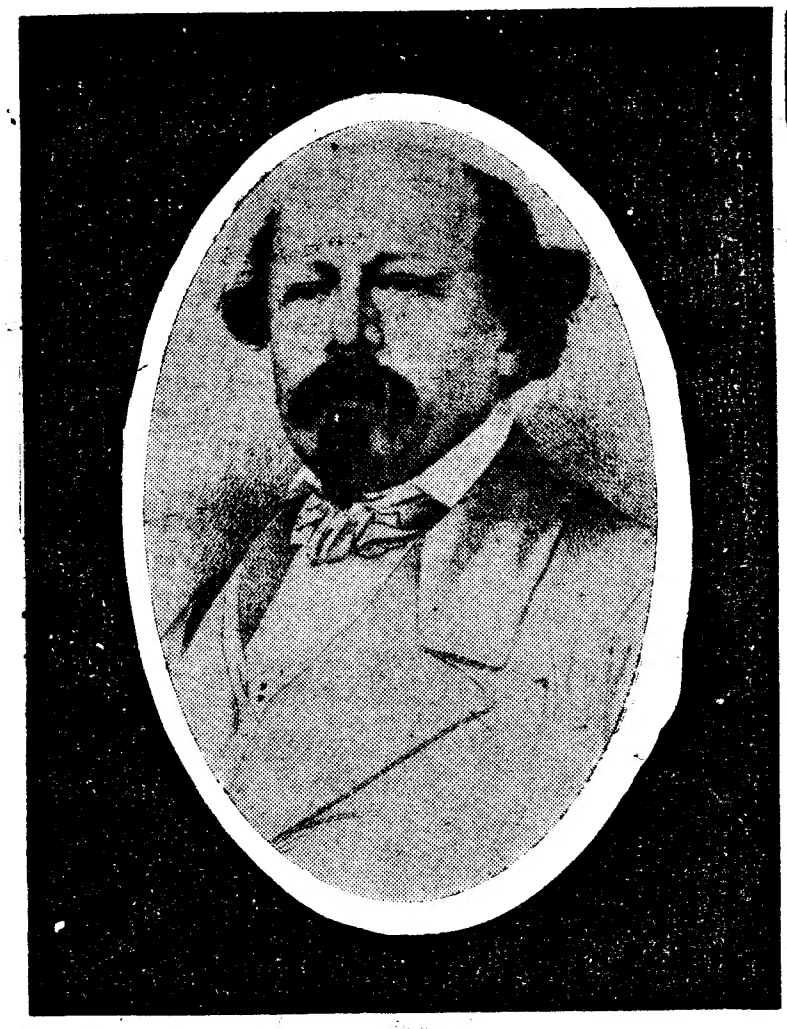
Ao autor do artigo mais votado foi atribuido o prémio «Barca dos Sete Lemes» — romance de Alves Redol.



Ora vamos a mais uma adivinha tirada do livro «Qual é a coisa qual é ela?» da autoria de Fernando Pires de Lima e publicado pela Portugália Editora. E' «horrivelmente» difícil, não acham?

QUAL É A COISA, QUAL É ELA, QUE ANTES DE O SER JÁ O ERA?

As respostas devem estar no «Juvenil» até ao dia 16 de Outubro, sexta-feira, acompanhadas do nome completo, morada, data de nascimento, numero de fichciro (caso já o tenham) e indicação dos três artigos que mais lhes agradaram esta semana.



GIGANTES DE PORTUGAL

Grande orador parlamentar — porventura o maior de que há memória, no nosso País, mesmo tendo em conta Garrett, de quem foi adversário — homem de elevada estatura moral, a sua figura desempenha um importante papel na vida portuguesa do século XIX. Foi uma figura das mais proeminentes do pensamento liberal. Nasceu em Aveiro, onde ainda hoje lhe votam verdadeira veneração. A questão das barcas «Charles & George» deu origem a um dos seus mais notáveis discursos.

As respostas devem estar no «Juvenil» até á próxima sexta-feira, 16, acompanhadas do nome completo, morada, data de nascimento, numero de ficheiro (caso o tenham) e indicação dos 3 artigos que mais lhes agradaram.

Além dos prémios habituais, haverá um, especial, para o melhor trabalho sobre o grande português que hoje homenageamos.

Desenho de LOURO ARTUR (17 anos)

O DIÁRIO DE ANNE FRANK

IMPRESSÕES DO FILME

POR

EDUARDO PRADO COELHO

15 ANOS

Silêncio e negro. Com estes dois ingredientes elementares do cinema, George Stevens, o autor de «O Gigante», conseguiu movimentar oito personagens com um interesse permanente em quatro palmos de espaço. Para além desta dificuldade, que poderia ter transformado o filme num espectáculo enfadonho e insípido, um outro obstáculo se levantava. Adaptava-se ao cinema a «história» contida num diário. E' certo que se diz que a adaptação cinematográfica se faz a partir da peça de Goodrich e Hackett, o que simplifica bastante, dado que o mais difícil estava já feito. Mas Stevens foi ousado. Aproveitando as possibilidades que o cinema lhe oferecia, o silêncio e o negro, trabalhados como obra deourivesaria, procurou ir para lá da história e encontrar o próprio espírito de Anne. E' curioso até notar como, acompanhando a sua evolução lógica, absolutamente nítida no texto, o filme no-la apresenta com uma maturidade e poder de análise, de início, imprevisíveis. Agora, ela estuda-se e estuda os outros, muito mais encontrada e esclarecida.

No entanto, a obra de Stevens não fica por aqui. No «Diário» três problemas se cruzam: o da adolescência, o da guerra e o do isolamento. Para a maioria o mais importante é o da guerra. E, sem duvida, com a mais simples das armas, Anne combateu-a com uma força inexeedível. Soube dum diplomata americano que o recomendava a todos os políticos, principalmente aos egoístas e ambiciosos, que não são poucos. Mas, para mim, de tudo o que diz respeito a Anne, o ponto capital é o modo como ela analisou todos estes problemas, relacionando-os consigo e com os outros.

Anne observou a guerra, temeu-a e perdoou-lhe. Observou os que a rodeavam com a incompreensão própria da sua idade, mas foi inteiramente precisa no seu julgamento. Observou-se e procurou remediar o seu caso, usando Peter como solução. Para o meu ponto de vista, o empolgante do «Diário» está nessa capacidade de dissecar o Mundo. Não esqueçamos que Anne gostaria de ser jornalista. Naturalmente, não se pode pedir impossíveis ao cinema. Assim, o bisturi passa das mãos de Anne para as do realizador. E' este que avolumando os problemas (sem prejuizo, pelo contrário da película), toma as rédeas, é ele que agora analisa Anne e os seus companheiros. E, portanto, esse elemento essencial perde-se, sem que tenhamos de assacar as culpas seja a quem for. Este é um dos muitos perigos que não será inutil repetir, o tratamento cinematográfico que um diário apresenta.

Um outro, por exemplo, foi torneado com um truque «mais velho que a Sé de Braga». Arranja-se alguém, no caso do sr. Otto Frank, que recorda o passado, lendo o que a filha escreveu. Lentamente a voz do pai cede o lugar á de Anne. O processo está estafado. Mas admite-se.

Há, no entanto, um ponto que é de grande interesse discutir, segundo julgo. No filme, Anne começa o seu diário «depois» de se terem escondido. Ora, Anne iniciou-o cerca de um ou dois meses «antes». A primeira versão conduz a um erro muito vulgarizado. Anne escreveu o seu diário devido ao pavoroso isolamento a que se achava submetida. Assim, se não tivessem sido perseguidos, o diário não existiria. Contudo isso não é verdade. «Antes» de se esconderem já Anne se encerrara em si própria já declarara que não tinha nenhuma amiga verdadeira. Admito que, mais tarde, a sua sensibilidade se aguçasse um pouco, mas o seu problema de adolescente não teve a sua estrutura modificada. Na tela, somos levados á interpretação oposta. O problemade Anne aparece como o da rapariga que se encontra afasctada de toda a convivência entre o grupo de apáticos e mesquinhos. O espectador desprevenido não sabe pois a latitude do seu pequeno drama psicológico, nem chega a saber da existência de Kitty. Aliás, a realização estabelece admirávelmente o paralelo entre Anne, o sr. Otto Frank (e talvez Peter) e todos os outros, desenhados um pouco caricaturalmente, mas sem americanices.

AMIGO N.º 1.666

(Conclui no próximo numero)

O que pensam os jovens do nosso País

(Continuação da 1.ª página)

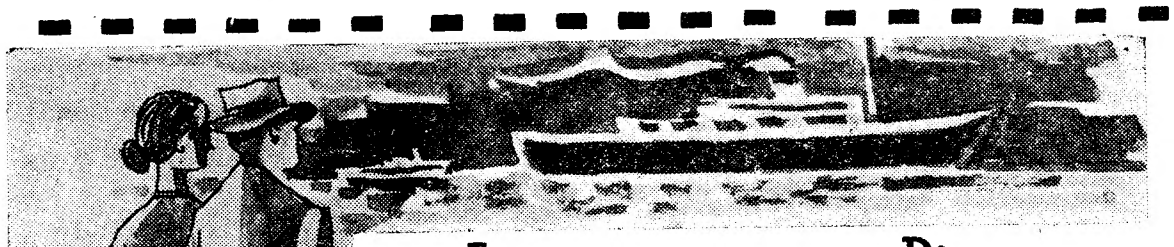
de valores? Em vez de se pôr a técnica ao serviço do homem, não se estará a pôr o homem exclusivamente ao serviço da técnica? Que nos espera então no futuro? Será realmente a liberdade, fim ideal, segundo afirma o José Carlos de Morais, ou será o homem automático preso num círculo vicioso — Técnica para Homem, Homem para Técnica? E neste caso, de que interessa a Liberdade, se depois não saberá que fazer dela? O homem, pela sua natureza, não pode cingir-se inflexivelmente ás regras que orientam uma sociedade e ás vezes os dirigentes dessa sociedade parece esquecerem-se disso. Repito: creio na Técnica, mas como meio.

Estou totalmente de acordo com a segunda parte do artigo. Se não houvesse Comunicação, quer dentro da mesma época, quer a que a História nos fornece, seria impossível o Progresso. O Homem seria constantemente obrigado a voltar ao princípio e não estaria livre para actividades mais vastas. E a essência da Comunicação é realmente a educação.

Mas parece-me que ao referir-se á educação intencional, aquela que é dada na família, na escola, no liceu, na universidade — troquei a ordem por julgar ser esta a mais correcta — o José Carlos de Morais se esqueceu de enumerar uma das mais importantes: aquela que cada indivíduo deve a si próprio e que não é de modo algum inferior ás outras.

A ideia «educar é também ser-se educado», absolutamente certa, contém novamente o princípio da acção e reacção, que se encontra na base de todo o Progresso.

Amigo n.º 365



La vai o nosso Rique...

por AFONSO DE AZEVEDO (17 anos)

O Sol iluminava com seus raios dourados a água límpida do porto de Leixões.

O trabalho era enorme: os estivadores transportavam para os porões do «Boa Esperança» — assim se chamava o navio que dentro em breve ia partir — as ultimas mercadorias.

Da ponte, o capitão gritava:

— Verifica as baleeiras.

— Fecha as escotilhas.

E os marinheiros cruzavam-se nas mais variadas direcções, para cumprirem as ordens do seu comandante.

A hora da partida aproxima-se, o caudal de gente vai aumentando. As habituais cenas de despedida vão desfilando diante de mim, como fita de cinema. Pessoas há que partem em viagem de negócios, há as que vão ter com parentes que se encontram distantes, há-as que tocadas pela fortuna partem em viagem de gozo, e há-as que vão ao encontro da fortuna já que esta ainda as não visitou.

Foi para estas ultimas que dirigi o meu olhar, que enviei o meu espírito.

Oh! Cenas comoventes em extremo.

Criancinhas agarradas aos pais, que lhes depõem sobre as testas inocentes, um beijo, talvez o ultimo, quem sabe...

Esposas apertando contra o peito os maridos que vão á procura de pão para ambos. Etc.

Mas houve uma cena que me despertou um interesse especial. Um casal e duas criancinhas olhavam com tristeza um rapaz dos seus vinte e poucos anos. Dos olhos de todos nem uma lágrima sequer! pois elas já tinham sido todas vertidas, já todas tinham escorrido pelo rosto dilacerado desta pobre gente.

Através de um atifalante uma voz grita:

— Senhores passageiros é favor entrarem, a passadeira vai ser retirada.

E os ultimos passageiros sobem, e com eles vai o tal rapaz. O navio afastava-se e o fumo ia cada vez mais rareando, enquanto o casal fixava o navio com o olhar, e as duas criancinhas olhavam-se tristemente como que dizendo:

— Lá vai o nosso Rique...

AMIGO 1715

UM LIVRO E UM FILME...

O «Diário de Anne Frank» continua a despertar o interesse dum imenso publico de adultos e de jovens. Está publicado em todas as línguas cultas, em centenas de milhar de exemplares. Dele extraíram uma peça de teatro que atraiu multidões. Finalmente, agora, deu origem a um excelente filme.

DIÁRIO DE ANNE FRANK

foi traduzido em Portugal pela escritora ILSE LOSA e editado por

LIVROS DO BRASIL